

MARTA PIMENTA VELLOSO

**Criatividade e Resíduos Resultantes da Atividade Humana:
da produção do lixo à nomeação do resto.**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública – Curso de Doutorado – da Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz – RJ, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências de Saúde Pública.

Orientador: Jorge de Campos Valadares

Rio de Janeiro

2004

MARTA PIMENTA VELLOSO

**Criatividade e Resíduos Resultantes da Atividade Humana:
da produção do lixo à nomeação do resto.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Saúde Pública – Curso de Doutorado – da
Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz – RJ,
como requisito para o exame de obtenção de Grau.

Aprovado em: 06/05/2004

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^o. Dr^o. Edson Luiz André de Sousa

Prof^o. Dr^o. Guilherme Castelo Branco

Prof^a. Dr^a. Clarice Melamed

Prof^o. Dr^o. Jorge de Campos Valadares

Prof^o. Dr^o. Víctor Vicente Valla

AGRADECIMENTOS

À equipe de profissionais do Departamento de Saneamento e Saúde Ambiental da Escola Nacional de Saúde Pública/ Fiocruz, que contribuiu para o desenvolvimento desta tese. Especialmente, Jorge de Campos Valadares, meu orientador, que sempre esteve disponível aos diálogos, acrescentando sugestões enriquecedoras e estimulantes ao meu processo de criatividade.

Aos colegas e amigos do Grupo de Trabalho “Diversidade dos Seres Vivos e das Sociedades e o Comportamento humano”, que me incentivaram com suas idéias e ideais. Em especial, a Tininha, sempre amiga e boa conselheira. Francisco Romão, pelas nossas conversas e pelo contato com a obra de Fayga Ostrower, que foram fundamentais para o meu entendimento sobre o processo de criação. Luiz Felipe Cunha, pela leitura crítica do meu artigo “Criatividade e Resíduos Resultantes da Ação do Sujeito” publicado na *Pulsional revista de psicanálise* e, que, constituiu um dos capítulos da tese. A Déa e Cristina, que sempre ajudaram com alegria e bom humor.

Aos pesquisadores e administrativos do Departamento de Ciências Sociais da Escola Nacional de saúde Pública/Fiocruz, onde fui acolhida durante o desenvolvimento do meu doutorado.

Ao Victor Vicente Valla, pelas sugestões na elaboração do capítulo IV – “Os catadores de materiais recicláveis e a emancipação social” – e pelo contato com a Presidente do Centro Alceu Amoroso Lima (CAAL), responsável pelo trabalho de mediação entre os catadores e o Poder Público.

A Maria Helena (Presidente) e Maria da Guia (Assistente) da CAAL, responsáveis pela mediação entre os catadores e o Poder Público, que me receberam nas reuniões mensais da APUV, concedendo entrevistas e, outras informações de valor para o estudo.

Aos catadores das Associações estudadas, que gentilmente colaboraram na elaboração da tese, falando do seu trabalho e de suas vidas. Em especial, a Geralda (animadora cultural da ASMARE), ao João e ao Wiles (catadores da APUV).

Edson Sousa que, com sua fala, no grupo de trabalho e no meu exame de qualificação, me inspirou na organização e na expressão da escrita.

À equipe de pesquisadores e técnicos administrativos do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. Em especial, ao João Nunes Arriscado, supervisor das minhas atividades no CES, pelos seus seminários e pela sua orientação, que muito enriqueceram a minha pesquisa.

Aos inesquecíveis amigos - Lino, Carlos, Cláudio, Ernani, Maité e Marília, que eu tive a sorte de conhecer em Coimbra, onde compartilhamos intensos momentos de convívio.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos para complementação do meu doutorado, no Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

A Jô Frazão, que gentilmente me propiciou o contato com algumas das obras originais de Farnese de Andrade. Além disso, Jô também me concedeu dados da sua pesquisa sobre a vida e o fazer do artista Siron Franco. Essas referências, foram fundamentais para concretização da minha tese.

Carlos Molinaro, doutorando da universidade Pablo Olavide de Sevilha, que me ajudou na compreensão do português arcaico e do latim, necessários à leitura das obras originais do século XVI.

Alfredo pela amizade, pelos comentários sensíveis e pela dedicação na revisão do português.

Vanessa pela atenção e pelos cuidados dispensados na formatação final da tese.

A Maria Luiza, vizinha e amiga, sempre presente e, contribuindo com o seu conhecimento e amizade nos momentos de criação desta tese.

Aos meus pais pelas rezas e visão de mundo, que contribuíram para eu conseguir ser, quem hoje sou.

Às minhas irmãs Margarida, Mônica, Verônica e Beatriz pela torcida positiva. A margarida por ter ido ao meu encontro em Portugal, onde pudemos passar muitos dias alegres, revivendo as histórias dos nossos ancestrais portugueses. A

Verônica que, em um dos meus momentos de aflição, me ofereceu “A alma encantadora das ruas”.

Luiz Antônio Settineri, amigo de muitos anos, que sempre me acolheu nos momentos cruciais da vida.

Ao querido Edu que, logo depois das “Considerações Finais” da Tese, me presenteou com uma maravilhosa pintura abstrata, da sua autoria, feita na tampa de um antigo fogão – “Os seres abissais”.

A João Batista, que tem me ajudado na busca da inserção no mundo comum.

RESUMO: A tese tem como objetivo, subsidiar o planejamento de espaços-ambientes apropriados ao desenvolvimento do potencial de criatividade humano. A pesquisa tem como ponto de partida a articulação promissora entre o trabalho do catador de materiais recicláveis e do artista plástico. O ponto de interseção entre as duas categorias é a transformação dos restos da sociedade de consumo. Os catadores reutilizam ou restituem a dignidade aos objetos desprezados. Já os artistas transformam o resto desprezado, o subjetivo, em algo nomeado socialmente como arte. O estudo busca se debruçar sobre o processo de descontinuidade que procuramos instituir com a produção de restos – O que eles dizem que somos? Qual o lugar que damos a eles em nosso laço social?. Assim, acaba mostrando como os dejetos não são realidades técnicas, mas valores. Abordar a lógica do dejetos somente do ponto de vista técnico seria perder algo de essencial, que é ali enunciado.

Palavras Chaves: Catadores de Lixo; Resíduos; Resto; Criatividade e arte; Consumo, desperdício e reciclagem; Subjetividade humana.

ABSTRACT: The subject of this work is how to subsidize the planning of concrete places and environments able to develop fullest the potentialities of human creativity. This research began when the link between recycable waste materials pickers and visual artists were first discovered and proved it's usefulness. They have in common the way they reshape the remnants of the consumption society waste pickers give new uses to objects bringing dignity to cast out materials, where as visual artists reshape these subjectively refused objects into art, giving them new social value. This study tries to locate the continuity gap we created in regard to waste materials processing - What may they tell about us? Where do they stand at our social scale of values? Thus becomes clear how waste objects aren't just technical realities but renewed values. Approaching waste objects with a logic that merely envisages their technical side would leave behind something they had as an essential part.

Key Words: Recycable waste material pickers; Remnants; Waste; Creativity and art; Consumption and recycling; Human subjectivity.

INDICE

INTRODUÇÃO	09
I – OS RESTOS NA HISTÓRIA	
I.1 – INTRODUÇÃO.....	15
I.2 – OS RESÍDUOS COMO VEÍCULOS DE IMPUREZAS E ENFERMIDADES..	16
I.3 – O LIXO COMO ESTIGMA SOCIAL.....	24
I.4 – AS MEDIDAS DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA.....	31
II – METODOLOGIA DA PESQUISA	
II.1 – INTRODUÇÃO.....	39
II.2 - MARCO CONCEITUAL: CRIATIVIDADE E EMANCIPAÇÃO.....	40
II.3 – LOCAL DA PESQUISA - OS ATORES EM CENA.....	53
II.3.1- O artista e a obra.....	54
II.3.2 - Os catadores na boca do lixo.....	57
II.3.3 - Associação de Papeleiros Unidos Venceremos.....	60
II.3.3.1 - E como o catador entrou no projeto?.....	61
II.3.3.2 - O Projeto “Lixo gera Livro” virou “Projeto dos Papeleiros”...62	
II.3.4 - Associação de Catadores de Papel Papelão e Materiais Recicláveis.....	62
II.3.4.1 – Como a ASMARE está organizada.....	63
II.3.4.2 - As atividades sociais, culturais, criativas e lúdicas.....	64
II.4 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	66
II.5 - ANÁLISE DOS DADOS - PERCEPÇÃO DO PESQUISADOR.....	68
III - O ARTISTA, O FAZER DA OBRA E SUA INSERÇÃO NO MUNDO COMUM	
III.1 – INTRODUÇÃO.....	78
III.2 - LIXO: VALORES E CRENÇAS.....	79
III.3 – MODERNIDADE TÉCNICA: PRODUÇÃO E DESCARTE DE RESÍDUOS..81	
III.3.1 - O aprisionamento do ser humano.....	85
III.3.2 - O artista e sua função na sociedade: liberdade de expressão.....	88

III.4 - O SUJEITO E A INVENÇÃO DO SEU ESPAÇO NO MUNDO.....	92
III.4.1 - O nascimento do menino capoeira.....	95
III.4.2 - O labirinto do lixo.....	96
III.5 – O PROCESSO DE CRIAÇÃO.....	97
III.6 - A TRANSFORMAÇÃO DO RESTO.....	100
III.6.1 - Na natureza nada se perde, tudo se transforma	101
III.6.2 - O consumo do resto.....	105
IV - OS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS E O PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL	
IV.1 – INTRODUÇÃO	126
IV.2 – A SATISFAÇÃO NA OCUPAÇÃO OU, EM BUSCA DA AUTONOMIA...129	
IV.3 – A SINGULARIDADE E A REINVENÇÃO DE ESPAÇOS-AMBIENTE....	138
IV.4 – DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE E EMANCIPAÇÃO SOCIAL.....	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	162
BIBLIOGRAFIA	
1 – CITADAS.....	166
2 – CONSULTADAS.....	171

“Todas as nossas idéias sobre a vida devem ser retomadas numa época em que nada adere mais à vida. E esta penosa cisão é a causa de as coisas se vingarem, e a poesia que não está mais em nós e que não conseguimos mais encontrar nas coisas reaparece de repente, pelo lado mau das coisas; nunca se viram tantos crimes, cuja gratuita estranheza só se explica por nossa impotência para possuir a vida.”

Antonin Artaud (1896-1948)

INTRODUÇÃO

Os objetos antigos veiculam lembranças do passado, de situações vivenciadas que contribuíram para a formação do nosso presente. Nunca pude me esquecer de alguns acontecimentos da minha infância. Por esse motivo, acho importante relatar o meu primeiro contato com o resto, um determinado objeto com o qual fui presenteada e que, aparentemente, havia perdido a sua utilidade objetiva.

No início da década de 60, pelo menos na minha família, as pessoas não descartavam objetos, como hoje acontece. Havia, na minha casa, uma grande mala, *uma mala sem alça*, que não apresentava mais serventia pois tinha acabado de ser substituída por outra mais leve e com alça, mais facilmente transportável de um lugar para outro.

Assim, ganhei e guardei essa mala durante quase toda a minha infância. Nela depus tudo que encontrei e considerei importante guardar. Minhas bonecas, livros de histórias, papéis de presentes, caixas de sapatos, embalagens de queijo *catupiry* e alguns brinquedos quebrados impossibilitados de conserto, mas que eu fazia questão de reservar como recordação do que representaram para mim.

No mesmo sentido, durante a elaboração desta tese muitas idéias vieram à luz. No entanto, algumas eu não consegui organizar e dar forma e, por isso, abri um arquivo que denominei de *Restos*, onde guardei essas idéias com a intenção de um dia poder expressá-las através da escrita.

Quando decidi ser farmacêutica, ainda adolescente, pensava em pesquisar medicamentos que deveriam me conduzir à cura do câncer ou de outras doenças degenerativas. Nos anos 70, apesar do crescimento da indústria química, a minha imagem do farmacêutico correspondia à do boticário ou à do “alquimista”, em suas buscas de substâncias capazes de curar a doença física. Digo doença física, porque na época desconhecia a influência do psiquismo na origem dos males humanos.

Depois de formada, trabalhei no controle de qualidade de medicamentos. Comecei em uma indústria farmacêutica, uma multinacional suíça. Mas,

ao tomar contato com a rotina do laboratório - analisando sempre os mesmos medicamentos e seguindo as mesmas técnicas, que eram desenvolvidas e padronizadas na matriz suíça - e, mais ainda, com os objetivos da indústria farmacêutica, fundamentados no lucro, pedi demissão.

No ano seguinte, em 1981, ingressei no Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde, onde tive a oportunidade de desenvolver e padronizar métodos para analisar medicamentos, em especial extratos de plantas medicinais, medicamentos industrializados e, mais tarde, a vacina BCG. Entre as provetas, pipetas e aparelhos de extração e destilação daquele instituto, passei longos anos da minha vida profissional. Minha principal atividade consistia em extrair o princípio ativo de extratos de plantas e de medicamentos, estabelecendo a dosagem de cada um através de “técnicas de bancada”, ou seja, fazendo uso de técnicas realizadas manualmente, diferentes daquelas que envolviam o uso de aparelhos de cromatografias líquida e gasosa ou espectrofotômetros de infravermelho e de ultravioleta. Apesar de ter me dedicado tanto às técnicas “artesanais” como àquelas que envolviam a tecnologia de instrumentos mais sofisticados, preferia as primeiras. A partir desse trabalho, fui percebendo como era importante para mim, a proximidade ou o sentimento de estar em contato direto com tudo aquilo que eu fazia. Lidar com a vidraria de laboratório, desde a prática de montar os aparelhos de extração e destilação, até a obtenção da substância purificada, era minha atividade favorita. Momentos como esses reforçavam a minha identificação com o alquimista e o boticário, que participavam integralmente de cada etapa do processo de descoberta da substância pura ou do princípio ativo do medicamento.

Naquele laboratório, fui observando o processo de trabalho dos profissionais que se dedicavam às análises químicas, microbiológicas e toxicológicas de produtos. O ambiente de trabalho, em função da utilização de solventes, reagentes e agentes microbiológicos transmissores de doenças, apresentava toxicidade química e microbiológica. O profissional, permanecia em posições desconfortáveis durante as análises, muitas vezes sendo obrigado a ficar em pé o que causava, principalmente nas mulheres, sérios problemas de varizes. Outros transtornos de saúde, tais como enxaquecas, desequilíbrios hormonais, gastrites, úlceras, estresses em geral e algumas doenças degenerativas, eram freqüentes. Acidentes ocorriam, na maioria das vezes, devido ao processo de descarte de solventes inflamáveis e reagentes tóxicos. Neste contexto, pelos riscos a que se está exposto, as atividades de laboratório geralmente são solitárias, estressantes e insalubres.

Além dos riscos relacionados ao trabalho, os profissionais que trabalham em laboratório sentem que as atividades por eles desenvolvidas não são valorizadas pela comunidade acadêmica. Situação que, muitas vezes, constitui a principal causa da sua grande insatisfação. Assim, diante da minha vivência e percepção sobre o processo de trabalho no laboratório, decidi me candidatar ao mestrado em saúde pública.

Em 1993, comecei o curso de mestrado na Escola Nacional de Saúde Pública, na área de Saúde do Trabalhador. A princípio pensei que o laboratório onde trabalhava seria um bom campo de pesquisa. Mas, frente às impossibilidades que surgiram por parte da direção do instituto, resolvi aceitar a proposta de realizar meu estudo na Companhia de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro - COMLURB. Na época, meu orientador, Luiz dos Anjos, estava fazendo uma pesquisa sobre o desgaste físico do coletor de lixo e a minha proposta de avaliar o processo de trabalho da coleta do lixo foi bem recebida. Durante a pesquisa entrevistei vários coletores e acompanhei o processo de trabalho da coleta do lixo, saindo na boleia do veículo coletor, às cinco horas da manhã, retornando às doze horas. Observei o processo de recolha dos resíduos, nas ruas residenciais, nas favelas, nas escolas e nos estabelecimentos comerciais – restaurantes e lojas. Assim, pude constatar os riscos presentes nas condições e no ambiente de trabalho. Não vou me deter sobre as possíveis doenças ou sobre os trágicos acidentes, mas vou ressaltar a principal queixa do coletor de lixo, que consistia no menosprezo da população à sua ocupação profissional.

Este menosprezo deixou um registro indelével nos meus pensamentos, o que me conduziu ao desejo de dar continuidade aos meus estudos sobre a temática. Na defesa da minha dissertação, Jorge de Campos Valadares, membro da banca, entendeu a minha principal preocupação e, com isso, me incentivou na busca da compreensão desse menosprezo pelo resto, ou por tudo aquilo descartado, como algo que não apresenta mais utilidade objetiva mas que, certamente, veicula uma serventia subjetiva e, portanto, é ignorada ou negligenciada pelos valores de uma sociedade de consumo capitalista.

Assim, imbuída do desejo de prosseguir a pesquisa, no ano de 2000 comecei meu doutorado no Departamento de Ciências Sociais da Escola Nacional de Saúde Pública, sob a orientação de Jorge Valadares. Para alcançar uma melhor compreensão a respeito daqueles que trabalham com os restos, tive que refletir sobre os fatores capazes de propiciarem satisfação ao homem. Estes fatores, certamente estariam vinculados a algo que é inerente ao ser humano, ou seja, ao desenvolvimento do seu potencial de criatividade.

Partindo do princípio de que todo ser humano possui um potencial de criação, e que o *resto* é o ponto de partida para se iniciar o desenvolvimento desse potencial, procuro esclarecer qual o significado subjetivo do resto para o homem. O resto, neste contexto, é constituído por lembranças esquecidas, desejos reprimidos ou sonhos pensados como impossíveis. Portanto, muito daquilo que nos interessa pode estar sendo desprezado em um abrir e fechar dos olhos, sem ao menos pensarmos em porque estamos descartando a essência da nossa vida.

No presente estudo busco, no resto produzido pela subjetividade humana, a inserção do sujeito no mundo comum, ou seja, um espaço de convívio onde ele possa desenvolver o seu potencial de criatividade e, assim, veicular suas reminiscências esquecidas e seus desejos reprimidos, interagindo com o coletivo. Espaço esse que deveria legitimar ao ser humano a sua pertença no mundo e que é cada vez mais negligenciado pela sociedade de consumo.

O estudo foi dividido em quatro partes. Na primeira - “Os restos na história” - é descrito o significado do lixo nos diferentes períodos da história. Na Idade-Média, os resíduos eram, na sua maioria, de origem orgânica – fezes, urina, cascas de frutas e hortaliças. O homem acreditava que as doenças eram veiculadas pelo ar – teoria dos miasmas – e por Deus, como castigo. No Renascimento, as descobertas da circulação sanguínea e dos movimentos da respiração influenciaram o planejamento das cidades. Elas deveriam ser amplas, para que o ar circulasse livremente, e organizadas em ruas principais e secundárias, como as veias e as artérias do corpo humano. Na segunda metade do século XIX, a teoria microbiana destronou a crença nos miasmas. As medidas de higiene começaram a se estabelecer como bons hábitos de comportamento humano. Essas medidas criaram normas, tais como, as de não jogar resíduos sólidos e líquidos para fora das casas; tomar banhos periódicos e, também, construir encanamentos parciais nas habitações, que deveriam carrear os resíduos humanos até um cano comum, localizado nas ruas principais da cidade. Já no início do século XX, as medidas de higiene estão diretamente relacionadas à erradicação dos micróbios transmissores das doenças infecciosas. Assim, em 1902, Oswaldo Cruz é convidado por Rodrigues Alves, Presidente da República, para combater a febre amarela na cidade do Rio de Janeiro. Ele se compromete em erradicar a doença, mas começa eliminando a peste bubônica, matando os ratos – vetores da doença - e queimando o lixo. Até a metade do século XX, o lixo ainda era visto como um problema de higiene. A partir dos anos 70, o lixo começa a ser considerado como uma questão ambiental. Os movimentos ecológicos (como a ECO 92, no Rio de Janeiro) aliados aos

veículos de comunicação de massa, vão conscientizando o homem de que um problema local pode ser transformado em global, ou seja, a contaminação radioativa em determinada cidade pode ter repercussão planetária. Nos dias de hoje, os resíduos orgânicos transmissores de doenças infecciosas, não ocasionam mais temor ao homem. Os Resíduos Sólidos dos Serviços de Saúde (RSSS), anteriormente considerados os mais perigosos, passaram a ser menos temidos do que o lixo produzido pela atividade do homem, que é capaz de destruir, em escala planetária, a natureza e a própria vida humana. Nesse sentido, o que está sendo priorizado – a integridade da saúde pública ou os interesses econômicos da classe hegemônica?

Na segunda parte - “Metodologia da pesquisa” - procuro demonstrar a vinculação entre a emancipação social e a criatividade dos sujeitos. Justifico a minha escolha em trabalhar com duas categorias ocupacionais: catadores de lixo e artistas. Tanto um, como o outro, se dedicam ao processo de transformar o material desprezado em objeto reutilizável ou de valor. Os primeiros aproveitam o lixo como matéria-prima para a geração de novos produtos. Já os segundos transformam o lixo em arte, em objeto de valor, que envolve sentimentos humanos. O fazer do artista incorpora a unificação entre inconsciente e consciente, entre subjetivo e objetivo. A inserção social do artista pode se dar através da sua obra. O catador de resíduos busca sua autonomia, mas normalmente é excluído da sociedade. Como ele pode se inserir no mundo comum? Realizei entrevistas com catadores e artistas, observando e registrando, por meio de fotografias, o fazer das duas categorias ocupacionais.

Na terceira parte - “O artista, o fazer da obra e a inserção no mundo comum” - busco uma melhor apreensão sobre o trabalho do artista; de que forma ele está inserido no mundo comum e qual é o seu papel na sociedade. O lixo, o resto concreto, está relacionado ao *resto* gerado pela subjetividade humana. A sociedade de consumo consegue transformar o corpo do homem em um receptáculo para os seus produtos. O ato de consumir objetos desnecessários ou supérfluos pode estar substituindo desejos humanos reprimidos. O artista, através da sua obra, pode alcançar momentos de completude. A interação dinâmica entre os opostos complementares, consciente e inconsciente, que ocorre no fazer do artista, pode originar uma outra *realidade*. Muitos outros homens podem se identificar com a obra ou com a *realidade* do artista e, nesse sentido, eles também vivenciam momentos de completude ou de uma nova perspectiva de vida.

Na quarta e última parte - “Os catadores de materiais recicláveis e o processo de emancipação social” - com base no estudo que realizei em duas associações

de catadores de materiais recicláveis, busco uma possível inserção social da categoria. No universo do trabalho, ser catador é uma opção limite, que acontece quando o cidadão tem poucas possibilidades de inclusão profissional e social. Logo, essa inclusão vai depender da reinvenção de alternativas de produção, a serem estruturadas em princípios não capitalistas. Junto à organização dos catadores em associações ou cooperativas deve ocorrer, ao mesmo tempo, um processo integrado de transformação cultural, social e política dos seus membros. A emancipação de grupos, de comunidades e da sociedade como um todo, só pode ser alcançada pela criatividade dos seus sujeitos. Neste sentido, os sujeitos devem ter a capacidade de reinventar uma outra *realidade*, instituindo diferentes leis e criando, desta forma, um novo *eidos* ontológico, um si mesmo diferente, em um mundo diferente. Penso que o poder de decisão e o processo de emancipação de uma pequena comunidade, devem se dar através da interação entre o singular e o coletivo, e do estabelecimento de uma relação no sentido horizontal, de baixo para cima, entre os seus diversos componentes.

I – OS RESTOS NA HISTÓRIA

I.1 - INTRODUÇÃO

Na Antigüidade e na Idade Média, as epidemias de “pestes” eram comumente interpretadas como “castigo de Deus” pelos pecados que o homem havia cometido. O contágio se dava através do ar corrompido – concepção dos miasmas - pelos resíduos eliminados dos corpos enfermos e dos cadáveres em putrefação.

O século XVII deu início às descobertas científicas fundamentadas na observação e na experiência, havendo um retorno à medicina de Hipócrates. Este período foi marcado pela descoberta da circulação sanguínea, pelo movimento da respiração e pelo questionamento, por alguns cientistas, da teoria dos miasmas. O corpo do homem devia estar em harmonia com seu ambiente externo. Por isso, as cidades começam a ser planejadas, inspiradas na circulação do sangue e nos movimentos da respiração. Elas deviam ser amplas para que o ar circulasse livremente, sendo divididas em ruas principais e secundárias, da mesma forma que as veias e artérias do corpo humano, que transportam hemácias e outros elementos do sangue para os órgãos. As medidas de higiene também foram influenciadas pelas novas descobertas – os resíduos orgânicos deveriam sair das casas através de um cano parcial, que nas ruas se acoplariam a um cano comum ou principal (rede de esgoto).

A partir da metade do século XIX, com a afirmação da descoberta, por Pasteur, dos agentes microbianos, as medidas de saúde pública vão se tornando mais voltadas para a higiene pessoal e do ambiente. Os agentes microbianos, transmissores de algumas enfermidades, como a peste, já podem ser controlados. No início do século XX, Oswaldo Cruz é convidado por Rodrigues Alves, Presidente da República, para erradicar a febre amarela no Rio de Janeiro. Mas, antes ele resolveu combater a peste. Com o intuito de erradicar a enfermidade, ele começa eliminando os ratos, hospedeiros das pulgas, que são vetores da bactéria transmissora da doença.

Assim, todo lixo deveria ser queimado e as águas estagnadas ou poluídas, evitadas, pois tanto o mosquito transmissor da febre amarela como o rato, reservatório natural da pulga, potenciais desencadeadores de epidemias, poderiam causar sérios riscos à saúde da população.

No século XX, até os anos 50, o lixo era associado às doenças infecciosas e, assim, tratado como uma questão de higiene. A partir da década de 70, com a aceleração do processo industrial, o lixo começa a ser discutido como questão ambiental. As pessoas observam através de fatos ou dos meios de comunicação de massa, que um problema local pode ser transformado em planetário, por exemplo, em acidentes com produtos químicos e radioativos.

I.2 – OS RESÍDUOS COMO VEÍCULOS DE IMPUREZAS E ENFERMIDADES

Podemos verificar na história, que os restos estão sempre associados ao corpo do homem e às suas atividades. Na Antiguidade, o homem guardava os restos mortais dos seus antepassados nas cavernas, onde ele sempre voltava para render culto aos que vieram antes e apaziguar os espíritos. Aos poucos esse espaço foi se tornando local de habitação, de moradia, e o homem foi deixando de ser um nômade, acostumou-se a um lugar. É interessante notar, que a origem das palavras morada, morte e costume, é a mesma - mor, moris (Cunha e Silva, 2000).

Na Idade Média, a maioria dos restos resultantes da atividade do homem estava diretamente relacionada aos resíduos produzidos pelo seu corpo - fezes, urina, secreções em geral e o próprio corpo humano em decomposição. Também havia os restos provenientes da alimentação: carcaças de animais, cascas de frutas e hortaliças.

Os restos começaram a causar medo no homem, a partir do momento em que foram sendo associados ao seu sofrimento físico e psíquico. Esse sofrimento, ficou bem marcado na ocasião do surto manifestado pelas epidemias e pandemias de algumas doenças.

Neste sentido vamos observando, no decorrer da história, que o homem no seu processo de elaboração do conhecimento, vai associando segundo sua sensibilidade e sensações, os fatos vivenciados. E que, através da percepção, ele vai ordenando e dando forma a esses fatos, que, por sua vez, vão sendo exteriorizados em diversas e diferentes formas de expressões. Entretanto, cabe acrescentar que a cultura

constitui fator essencial no processo de construção do saber e, portanto, na representação do imaginário social.

Com a intenção de mostrar, no decurso da história dos restos, o significado da doença no corpo, tomei a peste como referência na construção do conhecimento sobre os resíduos. A relação entre corpo, doença e resto, explicitada na história, vai originar as representações sociais sobre enfermidade e resíduo, uma vez que foi se tornando difícil falar de uma sem tocar no outro. Nesse sentido, descrever os sintomas da peste, na Antiguidade e no Medievo, é pensar na produção de resíduos ou na transfiguração do corpo humano em restos repugnantes. Assim, a representação dos resíduos foi sendo construída pelo imaginário social, segundo as tragédias causadas pelas epidemias e pandemias de “pestes”.

Na Idade Média, as palavras “praga”, “peste” ou “pestilência”, significavam a aparição de uma enfermidade epidêmica, que produzia um alto índice de mortalidade. Houve, assim, pestes ou pragas famosas que chegaram a ser denominadas com o nome do lugar onde começaram ou onde tiveram maior intensidade. A mais tristemente famosa de todas foi uma peste do século XIV, chamada de *morte negra* ou *peste negra* (Ursino, 1541)¹.

Neste período medieval, quando se fala de peste ou de pestilência, nem sempre se pode afirmar que se trata da peste [bubônica], já que outras moléstias, também amplamente agressivas, estavam presentes [hoje diríamos: epidemias de gripe, vírus, tifo, cólera e varíola]. Todavia, a “peste negra” está bem descrita e detalhada, desde os primeiros sintomas, até as suas últimas conseqüências. O “mundo antigo” se viu flagelado por enfermidades que se estenderam com grande rapidez, com características de epidemia ou pandemia, causando alto índice de mortalidade. E a estas epidemias as pessoas se referiam com o nome genérico de “pestes”².

As “pestes” causavam temor e, no período medieval, muitas vezes foram interpretadas como “castigo divino”, pelos pecados que o homem havia cometido. Além dessa crença, os homens também acreditavam que as enfermidades poderiam ser transmitidas pelo ar corrompido – teoria dos miasmas – e já percebiam que o contágio da doença se dava de pessoa a pessoa. Fato que começou a gerar medo na aproximação com o outro, o que poderia propiciar o contato com as secreções eliminadas pelo doente durante o processo da enfermidade, tais como o sangue e o pus

¹ *ELEGIA DE PESTE por Giovanni Ursino, em 1541*. Seção de Obras Raras da Biblioteca Geral da Universidade Coimbra Portugal.

² Idem 1

provenientes dos bubões, no caso da peste bubônica. O terror causado pela doença está visível, na seguinte descrição do estado do enfermo³:

“...[alguns] cuspiam sangue, [outros] tinham no corpo, manchas roxas escuras e destas ninguém escapava. Os doentes tinham apostemas ou estrumas nas ínguas ou debaixo das axilas, e destes alguns escapavam, e temos de dizer que estes enfermos eram muito contagiosos e que quase todos os que cuidavam dos enfermos, morriam, assim como os sacerdotes que recolhiam as confissões. O Papa ordenou que, quando morresse um pestilento, todas as pessoas presentes ou próximas, dissessem: que Deus te bendiga...”

O terror associado ao contágio da peste, muitas vezes ocasionava o abandono do enfermo à sua sorte e, como medida de proteção contra o trágico mal, eram deixados isolados. O desamparo do “pestilento” está registrado, na obra intitulada “Decamerão” de Giovanni Boccaccio (1313 – 1375)⁴:

“...Os homens se evitavam...parentes se distanciavam, irmão era esquecido por irmão, muitas vezes o marido pela mulher; ah, e o que é pior e difícil de acreditar, pais e mães houve que abandonaram os filhos à sua sorte, sem cuidar deles e visitá-los, como se fossem estranhos...”

As epidemias, como punição dos deuses, pareciam constituir uma associação importante, já presente na Antiguidade. O texto da “peste”, em Ovídio (42aC – 18dC), registra bem a associação entre “pestes” e castigo divino: o flagelo terrível que atacou o povo teria sido provocado pela ira de Juno junto a terra. Além da doença como castigo divino, mas atribuída às condições climáticas, encontramos os dizeres de Ovídio, sugerindo que a peste brotou com ímpeto, quando

“...O céu cobriu a terra com uma escuridão profunda e encheu essas trevas com um calor sufocante. O cálido Austro soprou um vento mortal...era evidente que a peçonha se espalhava pelas fontes e pelos lagos, e que milhares de serpentes, errando pelos campos incultos, contaminaram os rios com o seu veneno...”(Diniz, 1999)⁵.

³ Idem 1, ob.cit.7p.

⁴ Idem 1

⁵ OVÍDIO. (1983). *As Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Ediouro. In: DINIZ, S.A. Epidemia: história epistemológica e cultural. *revista Política & Trabalho* 15, Set.1999,179-192p.

O pensamento médico fundamentado na teoria das influências astrais, ressaltava o ar como o meio de transmissão das doenças. Eram o ar envenenado, os miasmas e as névoas pesadas e pegajosas, provocando todos os tipos de agentes naturais e imaginários, desde águas estagnadas dos lagos e rios, até a conjunção negativa dos planetas que disseminavam a doença e a morte entre os homens. Assim, segundo a concepção dos miasmas, o ambiente corrompido das habitações e os hábitos das pessoas, eram também associados à propagação da peste.

As características das moradias eram as mesmas - tanto os lares mais humildes como os castelos de pedra dos senhores feudais, possuíam um único e grande cômodo. Situação que agravava os problemas relativos à saúde de seus habitantes. O principal agente insalubre era a co-habitação com os animais de criação; outro problema dizia respeito à ventilação, via de regra apenas uma janela, permanentemente fechada para manter a casa aquecida. As casas, na sua maioria, tinham um piso de terra batida, por vezes forrada com palha ou junco. Elas eram aquecidas por uma lareira central, onde uma fogueira estava sempre acesa. Para dormir utilizavam camas, geralmente envolvidas por cortinados, que proporcionavam maior privacidade. Nessas camas, largas e compridas, dormiam de duas a oito pessoas. Assim o ambiente era, via de regra, úmido, esfumaçado e a ausência de privacidade e conseqüente promiscuidade, era agente eficaz na transmissão de doenças. Nestas condições, se um membro da família adoecia, evitar o contágio era tarefa muito difícil.⁶

As cidades, no medievo, eram densamente povoadas. Dejetos e águas fétidas eram atiradas pela janela. As roupas eram lavadas raramente e, como conseqüência, elas ficavam infestadas de pulgas, percevejos, piolhos e traças. Então, catar piolhos era uma atividade regular das famílias, sendo mesmo uma forma de lazer. Quem mais corria risco eram os recém-nascidos, já que as mulheres, ao dar a luz, para não estragar os lençóis ainda em bom estado, costumavam forrar as camas com lençóis sujos e velhos. Entre um quarto e um terço das crianças morriam antes de completar um ano e muitas outras antes dos dez anos. De cada dois nascimentos bem-sucedidos, somente um chegava à idade adulta. As casas eram ninhos de ratos que disputavam os restos de comida com os animais de criação (Dessennius, MDLXVIII).⁷

Nesse sentido, o contágio era também atribuído ao ambiente em que os homens viviam. O “ar corrompido”, respirado pelos homens, vitimava-os. Este “ar”

⁶ *ELEGIA DE PESTE* por Giovanni Ursino em 1541, Seção de obras Raras da Biblioteca Geral Universidade de Coimbra, Portugal.

⁷ *DE PESTE COMMENTARIVS* por Bernardus Dessennius, MDLXVIII, Seção de Obras Raras da Biblioteca Geral Universidade de Coimbra, Portugal.

alterava o corpo, putrefazendo-o. Os banhos em águas “fétidas” implicavam em macular o corpo e impor toda uma série de moléstias. O interessante é que, ainda assim, “o banho era prejudicial se tomado em excesso” – “banhar-se em excesso” era fazê-lo mais de duas ou três vezes por ano – ele dilatava os poros do corpo, aumentando a possibilidade de “contato com os miasmas”.⁸

A doença também estava associada à abertura para as sensações. Os homens mais sensíveis, sensuais ou ávidos pelas sensações do corpo, ou seja, os que não se isolavam pelo medo da enfermidade, se tornavam mais vulneráveis ao contágio. O contato com o “ar corrompido” deveria ser evitado. Assim, as práticas para combater a doença se resumiam basicamente às medidas de isolamento, que protegiam o corpo de influências nocivas à saúde, tais como, beber e comer em exagero e ter freqüentes relacionamentos com mulheres (Czeresnia, 1997).⁹

As práticas contra a doença consistiam, na desinfecção do “ar” e das pessoas, ou seja, em acender fogueiras nas encruzilhadas da cidade, passar perfumes e enxofre nos corpos, nos objetos, nas roupas e nas casas, a fim de purificar tudo aquilo que pudesse estar contaminado. Mais raramente, eram aplicados alguns tratamentos fundamentados no conhecimento rudimentar da “cura pelo semelhante”. Para evitar marcas, envolvia-se o doente de varíola em um pano vermelho, mantendo-o deitado em uma cama com cortinas também vermelhas. Acreditava-se que os banhos em águas fétidas, protegiam o corpo contra os miasmas. Os picadinhos de serpentes eram ingeridos na forma de poções, com o intuito de proteger os enfermos do veneno da peste. Também havia uma curiosa crença de que os zeladores de latrinas estavam imunizados, o que levava muitas pessoas a visitarem esses estabelecimentos públicos, supondo eficazes seus maus odores¹⁰. As misturas de idéias e de pré-noções associadas à doença se organizavam na mente humana e davam forma às suas representações que, por sua vez, criavam novos conceitos, teorias e práticas.

Os sinais da doença causavam pavor ao enfermo e aos mais próximos a ele. Os bubões purgavam pus e sangue e eram acompanhados por manchas escuras, resultantes de hemorragias internas. Os doentes sentiam dores muito fortes e geralmente morriam em até cinco dias após a manifestação dos primeiros sintomas. No caso dos pulmões, o doente tinha febre alta e constante, tosse forte, suores abundantes e escarro sangrento, e morriam em três dias ou menos. Em ambos os casos, tudo que saía do

⁸ Idem7

⁹ CZERESNIA, D. 1997. *Do Contágio à Transmissão: ciência e cultura na gênese do conhecimento epidemiológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

¹⁰ Idem7

corpo - hálito, suor, sangue dos bubões e pulmões, urina sanguinolenta e excrementos enegrecidos pelo sangue - cheirava extremamente mal. A depressão e o desespero acompanhavam os sintomas físicos, o que levou alguns escrivões da época a dizer que "a morte se estampava no rosto dos condenados". As pessoas dormiam com saúde e morriam antes de acordar. Foi grande o número de médicos e de pessoas caridosas, entre elas freiras, que morreram ao tentar ajudar os doentes. O contágio fulminante ficou bem caracterizado, já que uma pessoa enferma era capaz de "contaminar todo o mundo".¹¹

O fantasma da peste rondava a vida das pessoas. Obter água limpa para beber e cozinhar era um problema, pois o conteúdo das fossas infiltrava-se no solo e contaminava os poços. Lixo, resíduos de curtume e matadouros poluíam os rios. No interior das casas, a transformação tornava-se visível com a transfiguração do corpo do doente na proximidade da morte. No ambiente externo, as águas estavam impregnadas dos restos eliminados pelos doentes e dos resíduos oriundos dos cadáveres em decomposição.

Este cenário afirmava, mais uma vez, a "concepção dos miasmas", que se propagavam pelo ar, transformando o mundo e transfigurando o corpo humano em restos repugnantes. No caos, entre a vida e a morte, o homem junto com a "peste", também sofria transformações. A "peste", quando não matava, "purificava" o homem. O enfermo que conseguia alcançar a cura, mudava sua visão sobre o mundo. Ele deixava de temer a doença pois se sentia capaz de vencê-la.

A doença, percebida como algo "divino" e estando em um plano superior ao humano ou "profano", tornava-se algo não palpável, coisa do destino e, assim, fugia ao domínio do homem. As vítimas da peste, consideradas como pecadoras, deviam ser condenadas ao sofrimento. As medidas contra a peste, que eram fundamentadas em princípios morais, censuravam os prazeres sexuais e gustativos do corpo, ainda permanecendo, durante alguns séculos, associados ao pecado, ao profano e ao indigno do divino. A concepção dos miasmas, como meio de contágio das enfermidades, estando relacionada aos fenômenos da natureza – as estações do ano, o clima quente ou frio, os ventos, as tempestades – permanecia passível a mudanças naturais.

Na Antiguidade, Hipócrates (460aC – 380dC), médico grego considerado "pai da medicina", já inaugurava a ciência baseada na observação clínica. Ele considerava como causa das doenças, o desequilíbrio entre o que chamava de

¹¹ Idem 7

humores: o sangue, a fleuma (estado de espírito), a bÍlis amarela e a bÍlis negra. Para Hipócrates, todo corpo trazia em si os elementos para sua recuperação. Mas, o conhecimento do corpo só seria possível a partir do conhecimento do homem como um todo. Assim, o homem representava o microcosmo e o universo, o macrocosmo. O microcosmo deveria se encontrar em harmonia com o macrocosmo, ou seja, o corpo humano deveria estar equilibrado com seu ambiente externo. No seu estudo “Ares, Águas e Lugares”, ele expõe as influências do ambiente na saúde do homem, ressaltando como fatores essenciais para uma vida saudável, a água isenta de impurezas e o ar puro.¹²

Até o século XIX, duas formas polares de representação da doença fundamentaram o saber médico sobre as epidemias: a concepção ontológica, presente no imaginário de praticamente todas as culturas desde a Antiguidade e, a concepção dinâmica, formada no mundo grego, em conformidade com a *physis*. As noções de contágio e miasmas estiveram associadas a essas duas concepções de doença. A primeira compreendia a enfermidade como uma entidade concreta que vinha do exterior, tanto do ar como de outros indivíduos e objetos e que não fazia parte da natureza humana. Era uma espécie de mal que invadia o corpo, como espÍritos, possessões demonÍacas ou flechas lançadas por deuses. Neste caso, o homem doente seria aquele ao qual havia se agregado um ser (a doença). A cura seria, em oposição, um esforço para expulsar, por meio de tratamentos mágicos, esse ser estranho (Diniz, 1999)¹³.

Já na concepção dinâmica, baseada nas teorias de Hipócrates, a doença surgia em conseqüência do desequilÍbrio ou da desarmonia entre o homem e a natureza. Logo, a doença pertenceria ao corpo do homem e constituiria o meio dele readquirir sua harmonia com a natureza, ou seja, ela seria uma reação natural e generalizada do organismo, que surgia para recuperar o equilÍbrio do corpo.

Entretanto, estas duas concepções convergiam para uma dimensão naturalÍstica, ou seja, a natureza era harmonia e equilÍbrio estático (concepção ontológica) ou dinâmico (concepção dinâmica) e a ação interventora da medicina era essencialmente passiva, contemplativa, e consistia em apenas potencializar as tendências naturais. Segundo compreendia a medicina hipocrática-galênica, a simples absorção do ar corrupto degenerava os humores corporais que, ao serem expelidos pelos poros ou pela respiração, poderiam corromper o ar. Portanto, a noção do contágio

¹² Extrato de: Hipócrates, *Airs, Waters, Places*. W.H.S.J. (ed) Cambridge, Harvard University Press, 1948.

¹³ DINIZ, A.S., 1999. Epidemia: história epistemológica e cultural. *Revista Política & Trabalho*, n15, Set.

envolvia não só aquilo que poderia decorrer do contato, mas também da simples aproximação. Não havia como distinguir, com clareza, contágio e miasmas¹⁴.

Contudo, no século XVI, Fracastoro (1478 – 1553), em suas observações sobre a natureza e a disseminação das doenças infecciosas, supôs que as infecções passavam de uma pessoa a outra por meio de pequenos corpos capazes de auto-reprodução. Ele definia o contágio como uma corrupção ou infecção, que ocorria de forma análoga entre portadores e receptores, ocasionada por partículas imperceptíveis. Três séculos mais tarde, o cientista francês Louis Pasteur e o Cientista alemão Robert Koch confirmaram suas teorias¹⁵.

Nos dias de hoje, reconhecemos a peste como uma doença de cadeia epidemiológica complexa, envolvendo roedores, carnívoros domésticos (cães e gatos) e silvestres (pequenos marsupiais), pulgas e o homem. É uma doença infecciosa e contagiosa, possuindo como agente etiológico a bactéria *Yersinia pestis*, que é transmitida ao homem pela picada da pulga infectada, encontrada principalmente nos ratos. As gotículas transportadas pelo ar e as secreções bronquiais de pacientes com peste pneumônica, constituem os meios de transmissão mais frequentes de pessoa a pessoa. Tecidos de animais infectados, fezes de pulgas e culturas de laboratórios também são fontes de contaminação para quem os manipula sem obedecer a normas de biossegurança. A sua persistência em focos naturais, no Brasil e em outros países do mundo, é uma importante característica ecológica e epidemiológica da doença, dificultando a sua erradicação e impondo a manutenção da sua vigilância e controle, mesmo quando em baixas incidências¹⁶.

Cabe ressaltar que, a partir do século XX, a epidemiologia começou a ser prejudicada pela visão mono causal das doenças, *i.é.*, o combate a determinada epidemia, tornou-se restrito à eliminação do agente etiológico e de seus vetores. A análise epidêmica de uma doença não deve ficar limitada ao seu aspecto objetivo, ou seja, ao entendimento do seu ciclo de transmissão: o agente etiológico, os vetores, os reservatórios e as condições ambientais, em que ela se desenvolve. Além disso, também precisamos conhecer a subjetividade daqueles que se contaminaram – os traços singulares físicos e psíquicos das pessoas infectadas; em que circunstâncias elas se contaminaram; quais são suas condições de vida, de trabalho e suas raízes culturais; e ainda, como elas percebem a doença no seu corpo .

¹⁴ Idem 13

¹⁵ Idem 13

¹⁶ www.funasa.gov.br – Vigilância epidemiológica de doenças e agravos específicos.

Situação semelhante pode ser observada no caso dos resíduos que, até os anos 50 foram associados a doenças, permanecendo restritos à área médica. O lixo e os seus riscos, somente a partir dos anos 70, começaram a ser considerados como questão ambiental. Foi quando percebemos quanto o nosso planeta estava sendo degradado pelos resíduos gerados por substâncias de origem biológica, química e radioativa, que vinham deteriorando a saúde do homem e o ambiente. Estas substâncias foram produzidas pelo próprio homem e, algumas vezes, apesar de descoberta a sua toxicidade e, em certos casos, a sua letalidade, as autoridades continuaram sendo negligentes quanto à destinação final de tais substâncias. O homem cria situações em que, apesar de conhecer os perigos, ele prefere se arriscar. Nesse aspecto, o que está sendo priorizado: a integridade das medidas de saúde pública ou o “poder” econômico da sociedade de consumo?

I. 3 – O LIXO COMO ESTIGMA SOCIAL

Conforme os acontecimentos ocorridos no século XIV, no que se refere à epidemia da peste negra, pudemos observar as diferentes formas de representações dos fatos, relacionadas a possíveis causas da enfermidade e seu contágio. Contudo, as tragédias que acompanharam o desconhecimento do homem sobre as causas reais da grave enfermidade, certamente prejudicaram seu imaginário social sobre os restos. Ainda hoje, os resíduos são vistos como algo ameaçador e, por isso, comumente são afastados ou enviados para locais bem distantes dos nossos espaços físicos de convívio e para longe, também, dos nossos pensamentos.

Os resíduos, reconhecidos como ciscos, restos, lixo ou como tudo aquilo desprovido de uma utilidade óbvia e, portanto, objetiva, foram adquirindo uma imagem negativa, quase sempre associada à sujeira, à contaminação, à doença, à morte e à miséria.

Fazendo uma correspondência entre o conceito negativo do lixo e o corpo humano visto como veículo de doenças, Moura (1996) equipara a imagem dos leprosos à dos homens-lixo, que eram proscritos do convívio social e atirados para um lado qualquer, longe de tudo e, desde então, longe de uma vida digna. Segundo ele, os homens-lixo ou os leprosos, conjugavam dupla condenação – a da natureza, na decomposição do corpo vivo e a da humanidade, na recusa da pertença social.

Seguindo a reflexão do autor, na ausência da pertença política e social, não existe humanidade. Sem pertença, nada de humano existe. Não há humanidade sem comunidade. O excluído é, na verdade, um paria, um estrangeiro sem país de origem, ou um leproso condenado ao ostracismo, sem retorno. O homem-lixo já não se reconhece como humano e sente-se como obstáculo ao progresso de todos. Para sobreviver, ele mendiga a dupla necessidade – a do estômago e a do perdão pela culpa de se sentir um corpo resto. Assim, ele não vive, mas sobrevive, não reivindicando a pertença, e sim, apenas a permanência.

O leproso é excluído do convívio social e sente-se culpado por essa exclusão. Na sociedade contemporânea, industrial e capitalista, o homem é valorizado pela sua capacidade de consumo. Assim, o corpo, incapaz de consumir bens e serviços e, além disto, sendo portador de uma doença contagiosa e degenerativa, torna-se duplamente um *corpo resto*, ou seja, ele é considerado como *descartável*, um ser inútil aos ideais da sociedade de consumo.

Mas hoje, no tempo em que se pensa em si mesmo como a última civilização, a colônia de leproso ocupa quase todo o planeta, não só literalmente, devido ao crescimento de devastadoras infecções que assolam favelas e bairros mas, acima de tudo, pelo surgimento dessa nova espécie de homem, que se encontra mais próximo do lixo do que de uma digna condição humana.

Nesta dolorosa circunstância, conforme afirma Moura (1996), tudo aquilo que representava o limite da decência, da dignidade, da doença, da loucura e do desamparo, já foi ultrapassado nas grandes cidades do nosso mundo. Assim, diante da incapacidade do homem em solucionar a desumanidade vigente, todos nós, cada um a seu modo, vamos perdendo a última camada que nos faz ser humano e, com isso, nos transformamos em homens-lixo.

No final da Idade Média e na Modernidade, as pessoas que cuidavam do destino final do lixo, eram marginais à sociedade. Assim, como o resto ou a sobra, esses seres humanos também eram escolhidos de acordo com a ocupação ou com o papel social que desempenhavam. Neste período, os serviços de limpeza estiveram freqüentemente subordinados ao carrasco da cidade, e eram executados pelos seus auxiliares. As tarefas ligadas aos dejetos, inclusive o destino de cadáveres, eram delegadas a prostitutas, prisioneiros de guerra, condenados, escravos, ajudantes de carrascos e mendigos. Tal fato é importante para a compreensão de como o trabalho com resíduos foi sendo socialmente desqualificado. Segundo Hösel, a partir de 1624, na cidade de Berlim, Alemanha, começou-se a empregar prostitutas na limpeza das ruas,

usando-se como argumentação o fato de que elas “*usavam mais as ruas do que os outros cidadãos*” (Eigenheer, 1999:75p).

Durante o período medieval, os resíduos eram basicamente de natureza orgânica, sendo originados pela necessidade fisiológica, pela alimentação e pelo vestuário do homem. Esse lixo era constituído, praticamente, de cascas de frutas, carcaças de animais e trapos. Já existiam os *catadores de lixo*, que eram chamados de *trapeiros*. Podemos observar que, desde aquela época até os dias atuais, as pessoas que trabalham ou vivem do lixo - catadores, coletores de lixo e até mesmo os engenheiros sanitaristas, são estigmatizados pela sociedade. São vistos, da mesma maneira, os espaços destinados ao tratamento e ao destino final dos dejetos ou dos resíduos sólidos - *lixões*, vazadouros, depósitos, aterros sanitários, usinas de reciclagem e estações de tratamento de esgotos (Portilho, 1997).

Ainda hoje, a exclusão dos catadores de lixo é tão perversa, que chega à criminalidade. Por sobreviverem daquilo que é descartado, estes seres humanos são desconhecidos como cidadãos e identificados como *descartáveis*. Rodríguez (2002), comenta o fato ocorrido no ano de 1992, na cidade de Barranquilla, na Colômbia, quando onze *descartáveis* foram assassinados e seus corpos utilizados para experiências médicas em um Centro Universitário. O crime deu origem à rede de cooperativas de recicladores da América Latina, que foram criadas no intuito de valorizar a ocupação e de reconhecer os *descartáveis* como profissionais *recicladores de resíduos*.

No estudo que realizei, em 1994, com os coletores de lixo da Companhia Municipal de Limpeza Urbana da Cidade do Rio de Janeiro (COMLURB), também pude perceber a presença de uma hierarquia perversa entre os profissionais. Durante esse estudo, acompanhei o processo de trabalho daqueles profissionais, viajando na boléia do veículo coletor. Nesta ocasião, conversando nos bares com os motoristas e coletores, enquanto descansavam, pude entender a posição de inferioridade que o coletor sentia em relação ao motorista. O coletor viajava no estribo do veículo, ficando vulnerável ao movimento do trânsito, expondo-se inclusive a quedas. Mesmo enfrentando fortes chuvas, altas ou baixas temperaturas, o coletor não viajava na boléia pois, na lida direta com o lixo, ele se sentia inferior ao motorista (Velloso, 1995:59p):

“...*A cabine é para o motorista, porque tem diferença do motorista para o gari, tem a discriminação e muitos deles se acham donos daquela cabine. Quando está sol ou quando está chovendo, o gari vai atrás do caminhão para evitar conflito com o motorista, mesmo que ele ofereça, a gente não vai, porque nós*

estamos sujos e ele, por estar limpinho, acha que não devíamos estar ali...”

O coletor fala sobre os riscos presentes no processo da coleta do lixo, dos acidentes sofridos, das doenças e das condições inóspitas do ambiente de trabalho. Contudo, o menosprezo da população e da empresa, pelo seu serviço, parece a principal causa da sua insatisfação (Velloso, 1995:74p):

“...Eles discriminam, eles olham para o gari como olham um porco. Eles não sabem que o gari é um homem ou uma mulher igual a eles...”

“...As pessoas têm nojo da gente, acham que a gente tem uma doença contagiosa...”

“...A gente entra no ônibus as pessoas se afastam da gente...”

Estes profissionais não gostam de ser chamados de *lixeiros*, preferem ser identificados como *garis*. Mas, nem sequer conheciam a origem desta denominação, que vem do início do século XX, quando os serviços de limpeza urbana foram entregues à iniciativa privada e os irmãos Garys assumiram a Companhia Industrial do Rio de Janeiro, com o objetivo de desempenhar os serviços de coleta, transporte e destino final do lixo. Desde então, os trabalhadores da coleta do lixo passaram a ser chamados pelo nome genérico dos seus patrões; *Garis* (Velloso, 1995).

A nomeação não é um ato registrado em cartório, mas um sinal de pertença social. A inserção é uma criação contínua do sujeito, ou seja, ela é dada por um nome e por uma dignidade, conferidos por um trabalho que não se limita ao aspecto de uma mecânica já pré-estabelecida, mas, sim, de uma mecânica criada.

O fato de o coletor de lixo preferir ser reconhecido pelo nome dos seus patrões, interage com a imagem negativa que a população formou sobre ele e denuncia o seu desprezo pela própria profissão, que não lhe confere a pertença social. O uniforme, que é obrigado a vestir, o torna invisível aos seus *superiores*, mas, também o faz ser reconhecido como trabalhador, ou seja, ele passa a não ser um marginal à sociedade. No entanto, ele não é visto como uma pessoa e, sim, como um *lixeiro*, que apenas cumpre sua função social.

A experiência do psicólogo social, Fernando Braga da Costa, comprova a invisibilidade que é atribuída à profissão de coletor do lixo. Ele fingiu-se de gari e varreu as ruas da Universidade de São Paulo - USP, a fim de concluir sua

dissertação de mestrado sobre “Invisibilidade Pública”, ou seja, a tese abordava a percepção humana, quando totalmente prejudicada e condicionada à divisão social do trabalho, que faz com que se enxergue apenas a função e não a pessoa. Fernando, usando o próprio corpo, ao vestir o uniforme, tinha a intenção de sentir-se como um gari. Ele trabalhava meio expediente e não recebia, como os demais colegas de vassoura, o salário de 400 reais. Nesta condição, Garante que teve a maior lição da sua vida: *“Descobri, que um simples bom dia, que nunca recebi como gari, pode significar um sopro de vida, um sinal da própria existência”*. O psicólogo sentiu, na própria pele, o que é ser tratado como um objeto e não como um ser humano: *“Professores que me abraçavam nos corredores da USP, passavam por mim e não me reconheciam, por causa do uniforme. Às vezes, esbarravam no meu ombro e, sem ao menos se desculparem, seguiam me ignorando, como se tivessem encostado em um poste, ou em um orelhão”*. Apesar do sol forte, do trabalho pesado e das humilhações diárias, Fernando constatou que os *garis* são acolhedores com quem os enxerga e encontram, no silêncio, a defesa contra quem os ignora ¹⁷.

A valorização do lixo começa a surgir no período industrial e amplia-se por causa da guerra. O lixo deveria ser transformado em dinheiro. Numa sociedade capitalista, geralmente só se atribui valor a coisas que podem gerar lucro. Este valor foi atribuído ao lixo, devido à possibilidade de sua transformação em matéria-prima. Assim, em 1896, os trapeiros iniciam suas atividades, intensificando-as a partir de 1918. Existiam dois tipos de trapeiros: o catador e o atacadista. O primeiro fazia a separação dos materiais encontrados no lixo e os enfardava para serem vendidos como matéria-prima. Ele era o “operário”, enquanto que o atacadista - o “atravessador” - era o patrão. Havia uma tensão entre as indústrias de trapos e o Serviço Sanitário, apesar delas terem sido toleradas até o término da Primeira Guerra Mundial. Em várias situações os trapos eram importados, sobretudo da Argentina e, mais tarde, da Europa. O Serviço Sanitário começou a exigir a desinfecção dos fardos, que apresentavam um “aspecto repugnante”. Esta medida foi dificultando a importação de trapos e, conseqüentemente, a sua comercialização (Miziara, 2001).

Assim, o interesse econômico em manter a indústria de trapos, foi “vencido” pelas medidas de higiene exigidas pelo Serviço Sanitário. A partir de 1914, seguindo o relato de Miziara (2001), a Prefeitura de São Paulo foi encarregada de criar um estatuto para o lixo, no qual, além da higiene, estavam em questão a moral e a civilidade. Nesse sentido, “o estado sanitário do trapeiro” transformou-se em grande

¹⁷ www.resol.com.br - Alguém que fingiu ser gari. (abril de 2003).

preocupação para a saúde pública. O maior índice de doenças contagiosas era transmitido pelos trapeiros, uma vez que “não lavavam as mãos para comer”. A higiene foi compreendida como um “método estratégico de excluir a população da ocupação de utilização do lixo”. Por fim, o Serviço Sanitário propõe à cidade, que adote novas carroças e quatro fornos de incineração, com capacidade para incinerar 50 toneladas de lixo por dia, distribuídos pelos bairros do Brás, Luz, Barra Funda e Liberdade. Cabe ressaltar que, com a instalação dos quatro fornos em São Paulo, poderiam ser queimadas 200 toneladas de lixo/dia, apesar de a cidade produzir, no período, 120 toneladas diárias. Seria necessária a produção de mais lixo para justificar a aquisição dos equipamentos.

Cabe lembrar que no século XX, na década de 70, houve um retorno ao reaproveitamento do *lixo*, manifestado pela moda de se usar roupas velhas e desbotadas - a calça Lee e o “casaco de general”. O modismo, na época, representou uma forma de se contestar o sistema repressor da ditadura militar que, muitas vezes marcou de forma irreparável, milhares de jovens e adultos que atuaram politicamente contra as arbitrariedades do governo. Esta transformação na moda, por sua vez, a partir dos anos 60, emergiu com os movimentos *Hippie* e estudantil, que buscavam a afirmação dos seus desejos e direitos proibidos.

A tensão entre o valor de mercado e o valor humano permanece, induzindo a diferentes visões sobre o lixo, que variam de acordo com os interesses econômicos – ora o lixo é visto como risco de vida, transmitindo doenças e causando mortes, ora é considerado como matéria-prima, produzindo e lançando novos produtos no mercado.

Atualmente a visão do lixo como matéria-prima, já está incorporada no discurso do coletor de lixo. Fato percebido quando ele se refere à companhia de limpeza urbana, para a qual trabalha, como sendo rica em matéria-prima (Velloso, 1995:68p):

“...O lixo é muito rico, a COMLURB é uma Companhia que nunca vai entrar na falência, entra se os outros quiserem. Porque o lixo nunca acaba e a matéria-prima dela é o lixo. Ainda mais agora, com essas usinas que eles criaram e que estão reciclando direto...”

A sociedade de consumo aposta na vida breve dos seus produtos. Ela fabrica produtos que devem ser rapidamente substituídos por outros, cada vez mais frágeis e perecíveis. Enquanto isso, nossos resíduos saturam os depósitos e as usinas de

reciclagem. Já não há espaço físico para depositar ou reciclar os restos resultantes da quantidade de produtos que produzimos e descartamos.

O ser humano, assim como os bens materiais, possuem uma vida breve. O homem possui fragilidade, breve existência e limites do saber. Eigenheer (1999), elabora uma analogia entre lixo (imundície) e morte. Nessa perspectiva, segundo o autor, o conceito ou o movimento conhecido como *Vanitas*¹⁸ é decisivo na sua argumentação, uma vez que, interage de forma dinâmica com os dois temas citados, estimulando, via de regra, reflexões para o enfrentamento dos problemas que a interação *morte e lixo* sugere. Assim, essas reflexões abrangem valores e estilos de vida, criando uma alternativa pedagógica na discussão.

Neste sentido, Eigenheer (1999) nos faz ver que, em *Vanitas*, são relacionados a fragilidade e os limites da vida humana (morte) e a deterioração das *coisas*, que resultam em dejetos (lixo, ruínas e cadáveres). Nessa tradição, a busca do sentido ou do valor da vida, está envolvida, em última instância, pelo espectro da morte e pela degenerescência das produções humanas.

E é a partir do espectro da morte e da degenerescência das produções humanas que o desconhecido e o novo emergem, fazendo aflorar a emoção e a criatividade do ser humano. Assim, a morte também vai propiciar o renascimento de novas produções, de novas formas e de novos conhecimentos.

A tradição da *Vanitas*, seguindo o pensamento de Eigenheer (1999), pode vir a ser um referencial de reflexão sobre a sociedade industrial, com o seu exacerbado e progressivo apego aos *bens de consumo* que, em termos de trabalho e de recursos naturais, tanto oneram. A esses *bens*, cada vez mais precívalis, unificam-se os ideais dominantes de satisfação hedonista da vida.

No sujeito, o tempo das elaborações afetivas deve estar equilibrado com o tempo de suas produções materiais. Existe o tempo interno do sujeito e, nesse tempo, ele percebe o que deseja continuar guardando como lembranças ou como restos de recordações.

¹⁸ Para elucidar o conceito de *Vanitas*, o autor escreveu duas notas encontradas em traduções do Eclesiastes – uma da Bíblia de Jerusalém e outra de Haroldo Campos. Aqui vou me restringir a primeira: “O termo que aqui traduzimos por *vaidade*, seguindo as versões tradicionais, significa, antes de tudo, *vapor, sopro*, pertencendo ao repertório das imagens (água, sombra, fumaça, etc) que na poesia hebraica descrevem a fragilidade humana. Entretanto, no uso de Coélet, o termo perdeu o seu sentido concreto, evocando apenas o ser ilusório das coisas e, por conseguinte, a decepção que elas proporcionam ao homem” (Eigenheer, 1999:ob.cit.,p.180).

I. 4 – AS MEDIDAS DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA

O século XVII foi o palco do Renascimento, um dos maiores movimentos culturais da história da humanidade, que representou uma época de enriquecimento do pensamento, aliado a uma transformação profunda da atitude espiritual do homem. A ânsia da descoberta e a paixão pelo mundo clássico, puseram à disposição do homem culto as doutrinas dos filósofos gregos e orientais. Todo o século consistiu em um período de transição, no qual o homem ocidental impulsionou a ciência, fundamentada nos novos conhecimentos da física, da astronomia e das ciências naturais. O Renascimento conteve em si o germe da destruição, mas também a promessa da renovação. A religiosidade e a política da Europa foram fortemente abaladas, e o mundo transfigurou-se. O homem re-descobre em si o potencial criador mas, em vez de criar em harmonia com a natureza, julga-se separado e distinto dela, sentimento que não só persistiu, como foi ampliado com o passar dos séculos. As viagens marítimas, iniciadas pelos portugueses, propiciaram aos europeus o impulso transformador da visão clássica em uma nova perspectiva de mundo. No domínio da medicina o Renascimento representou, de um lado, um retorno às raízes, ou seja, à ciência de Hipócrates e, de outro lado, o interesse pela observação e pela experiência (Rodrigues, 1999).

Assim, as experiências científicas foram evoluindo e gerando novas descobertas. Segundo Rodrigues (1999), o século XVII foi marcado pelos avanços da medicina, ou seja, pelos conhecimentos acadêmicos, que descobriram a circulação do sangue, a química da respiração e, através do aperfeiçoamento do microscópio simples¹⁹, os agentes microbianos causadores de algumas doenças. Estas descobertas contribuíram para uma outra visão de cidade, propiciando novas concepções de sujeira corporal e urbana (Eigenheer, 1999:77p):

“...O desejo de facilitar as funções respiratórias e a circulação, transformou o panorama das cidades e alterou os métodos de asseio pessoal. A partir de 1740, os grandes centros europeus começaram a cuidar da limpeza urbana, drenando buracos e depressões alagadas, cheias de urina e fezes, e promovendo sua canalização para esgotos subterrâneos. Até então, o calçamento era feito de calhaus arredondados que retinham, nos seus

¹⁹ Redi, médico e biólogo de Florença, realizou as primeiras descobertas que deram origem à teoria da biogênese. Em seguida Leewenhoek, aperfeiçoando o microscópio descobriu as bactérias. Apenas por volta de 1880, com as experiências de Pasteur, a teoria da geração espontânea é posta de lado (Rodrigues, 1999: ob.cit.150p).

interstícios, excrementos humanos e de animais. Em meados do século XVIII, os ingleses começaram a re-pavimentar Londres, utilizando-se de placas quadradas de granito que se encaixavam umas nas outras; em 1780, a calçada do moderno teatro Odeon recebeu idêntico tratamento. Dessa forma, as ruas tornaram-se mais limpas; abaixo delas, “veias” urbanas substituíam bueiros rasos, carregando água suja e excrementos para novos canais de esgoto...”

Contudo, na primeira década do século XIX, as ruas de algumas cidades ainda apresentavam sujeiras provenientes de resíduos orgânicos e domésticos. Nesse período, a cidade de Lisboa é descrita por Braga (2001), como detentora de espaços naturalmente contaminados pelos despejos da famosa *água vai*, do lixo doméstico e dos animais que passeavam pelas ruas, nomeadamente cães vadios, vacas, cabras e outros animais utilizados no transporte, tais como cavalos, burros e bois. A situação era agravada pela passagem de rebanhos de carneiros e varas de porcos com destino a outras regiões; pela construção de fábricas poluentes e matadouros dentro das cidades e pela ausência de calçamentos nas ruas.

Para contornar a caótica falta de higiene na cidade, em 1º de abril de 1818, foi lançado um edital onde constavam algumas medidas de higiene a serem seguidas. Entre elas, foi proibido se despejar dejetos e lixos nas ruas de Lisboa, estabelecendo multas para os infratores, as quais variavam de acordo com a gravidade e o horário do delito. O lixo deveria ser acondicionado em recipientes e colocados na rua, depois das 22 horas, para serem recolhidos pelos carros de limpeza. Isso estabelecido, eram considerados como graves delitos: lançar, das janelas, corpos sólidos de dia ou de noite (12 000 réis); imundícies asquerosas de dia (10 000 réis); águas imundas de dia (8 000 réis); lançar, de dentro das portas, corpos sólidos de dia e ou de noite (6 000 réis); lançar água limpa, das janelas ou de dentro das portas, de noite e sobre os passeios, ainda que com vozes de anúncio (5 000 réis); jogar lixo das casas, ou restos de frutas e hortaliças, de dia (4 000 réis); lançar águas imundas de noite, ainda que com vozes de anúncio (4 000 réis); lançar água limpa, das janelas ou das portas, de dia e sobre os passeios (2 000 réis) e, por fim, lançar lixo das casas ou restos de frutas e hortaliças, de noite, sobre os passeios, ainda que com vozes de anúncio (2 000 réis) (Braga, 2001).

Em 1835, segundo o relato da autora, iniciou-se um plano que articulava a higiene com a saúde dos habitantes de Lisboa. Este plano evidenciava, entre outros aspectos, a necessidade de dividir a cidade em dez zonas, cada uma delas doadora de homens e carros de bois destinados à limpeza da cidade e que, em contrapartida, se encarregariam do fornecimento gratuito de estrume de boi aos

agricultores. Era responsabilidade destes homens: a eliminação de cães vadios; fazer cumprir a proibição de ensinar bestas novas e de matar porcos nas vias públicas; a varrição das ruas, três vezes por semana e, por fim, a recolha diária dos detritos. O plano estabelecia, ainda, que os senhorios deveriam construir cloacas fora de suas casas, nas ruas, com canos gerais. Nas cozinhas de todos os andares das casas, deveriam ser instaladas pias com ralos, destinadas ao despejo de líquidos. Os senhorios deveriam, também, encanar as águas dos telhados e cair a fachada dos prédios, de três em três anos, de preferência na cor rosa desvanecido.

Neste período, já verificamos uma hierarquização de objetos, que devem seguir uma norma de organização. Assim, o lixo permanece estocado, com a intenção de ser transformado. Os resíduos orgânicos, tais como os estrumes de bois, são encaminhados aos agricultores, para serem reutilizados como adubos. Os dejetos humanos, fezes e urina, devem seguir normas no seu destino final. As ruas devem permanecer limpas, sem resíduos e animais, que são identificados como riscos à saúde e ao bem estar da população. Também surge a preocupação com a estética dos prédios, que são pintados de rosa pálido buscando-se, na uniformização da cor, a harmonia, a limpeza e a beleza da cidade.

Quanto à higiene pessoal ou individual, os banhos eram escassos e de difícil acesso. As pessoas trocavam de roupas raramente, quando essas já se encontravam muito sujas. Para alguns, a higiene pessoal se restringia à troca de roupas, sem submeterem-se a qualquer ablução. Como a maioria dos lares não possuía casas de banho, a higiene individual ficava a mercê dos hábitos e dos conceitos de limpeza de cada um, bem como do número de criados que se incumbiam de carregar a água. Contudo, as idas às termas ou aos banhos de mar e rio, começaram a tornar-se cada vez mais frequentes. A partir do século XVIII, verificou-se um crescimento da população de Caldas da Rainha, associado à grande concorrência termal. Apesar de serem frequentadas pelos nobres, as termas dessa cidade, segundo a opinião do Marquês de Fronteira e Alorna, ficavam muito aquém dos seus similares europeus, no que dizia respeito ao local das nascentes e das fontes (Braga, 2001: 139p):

“...Era um lugar imundo, o cheiro era terrível e o pouco asseio que ali havia, tornava aquele lugar repugnante e vergonhoso para nós, na presença de vários estrangeiros que faziam a triste comparação dos nossos banhos termais com outros que tinham visitado na Europa civilizada. Os banhos tomavam-se em comum, havendo só dois, um para cada sexo; eram bastantes

espaçosos e, muitas vezes, reuniam-se em cada um, uns catorze ou quinze banhistas...”

No plano da Arte, a transformação ou a transfiguração de formas ou de coisas, ensaiam a criação de novas formas fora da modelagem habitual. Em Portugal, não havia os recursos financeiros de países como a Itália e a França, mas eles ostentavam o modelo desses países, no que se referia às estações termais. Por isso, elas eram desvalorizadas e vistas como inferiores às suas similares europeias.

Na cidade do Rio de Janeiro, apesar da abundância das águas de mares, rios e lagoas, a falta de higiene se fazia presente nos becos, nas ruas e na própria baía, uma vez que nela eram despejados os dejetos humanos. Esta situação de imundície foi descrita por um viajante da época, março de 1808:²⁰

“...Quando se entra na baía, após o sofrimento da longa travessia, fica-se comovido com o esplendor do panorama: porém, que decepção se sente, oh meu Deus, quando se sai do ancoradouro?! Os perfumes que vem da baía são infectos!! A explicação é simples, a água das casas era transportada pelos escravos de várias fontes em barris semelhantes aos que, no fim da tarde, carregavam os detritos, pois as casas não têm fossa séptica já que o lençol freático, por causa do solo pantanoso, está muito próximo da superfície e todos os detritos domésticos são postos em barris, que os escravos põe na cabeça e vem em procissão, para o mar onde jogam, dá para imaginar o mau cheiro com o terrível calor do lugar, esses negros são como o símbolo da cidade. E o ponto onde jogam é próximo ao palácio e quem estiver na janela, não pode deixar de ver os horrorosos barris que vão e vem na água da baía ao cair da tarde e cujo odor se faz sentir até o fundo dos quartos...”

Esta narrativa torna clara a identificação do corpo negro e escravo com a sujeira. O corpo do escravo é utilizado como instrumento de carregar o lixo e, com isso, ele torna-se símbolo da imundície da cidade, *i.é*, a desvalorização daquele que trabalha ou a retirada da dignidade do corpo, de quem foi obrigado a se submeter à escravidão.

Na segunda metade do século XIX, com a emergência da teoria microbiana das doenças, que refutou a concepção dos miasmas, houve uma radical mudança na visão da saúde pública e da atenção a ser dada aos resíduos de origem orgânica, principalmente fezes e urinas. Segundo Eigenheer (1999), as tradicionais concepções de tratamento do lixo passam por visíveis transformações. Neste contexto, a

²⁰ www.historianet.com.br - A Corte Portuguesa no Brasil.

fogueira, anteriormente utilizada para purificar o ar, torna-se a fonte inspiradora do incinerador (construído na Inglaterra, em 1875), que começa a ser considerado como o método ideal para eliminar os agentes microbianos, transmissores das doenças infecciosas. Os trapeiros, mestres na arte da recolha e separação dos restos, vão gerar o modelo das usinas de reciclagem, que se iniciam nos Estados Unidos (Bucaret, em 1895) e chegam à Europa (Munchen, em 1898).

Neste mesmo período, no Brasil, durante o governo Campos Salles (1898-1902), foi criado o Instituto de Manguinhos, com a função de fabricar vacinas contra a peste bubônica. Para dirigi-lo, a prefeitura da capital federal solicitou ao Instituto Pasteur, de Paris, para indicar um especialista. Naturalmente esperava-se um francês, mas o célebre Emile Roux, diretor do Instituto, indicou um “brilhante discípulo seu”, Oswaldo Gonçalves Cruz (1872 - 1917) que, mesmo sem alcançar os trinta anos e desconhecido no Brasil, já conquistara uma sólida reputação científica. Ele dirigiu Manguinhos até 1902, quando Rodrigues Alves, ao assumir a Presidência da República, foi buscá-lo para sanear o Rio de Janeiro. Ao aceitar o convite, Oswaldo Cruz prometeu erradicar a febre amarela, num período de três anos. Mas, primeiro, começou resolvendo o problema da peste. Para combatê-la, formou um esquadrão de cinquenta homens, todos previamente vacinados, que percorriam os armazéns, becos, cortiços e hospedarias, espalhando raticida e removendo o lixo. Para completar, criou um novo cargo – o de comprador de ratos. Este funcionário corria as ruas da cidade, do centro aos subúrbios, pagando a quantia de 300 réis por cada rato caçado pela população. Assim, num curto prazo, desapareceram as epidemias e os ratos. Na verdade, a eliminação dos ratos e da peste, insere-se num contexto de transformações que envolveram a capital do Brasil, no início do século XX²¹ - com a afirmação da teoria microbiana, as medidas de higiene começaram a ser aplicadas no combate aos vetores e aos agentes etiológicos das doenças infecciosas.

O combate à febre amarela apresentou vários problemas. A maior parte dos médicos e da população ainda acreditava que a doença era transmitida pelo contato com as roupas e as secreções dos doentes. Oswaldo Cruz, entretanto, era adepto da teoria de que o agente etiológico da doença era transmitido pelo mosquito. Assim, ele decidiu substituir o método tradicional das desinfecções praticadas pela polícia sanitária, pelas brigadas mata-mosquitos. Essas brigadas percorriam ruas e invadiam casas eliminando os focos de insetos, atuação que provocou violenta reação popular²².

²¹ www.historianet.com.br - Caçando ratos.

²² www.miniweb.com.br - Cidadania/Personalidade/Oswaldo Cruz

Em 1904, com o agravamento dos surtos de varíola, o sanitarista tentou impor a vacinação em massa da população. Mas os jornais lançaram intensa propaganda contra a medida. O Congresso protestou e foi organizada uma liga contra a vacinação obrigatória. No dia 13 de novembro estourou a rebelião popular. O governo derrotou a rebelião, mas suspendeu a obrigatoriedade da vacina²³.

Este episódio da história, nos remete ao autoritarismo das medidas de erradicação das doenças, impostas à população no início do século XX. Tais medidas, por não terem sido acompanhadas do reconhecimento da população, foram percebidas como atos de violência e de imposição. A ansiedade do jovem Oswaldo Cruz em erradicar as doenças, não o deixou perceber a necessidade de se trabalhar junto à população, na produção do conhecimento sobre as doenças infecciosas e os seus meios de transmissão.

Os riscos associados aos resíduos permaneceram, durante muitas décadas, como questão de higiene pública e, portanto, limitados à área médica. Ainda nos anos 50, encontramos capítulos destinados ao lixo quase que exclusivamente em tratados de higiene, sempre extremamente reduzidos quando comparados a outros temas de saneamento, como água e esgoto (Eigenheer, 1999).

Somente a partir da década de 70, o lixo começa a ser considerado uma questão ambiental. A preservação do meio ambiente foi assumindo caráter global, com as conferências de Estocolmo em 1972, a ECO 92, no Rio de Janeiro e a de Tibilisi, em 1997. A crescente participação da mídia também contribuiu significativamente para esse processo, devido à rapidez com que as informações são transmitidas, de um lugar a outro do mundo. Atualmente, já se compreende que as agressões ambientais que ocorrem em determinado ponto do planeta podem ter repercussão à distância, atingindo mesmo outros continentes, como por exemplo, os casos de acidentes radioativos, as chuvas ácidas e os derramamentos de petróleo nos mares²⁴.

O crescimento progressivo das indústrias e conseqüentemente o lançamento de novos produtos no mercado, foram gerando diversos resíduos. Com a intenção de melhorar o desempenho das atividades de coleta, transporte e reaproveitamento ou disposição final dos resíduos, Pinto (1979) propõe a classificação do lixo baseada em sua origem: os resíduos de origem domiciliar; das atividades do

²³ www.miniweb.com.br - Cidadania/personalidade/Oswaldo Cruz

²⁴ www.fen.ufg.br/revista - Considerações sobre os resíduos sólidos de serviços de saúde.

comércio e da indústria; os recolhidos nos logradouros públicos e o lixo de fontes especiais, como é o caso dos resíduos hospitalares.

A Comissão Nacional do Meio Ambiente (CONAMA nº 5/1993)²⁵, classifica os Resíduos Sólidos dos Serviços de Saúde (RSSS) em quatro diferentes grupos: biológicos – agentes microbiológicos; químicos – substâncias químicas; radioativos – radionuclídeos; e comuns – isento de agentes microbiológicos, substâncias químicas e radioativas.

A classificação de cada resíduo segundo sua origem – hospitalar, domiciliar, industrial e de logradouros públicos – dá início aos diferentes processos de organização. Assim, as etapas referentes ao acondicionamento, ao transporte e ao destino final, devem ser específicas para cada tipo de resíduo. O homem, na sua ânsia de produzir soluções, muitas vezes tende à generalização, reduzindo as medidas de contenção a um dos seus aspectos, como é o caso das normas estabelecidas para o lixo hospitalar, que recomenda à esterilização de todos os resíduos, sem exceção. As soluções ou as medidas de contenção, devem ser elaboradas de forma cuidadosa, obedecendo ao que a cultura pode receber. Se o homem tiver paciência de vencer a angústia, que produz o medo e a resistência em conhecer o desconhecido, ele pode criar meios mais apropriados para estocar e transformar os diversos resíduos existentes.

Os resíduos hospitalares ou os resíduos sólidos dos serviços de saúde, com algumas exceções, não necessitam passar por tratamentos especiais, podendo eles ser tratados como lixo comum (Zanon, 1990, Ferreira, 1999). A controvérsia existente sobre o tema, de que todos esses resíduos, sem exceção, devam passar pelo processo de incineração ou de desinfecção, pode estar vinculada aos temores do passado, quando os microorganismos transmissores de doenças tinham sua origem desconhecida e causavam, normalmente, a morte do enfermo. Certamente a nossa memória ainda guarda essa triste reminiscência do passado.

É importante ressaltar que os restos de recordações, quando elaborados com respeito ao tempo de reflexão do homem, podem originar medidas eficientes, ou seja, produzir “atuações” ou passagem ao ato de criar. É preciso distinguir o tempo de criação do homem e o tempo de operacionalização da máquina. O homem tem o seu tempo para conhecer o desconhecido, e só assim ele pode deixar de temê-lo, tornando-se capaz de enfrentá-lo.

²⁵ Brasil. Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução N5, 5 de Agosto. 1993. Dispõe sobre o gerenciamento de resíduos sólidos dos serviços de saúde, portos e aeroportos, bem como os terminais ferroviários e rodoviários. Diário Oficial, n. 166, 1993.

Nos dias de hoje, o lixo mais temido é aquele produzido pelo homem e destinado à destruição da própria espécie, ou seja, os resíduos resultantes das armas químicas, biológicas e atômicas. A contaminação ambiental pelas radiações nucleares, pelas substâncias químicas, pelos agentes biológicos, bem como os atos mecânicos de violência entre os homens, têm destruído milhares de vidas. A matéria intitulada “Aterro *lixo* pode tornar-se um cemitério”, narra o indelével fim das vítimas do atentado terrorista ocorrido em 11/09/2001, na cidade de Nova Iorque, quando os terroristas usaram o próprio corpo – os “homens bomba” - como arma de destruição, sacrificando suas próprias vidas.²⁶

Do topo do aterro de *lixo Fresh Kills* era possível avistar, claramente, através da baía de Nova Iorque, as duas torres do *World Trade Center*. Agora, as torres estão chegando cada vez mais perto, os destroços estão sendo levados em forma de montes, em um caminhão de cada vez. Os restos de concreto, de aeronaves e dos corpos de cinco mil seres humanos removidos do *World Trade Center*, estão sendo levados para o aterro de *Fresh Kills*.

Fresh Kills, um dos maiores aterros de lixo do mundo, tornou-se uma imensa “montanha” de provas judiciais, onde dezenas de policiais vasculham, em meio à cerca de um milhão de toneladas de escombros, procurando pistas que levem aos culpados do ataque terrorista do dia 11 de setembro.

A decisão de levar os destroços do *World Trade Center* para o aterro de 12 quilômetros quadrados, em *Staten Island*, foi tomada puramente por motivos práticos. Mas, essa decisão também ocasiona um transtorno para milhares de famílias - o aterro agora significa o último descanso dos seus entes queridos. Ironicamente, a prefeitura havia fechado *Fresh Kills* seis meses antes, após anos de reclamações dos moradores locais, insatisfeitos com os odores e a sujeira.

²⁶ www.resol.com.br - Aterro *lixo* pode tornar-se um cemitério/ fonte: This is London, em 08/10/2002

II – METODOLOGIA DA PESQUISA

II.1 – INTRODUÇÃO

No panorama do presente estudo, a pergunta central que dirige este capítulo é: em que condições o desenvolvimento do potencial de criatividade do sujeito deve contribuir para o seu processo de emancipação social? Para refletir sobre o cerne da questão, apresento conceitos de diversos autores sobre a questão do desenvolvimento do potencial humano de criação e sobre o processo de emancipação social. Como o objeto desse estudo surgiu a partir dos restos, ou seja, do lixo, ou de tudo aquilo descartado pelo ser humano e que segue os valores de uma sociedade de consumo, descrevo um estudo de campo realizado entre artesões, artistas e duas associações de catadores de materiais recicláveis.

A razão deste estudo prático, consiste no fato de que, tanto os artistas como os catadores de materiais recicláveis, se ocupam na transformação dos restos. Além disso, o cotidiano é fonte central de busca do esquecido, do rejeitado e também sinal dos descaminhos no ato de refugar. Os artistas transformam esse resto em imagens criadas pelo seu imaginário – criação que é desenvolvida por todos nós no dia a dia, e reinventada na produção imagética. Já os catadores, contribuem dando um outro significado ao resto desprezado, ou seja, nomeiam uma nova função para esse objeto ou, simplesmente, devolvem ao objeto desprezado a sua dignidade – passa a ser fonte, matéria-prima. Cabe lembrar, que tanto um objeto reciclado, como uma obra de arte, são identificados e valorizados pela mídia, como luxo. Entretanto, os catadores, ou aqueles que se ocupam e sobrevivem catando os restos da sociedade, são desprezados e considerados como lixo. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo subsidiar a análise do potencial presente entre o lixo e o luxo, ou seja, tornar evidente a distância que existe entre o valor de mercado e o valor humano.

Os instrumentos de coleta de dados, abrangeram a pesquisa da literatura sobre o assunto, a análise da documentação existente e produzida nas reuniões

promovidas pelos nichos estudados, e as entrevistas com os atores envolvidos – administradores, catadores de materiais recicláveis, artistas, artesãos e aprendizes da arte de transformação dos restos. As entrevistas foram enriquecidas pela análise detalhada, mediante observação participativa do pesquisador no local da pesquisa (Becker, 1994), ao que Ginzburg (1988), se refere como a subjetividade dos personagens, ou seja, os detalhes, as pegadas e os rastros percebidos nas suas falas, que funcionam como o sinal da direção a ser seguida.

II. 2 - MARCO CONCEITUAL: CRIATIVIDADE E EMANCIPAÇÃO

Neste item busco, fundamentada na concepção de Winnicott e de Guattari sobre o desenvolvimento do potencial de criação do sujeito, e na discussão sobre o processo de emancipação social de Santos e da autonomia de Castoriadis, analisar a interação dinâmica que existe entre a criatividade e a emancipação. O desenvolvimento do potencial de criação do sujeito deve contribuir para a sua autonomia, assim como, a emancipação social depende da criatividade de sujeitos.

Em todo ser humano existe a necessidade de criar. No mundo contemporâneo as solicitações visuais são muito intensas e, seguindo os padrões dessas solicitações, o homem vai perdendo seu tempo repetindo e deixando de criar. No campo da percepção visual, o efeito dominante parece ser uma avalanche de imagens que embaralha e ofusca nossos olhos, nos tornando escravos, em vez de senhores, do nosso olhar – a imagem também captura o olhar. As invasões das imagens no nosso cotidiano são intensas e, em geral, maiores do que a nossa capacidade de apreendê-las, o que nos tem levado ao estresse. Essa invasão de imagens, se assemelha a algo estranho à vida, como um vírus, que rompendo o seu estado de latência, desenvolve a doença no nosso corpo. Como chegamos a esse estado? A hipótese majoritária utilizada na análise de tal estado de coisas, é a de que a fonte está nos potenciais desencadeados pela revolução científico-tecnológica da virada do século XIX, para o século XX. Sevcenko (2001) utiliza a imagem da montanha russa para explicar algumas tendências mais marcantes no nosso tempo: a primeira etapa da diversão, é a ascensão contínua – à medida que nos elevamos, sentimos a superioridade de estarmos evoluindo e alcançando a altura, observando seres humanos bem distantes e insignificantes na sua dimensão. Esta fase pode representar o período do século XVI até o século XIX, quando as elites da Europa ocidental entram na fase do desenvolvimento tecnológico de poderosas forças naturais,

de fontes de energia cada vez mais potentes, de novos meios de transporte e comunicação, de armamentos e conhecimentos especializados. Fase do poder e da acumulação de riquezas, é caracterizada pela idéia da vocação da Europa em civilizar pelo saber (XVI) - “Ordem e Progresso”, assimilando os valores da cultura europeia, que conduziram o mundo para um futuro de abundância, racionalidade e harmonia (XIX).

Na segunda etapa, já começa a haver uma queda vertiginosa, perdendo-se a noção do espaço, das circunstâncias que nos cercam e até das faculdades conscientes. O novo salto do desenvolvimento tecnológico propiciou o domínio e a exploração de novos potenciais energéticos, em escala prodigiosa. Isso ocorreu em 1870, com a chamada revolução técnico-científica, quando se desenvolveram as aplicações da eletricidade através das usinas hidro e termo elétricas, bem com difundiu-se o uso de derivados do petróleo - que deram origem aos motores de combustão (veículos automotores). O surgimento das indústrias químico, siderúrgico e dos primeiros materiais plástico, foi outra característica daquela época. No mesmo impulso, foram criados novos meios de transportes (transatlânticos, carros, caminhões, motocicletas, trens expressos e aviões) e de comunicação, tais como o telégrafo, o rádio, o gramofone, a fotografia e o cinema. Vale lembrar, que foi nessa fase que surgiram os parques de diversões e, dentro deles, a montanha russa e as salas de projeção. Na passagem para o século XX, o mundo já era tal como o conhecemos. Mas, num repente inesperado, veio o mergulho no vácuo, o espasmo caótico e destrutivo – a irrupção da grande guerra descortinou um cenário de destruição em massa jamais visto, causado pelos novos recursos tecnológicos.

Na terceira etapa, a nossa imagem da montanha russa é a síncope final e definitiva, o clímax da aceleração precipitada, sob cuja intensidade extrema relaxamos nosso impulso de reagir e, entorpecidos, entregamos os pontos. Esta etapa representaria o atual período, assinalado por um surto dramático de transformações, a revolução da microeletrônica. A velocidade das inovações tecnológicas é tão intensa que, não conseguindo acompanhá-la, tendemos a adotar a tradicional estratégia de *relaxar e gozar*.

As invenções da montanha russa e do Cinema, contribuíram tanto para transformar o espaço da obra de arte, como para divertir um maior número de pessoas. A forte organização dos operários e as lutas constantes pela melhoria de suas condições de vida e trabalho, acabaram se convertendo em ganhos salariais, redução da jornada de trabalho, folgas semanais e férias. Os empresários, fazendo uso da eletricidade,

inventaram novas formas de diversão para os trabalhadores, providos de tempo disponível e recursos para gastar. Esses entretenimentos eram bem diferentes e mais acessíveis do que aqueles freqüentados pela burguesia, como a Ópera, o Teatro e os salões de Belas Artes. Portanto, mais que mera diversão e ao custo de alguns trocados, a montanha-russa e o Cinema eram porções rigorosamente quantificadas de fantasia, desejo e euforia, ou seja, eram uma forma de capturar em massa os cidadãos, cujas condições de vida os tornam carentes e obcecados por elas.

A grande fonte inspiradora do surrealismo foi propiciada pelo Cinema. O recurso da objetiva pôde aproximar realidades nunca antes explícitas ou ainda distantes, *i.é*, a aproximação de objetos ou situações, permitiu dar forma às sombras antes inconscientes, que começaram a vir à tona. Assim como os cubistas transportavam para as suas pinturas, o movimento, a versatilidade, a inconstância, a fragmentação, a velocidade, a plasticidade e a perspectiva, também o Cinema projetava, nas suas telas, uma outra visão de espaço e, conseqüentemente, de mundo. O Cinema, através da sua técnica de filmagem, interfere no fazer do artista, assim como esse fazer, ao ser projetado nas telas, pode interferir na realidade dos seus espectadores.

O público pode ser seduzido e instigado pelo Cinema, quando as imagens, as histórias ou as cenas, veiculam a originalidade do criador. Cabe aqui comentar, a trajetória de vida e obra de George Méliès, que foi um dos pioneiros do cinema. Assim, nos próximos parágrafos, baseada no filme sobre o artista, intitulado *O Mundo Mágico de George Méliès*²⁷, procuro contar como esse pioneiro do cinema criou movimento e deu cores às suas imagens.

Méliès concluiu seu curso secundário em 1880 e, sabendo-se destinado à criação, desejou fazer o curso de Belas Artes. Seu pai, sapateiro proprietário de uma loja de botinas em Paris, não permitiu que ele seguisse a sua vocação. No entanto, Méliès não desistiu da arte e apesar de trabalhar na fábrica de botinas, continuou buscando o seu caminho na criação artística – escrevia poesias, desenhava, pintava, tocava piano, fazia bonecos e teatro de fantoches. Ao assumir a direção do teatro Robert Houdin, ele começou a se dedicar integralmente às atividades da mágica. Segundo Méliès, as seções de mágicas e prestidigitações deveriam ser enriquecidas pelo movimento. Por esse motivo, as seções de magia sempre terminavam com sombras animadas e lanternas mágicas – ele inventou uma técnica para mover as sombras e pintava estampas coloridas no vidro, que eram projetadas em tela, transportando seus

²⁷ LECÚYER, B. 1988. *O Mundo Mágico de George Méliès*. Paris, Producteur Délégué Auftragsproduzent. Duração 1 hora e 30 minutos.

espectadores para lugares e países *estranhos*, ou seja, para algo nunca antes visitado, mas já latente em suas mentes.

Em busca de novas atrações para o seu teatro, ao assistir as *Pantomimas Luminosas*, de Émile Reynaud – que produziu a idéia de movimento às imagens, através do praxioscópio – ele pensou numa nova máquina a ser animada com os movimentos semelhantes àqueles propiciados por essa máquina. Mais tarde, assistindo *Os Gatos Boxeadores* de Thomas Edison, através de um Kinetoscópio – caixa de madeira onde o espectador devia se inclinar para melhor admirar as imagens animadas – ele estuda a possibilidade de retirar as imagens da caixa para animar o espetáculo. Movido por essa brilhante idéia, procura Antoine, pai dos irmãos Lumière e proprietário da sala no subsolo do teatro, para solicitar o aluguel do espaço. A princípio Antoine nega, alegando que o aparelho deveria servir a motivo mais nobre, como o de mover os músculos do corpo humano. Mas, em seguida, ao perceber a receptividade do público, comprou os direitos autorais da máquina, para que seus filhos pudessem explorá-la. Poucos meses depois estréia, na França, a fita animada *O Regador Regado*, sob a direção dos irmãos Lumière. Mas, Méliès deseja e persiste em fazer projeção em seu teatro.

Em 1896, ele afirma ter descoberto o processo de trucagem. Tudo começou na praça da Ópera, em Paris: como a primeira máquina era rudimentar, a película prendeu e se rompeu, interrompendo a filmagem. Quando ele rodou a manivela, o cenário havia se transformado - nesses preciosos minutos de interrupção, homens foram substituídos por mulheres e o ônibus por um rabeção. Assim, fazendo uso do corte e da colagem, o truque da substituição foi descoberto. Nesse mesmo ano constrói um estúdio - suas filmagens, anteriormente feitas ao ar livre, ficavam expostas às intempéries *i.é*, chuva, neve, sol forte do verão.

Em 1890 produz, no auge da sua carreira, *O Homem Orquestra*, filme constituído por trinta colagens e trucagens. Existe uma continuidade no seu trabalho, ou seja, ele não faz uma ruptura entre a mágica e o Cinema, e sim a sua continuidade. Isto pode ser sentido no filme *Energúmeno Genial*, quando ele elevou a magia à cinematografia.

Méliès domina o mercado até 1903. Seu estilo impera tanto nos parques de diversões, como nas aldeias mais distantes – ele tenta entender os hábitos de seus espectadores, ou seja, ele se dirigia ao olhar do espectador, com a intenção de intrigar ou seduzir. Em 1902, estréia seu grande sucesso, *Viagem à Lua* – até essa data, seu sucesso não tinha concorrentes na Europa. Mas, em 1905, seus filmes foram

plagiados pelas empresas Lumière e Pathé. Além disso, nos Estados Unidos, foram reproduzidas milhares de cópias do filme *Viagem à Lua*, sem o devido pagamento de seus direitos autorais.

Enquanto Méliès ilusionista passava à sua nova fase realista e produzia os filmes *Miséria e Caridade* e *A História de um Crime*; as empresas Gaumont e Pathé, produziam filmes religiosos como, *A paixão de Cristo*. Mas, um gênio não pode ser reproduzido em série, como fazemos em fotocópias. A sua originalidade estava acima da técnica – podemos reproduzir a técnica, mas nunca a originalidade ou o espírito do conteúdo dos seus filmes.

Quando comparamos os filmes de Méliès, com os plágios realizados a partir dos seus trabalhos, observamos uma nítida diferença – o original possui a alma do criador, enquanto que a cópia se limita aos movimentos e às cores, sem a paixão do criador. A singularidade ou a originalidade de um ser humano e seu poder de atrair e seduzir pessoas não pode ser reproduzida.

Recapitulando a história de vida de Méliès, podemos constatar que a arte sempre esteve integrada à sua vida – quando trabalhava na fábrica de botinas, aprendeu a manusear as máquinas e desenhava botas e botinas; no teatro Robert Houdin, criou mágicas e movimentos; no Cinema, foi o pioneiro na arte da substituição e nas trucagens, que produziram o movimento das imagens por ele desenhadas.

As palavras diversão e entretenimento parecem adversárias de entusiasmo e envolvimento. O Cinema e o Teatro, devem atrair ou seduzir o espectador e para alcançar esse objetivo, deve veicular conteúdos instigantes. Quando eram criados filmes que seduziam e atraíam, não se pensava em entreter ou divertir à platéia. Diversão e entretenimento possuem apenas um teor quantitativo, ou seja, eles apenas tentam entreter o espectador, substituindo o poder qualitativo de instigar a sua criatividade. Segundo Eisenstein (2002), o *slogan* a favor do entretenimento foi considerado por muitos como um elemento retrógrado, e no pior sentido, como uma perversão do entendimento em relação às premissas ideológicas de filmes instigantes.

Este autor ressalta, que precisamos cada vez mais dominar um método, um guia diretivo, para incorporar obras instigantes - ninguém pode nos auxiliar nisto, nós mesmos devemos fazê-lo. No processo criativo, devemos simultaneamente construir um processo de trabalho e um método – não devemos partir de posições preconcebidas de um *método geral* para um caso concreto particular, mas sim, através de determinado trabalho concreto sobre materiais particulares, esperamos chegar a um método de criação cinematográfica para o diretor. Eisenstein, ainda afirma que, para

alcançarmos tal objetivo, devemos desvendar o processo criativo *íntimo* do diretor em todas as suas fases e mudanças, e colocá-lo totalmente exposto diante da platéia.

Quando pensamos sobre o processo de emancipação, devemos analisar as condições necessárias para a sua viabilidade. Como é possível a emancipação sem as subjetividades, ou seja, sem as particularidades de uma cultura, de uma raça, do sexo ou, simplesmente, sem a singularidade do ser humano? O movimento operário, apesar de ter adquirido direitos trabalhistas, não conseguiu caminhar em direção à sua emancipação. A força de produção capitalista produziu, na vida dos trabalhadores, além de um trabalho não criativo, também um lazer alienante. A classe operária, distante da sua cultura e das suas subjetividades, recebeu a montanha russa e o cinema, como uma válvula de escape. Basta lembrarmos, que tais máquinas de diversões também foram criadas por empresários, visando principalmente aos seus interesses econômicos ou ainda, na pior das hipóteses, a regulação social.

Em 1897, George Cornelius Tilyou, especulador do mercado imobiliário criou, num mesmo espaço, junto à cidade de Nova York, várias diversões eletrônicas – muitos cinemas e uma enorme montanha-russa – que transformou Coney Island no maior centro de entretenimento do mundo, sendo o precursor das Disneylândias, dos parques temáticos e das instâncias turísticas (Sevcenko, 2001). Estes entretenimentos, mobilizaram um número cada vez maior de investimentos milionários, produzindo sempre o mesmo lazer em diferentes partes do mundo. Assim, o desenvolvimento das forças produtivas, somadas a um lazer indiferenciado, poderia levar cada vez mais à esmagadora proletarização da maioria da população e à homogeneização total do trabalho, da vida e da consciência dos trabalhadores.

A idéia de autonomia aparece no trabalho de Castoriadis (1987), não como uma idéia *filosófica* ou *epistemológica*, mas como uma idéia essencialmente política, que tem sua origem na constante preocupação do autor com a questão revolucionária, a autotransformação da sociedade. O exemplo desta possível transformação social, é dado pelo partido comunista, ou melhor, através do partido stalinista, quando ensaia a tomada do poder. As massas estão com ele e, portanto, deveria tratar-se de uma revolução. Contudo, não se trata de uma revolução, pois essas massas são dirigidas pelo partido stalinista, não há a criação de organismos autônomos. Um período revolucionário só acontece, quando a população forma e institui seus próprios órgãos autônomos, *i.é.* organismos que não recebem suas diretrizes de fora ou que não estão submetidos a uma direção e a um controle de uma instância à parte, de um

partido ou do Estado. Uma revolução se dá, quando a população entra em atividade para dotar-se a si mesma de suas normas e formas de organização.

Neste contexto, Santos (2001) ressalta que Marx, para criticar radicalmente a democracia liberal, contrapõe ao sujeito monumental, que é o Estado liberal, um outro sujeito monumental, a classe operária. A classe operária é uma subjetividade coletiva, capaz de autoconsciência (a classe para si), a qual conteria em si as subjetividades individuais de todos os seus componentes produtores. Acontece, que a subjetividade coletiva da classe tende igualmente a reduzir à equivalência e à indiferença as especificidades e as diferenças que fundam a personalidade, a autonomia e a liberdade dos sujeitos. O conceito de classe, visava contrapor-se à homogeneização reguladora do capitalismo, com a homogeneização emancipadora da subjetividade coletiva dos trabalhadores. Hoje, sabemos que o capitalismo, em vez de homogeneizar globalmente os trabalhadores, se alimentou das diferenças existentes.

Estas diferenças podem ser sentidas no estudo de caso descrito por Pialoux (1997), que descreve o sofrimento psíquico vivido pelos operários temporários da fábrica Peugeot, durante a greve. Todos os trabalhadores deveriam aderir ao movimento grevista, com a exceção dos *temporários*. Destes não se pode exigir nada, pois suas condições de trabalho são bem inferiores àquelas adquiridas pelos mais antigos. Nem sequer são identificados pelo próprio nome – são vistos como os operários *globalizados* ou *temporários*. O sucesso ou o fracasso da greve, o seu ponto nevrálgico, dependia das linhas de montagem – onde havia os *caxias* ou *fura greves* e os *anônimos*, já reconhecidos como *temporários*. Mas, o sofrimento não está restrito aos *temporários*. Os *antigos*, nome que começou a se impor nas oficinas, percebem a sua desqualificação através dos *temporários*, *i.é*, a desqualificação do seu *know how*. É a clara evidência de que, os velhos (com qualificação) podem ser substituídos a qualquer momento, pelos novos (sem qualificação). Para os *novos*, os *velhos* são um grupo desunido de pessoas cansadas, gastas, desmoralizadas, envelhecidas prematuramente e que se comportam mal no trabalho, fazendo uso até mesmo da sabotagem. Enquanto que, para os *antigos*, o *jovem precário* é aquele que não pode ser pensado como verdadeiramente *operário* - no sentido em que essa palavra envolve a idéia de lutas, história, combate e esperança política e coletiva, ou seja, aquele que nunca chegará a ser um militante. A nova fábrica já não abriga o *velho operário*. A inadaptação desta geração mais antiga de trabalhadores, torna-se compreensível quando buscamos conhecer a sua história de vida. Possuem fortes raízes culturais, são descendentes de camponeses anticlericais (comunistas), praticam a caça como esporte e lutam pelos seus direitos coletivos.

Enquanto àqueles *mais jovens* são imigrantes, devem renegar sua cultura, residem em conjuntos habitacionais, possuem uma esperança individual e sentem falta de perspectiva. Os últimos, não tendo experimentado a qualidade de vida dos *antigos*, adaptam-se mais facilmente às precárias condições de trabalho – salários mais baixos, desqualificação profissional e temporalidade no emprego - desejando alcançar os direitos adquiridos pelos primeiros, através do seu *bom* desempenho individual nas tarefas.

A relação entre cidadania e subjetividade é bem complexa, envolvendo profunda reflexão sobre a responsabilidade e a singularidade humana. Santos (2001), explicita que a subjetividade incorpora, além de direitos e deveres, particularidades de potencial infinito, que conferem cunho próprio e único à personalidade. Mas, os direitos e deveres são elaborados em normas gerais e abstratas, reduzindo a individualidade ao que nela há de universal, ou seja, transforma os sujeitos em unidades iguais e passíveis de substituição.

Nas administrações burocráticas, públicas ou privadas, os homens são intercambiáveis como força de produção. Na sociedade de consumo se tornam consumistas e vítimas do desperdício. A igualdade da cidadania se contrapõe à diferença da subjetividade, *i.é.*, no marco da regulação liberal, essa igualdade é profundamente seletiva, deixando de lado diferenças peculiares entre raças, gênero, culturas e a questão do sujeito.

As contradições geradas pelo próprio mercado hegemônico, frente a sua força produtiva, assim como o isolamento do movimento operário, ou a difusão social de novas formas de produção, propiciaram a emergência de novos movimentos sociais (NMSs). Para Santos (2001), os NMSs, podem representar o ponto de intercessão na discussão destas contradições, que são a relação entre regulação e emancipação e a relação entre subjetividade e cidadania. Para o autor, a grande novidade desses movimentos sociais, consiste na crítica construtiva tanto da regulação social capitalista, como da emancipação social socialista, como foi definida pelo Marxismo. Os NMSs denunciam com veemência os excessos de regulação da modernidade. Tais excessos, atingem os meios de produção e a reprodução deles na vida das pessoas. O meio de produção capitalista vem ocasionando as guerras, a poluição, o racismo, o machismo e o consumismo. A consciência da população sobre essas drásticas conseqüências, tem gerado um outro paradigma social, fundamentado não só nos bens materiais, mas principalmente na cultura e no bem estar. Valores como cultura e bem estar, em nome dos quais se lutam, são universais e globais, atingindo

desde grupos sociais com interesses específicos – as mulheres, as minorias étnicas, os favelados e os homossexuais – até aqueles levados pelos interesses da humanidade no seu todo, como o movimento ecológico e os movimentos pacifistas. Entretanto, esses movimentos sociais devem permanecer atentos nas suas reivindicações, para não serem reduzidos a palavras-chavões, caindo na rotina do consumo e se transformando em nova tensão.

Os novos movimentos sociais, representam a afirmação da subjetividade sobre a cidadania, que deve ser fundada na expressão do novo e na atividade criadora, na luta pela emancipação pessoal, social e cultural. As novas demandas pautam-se por formas organizativas – democracia participativa – diferentes das que presidiam a luta pela cidadania – democracia representativa. Os seus protagonistas não são as classes sociais e sim os grupos sociais, ora maiores, ora menores que classes, com contornos mais ou menos definidos, em vista de interesses coletivos por vezes muito localizados, mas potencialmente universalizáveis.

Penso que os NMSs, imbuídos das suas especificidades, também devem veicular e alimentar as singularidades dos sujeitos que o constituem, ou seja, a mediação entre a subjetividade individual e coletiva deve estar sempre presente, uma vez que o grupo é formado por sujeitos. Tal mediação deve ser entendida como a integração do mundo interno do sujeito com o externo, *i.e.*, a integração da sua singularidade com o seu grupo social.

Na busca desta interação, buscando transformar a sociedade, Guattari (1990), apresenta como alternativa, a *ecosofia* – que consiste na articulação ético-política entre os três registros ecológicos: o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana. Segundo o autor, não será possível uma verdadeira resposta à crise ecológica, a não ser que seja em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural, reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais.

Esta revolução deverá engendrar, não só a relação de forças visíveis em grande escala, mas também os domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo. A projeção amplamente imaginária da oposição, classe operária/burguesia, poderá ser substituída pelas novas problemáticas multipolares das três ecologias, ou seja, as antigas lutas de classes e os seus mitos de referência, poderão ser substituídos pela complexa interação das três ecologias. Entretanto, tal substituição não é mecânica nem automática, ela parece emergir de forma lenta, gradual e receptiva

às mutações necessárias para adaptação interativa entre as diferentes singularidades e o seu ambiente.

Assim, Guattari explicita a importância da *ecosofia mental*, que será conduzida a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o inconsciente, com o tempo que passa e com os mistérios da vida e da morte. Esta ecologia será levada a produzir antídotos contra a alienação dos ditames da moda, da produção e do consumo inerentes à sociedade capitalista internacional. Sua *práxis* deverá ser semelhante ao *savoir faire* do artista, que cria a forma ideal para cada instante, divergindo daquela obedecida pelos profissionais *psi*, assombrados pelo ideal coagulado da cientificidade.

O psicanalista deve estar inserido nos momentos vivenciados pelo seu paciente, ou seja, ele deve criar uma forma ideal para analisar cada momento narrado, ou vivenciado, pelo seu paciente. Assim procedendo, a ocupação do psicanalista é como a do artista, ambos instituem a obra. O artista constrói sua obra e a si mesmo, através do seu processo de elaboração inconsciente. O psicanalista, através da experiência com os momentos inconscientes (processo primário) do paciente, tenta ajudá-lo a alcançar o seu desejo. Para Castoriadis (1999), a *práxis* consiste na modalidade do fazer humano que nunca é igual a ele, *i.é.*, a *práxis* é a atividade que considera o outro como um *ser* que pode ser autônomo e tenta auxiliá-lo a alcançar a sua autonomia. O outro, é aqui compreendido, no seu sentido lato, como o objeto da atividade humana, ou seja, o sujeito é incluído como objeto da sua atividade. Portanto, a *práxis* não tem e nem pode ter o seu fim em si mesma, ou melhor, ela visa a transformação de seu objeto humano. Assim, a psicanálise pode ser definida como atividade prático-poiética, o que também pode ser válido tanto para a pedagogia como para a política.

Mas, se a criação é *ex nihilo*, ela também é limitada. Seguindo esse pensamento, Castoriadis (1999:68) nomeia de “Criação Radical” - *a faculdade de fazer ser, de extrair de si modos de ser, determinações e leis que serão a partir daí, leis, determinações, modos de ser de si* – e de “Abismo do ser humano” (individual e coletivo), *esse “eu” que se faz ser sem “ainda” ser qualquer coisa determinada, mas que vai se determinar assim e não de outra forma*. A autocriação, ou autoconstrução, é um processo inato de todo sujeito. Entretanto, a autonomia e a *práxis* não é dádiva da natureza humana, ela emerge como criação social-histórica, ou melhor, como criação de um projeto que já se encontra, em parte, realizado.

O processo de criação do sujeito, está vinculado ao seu desenvolvimento emocional, à sua sensibilidade e à cultura. Quando abordamos o ser criativo, devemos pensar na interação da cultura no desenvolvimento do seu potencial

de criatividade. A cultura reconhecida como dominante ou universal, deixa de lado outras especificidades culturais, tornando-se abstrata e não representativa das demais. Segundo Santos (1997), a concepção multicultural de direitos humanos, pode servir como instrumento para se atingir a emancipação social. Os direitos humanos, só poderão desenvolver o seu potencial emancipatório, quando se libertarem do seu falso universalismo e se tornarem verdadeiramente multiculturais. As versões emancipatórias do multiculturalismo baseiam-se no reconhecimento das diferenças e da coexistência de uma vida em comum, para além das diferenças de vários tipos. As condições para a transformação dos direitos humanos num projeto cosmopolita, baseiam-se na promoção de diálogos interculturais, sobre preocupações semelhantes e sobre critérios políticos para distinguir política progressista da conservadora, capacidade de desarme e emancipação da regulação. Santos & Arriscado (2003) nomeiam de hermenêutica diatópica este diálogo intercultural – que consiste na prática de interpretação e de tradução entre culturas, através das quais se amplia a consciência da *incompletude* de cada cultura envolvida no diálogo e se cria a disponibilidade para a elaboração de culturas híbridas, de dignidade humana mais ricas e mais amplamente partilhadas. A hermenêutica diatópica, visando a escolha da cultura mais adequada, deve adotar dois imperativos interculturais:

- 1) *Das diferentes versões de uma dada cultura, deve ser escolhida aquela que representa o círculo mais amplo de reciprocidade dentro dessa cultura, a versão que vai mais longe no reconhecimento do outro.*

- 2) *Os grupos sociais, ou a pessoa, têm o direito de serem iguais, quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes, quando a igualdade os descaracteriza.*

Os direitos humanos, elaborados para preservar a dignidade do homem, devem respeitar as diferenças peculiares de uma raça, do gênero, de um determinado segmento social, de uma outra escolha grupal e das vicissitudes do sujeito. Nestas condições, e seguindo os imperativos interculturais da hermenêutica diatópica - que também implica na aceitação do sujeito incompleto e na vivência do pequeno grupo como solo provisório da *solução* para a existência humana – penso que, no processo da emancipação social, os direitos humanos podem ser utilizados como instrumentos.

O sujeito começa a criar o seu mundo interior, a partir do momento que se percebe como um ser *independente* da sua mãe, ou seja, a partir desse momento,

ele se sente incompleto e se ocupa na busca da sua completude. Assim, o ideal de completude surge na fase da desilusão ou na fase da separação *eu – não eu*. Nesta fase, o sujeito sente um grande vazio e parte em busca do sentimento de completude que foi perdido na fase da desilusão. O sujeito só alcança a maturidade, quando se aceita como um ser incompleto, ou seja, quando ele perde a ilusão. Esta aceitação pode propiciar a sua nomeação ou o seu reconhecimento no pequeno grupo, bem como a sua singular interação com o coletivo.

Aqui, vou me deter no desenvolvimento do potencial de criação do sujeito que, além da Cultura, interage dinamicamente com os seus processos de maturação. Segundo Winnicott (1983), o potencial de criação do sujeito, começa a ser desenvolvido entre a fase da ilusão e a da desilusão, ao que ele nomeia como fase transicional. Para ele, no indivíduo neurologicamente sadio, ou seja, com capacidade cerebral e uma inteligência razoável, existe a potencialidade para a capacidade de criar, mas a atualização desta capacidade dependerá de um ambiente facilitador. Um ambiente facilitador, é aquele que propicia algumas experiências básicas por um período de tempo suficientemente longo. Estas experiências podem se situar em duas áreas: a da ilusão e da desilusão. Na área da ilusão – a mãe-ambiente fornece ao bebê a “experiência da onipotência”, não há separação do *eu – não eu*, é o momento da ilusão, que funda a experiência do ser sem interrupções insuportáveis, estabelecendo o verdadeiro ser. A área da desilusão, depois de estabelecido o verdadeiro ser, poderá ser vivida de forma a criar um espaço potencial entre a mãe e o bebê - o objeto transicional, símbolo da união mãe-bebê, que ocupará o espaço potencial no momento em que se der a separação *eu – não eu*. Inaugura-se, aqui, a capacidade de simbolizar – indispensável ao processo de criação do sujeito.

A partir do momento em que o ser humano lactante, começa a se ver como um ser separado da mãe - como um outro ser independente - ele dá início à construção do seu mundo interior. Winnicott (1983) explicita, que o desenvolvimento satisfatório de uma criança requer o seu envolvimento com o mundo. Assim, o envolver-se com o mundo está vinculado ao desenvolvimento da capacidade de se preocupar (*concern*). Tal capacidade se dá, mediante a presença da mãe-objeto e da mãe-ambiente, ou daquela que substitui a mãe nas suas funções. A mãe-objeto, é por quem o bebê sente amor e ódio; ilusão e desilusão; pulsão de construção e destruição. Já a mãe-ambiente, representa o amparo que a criança deve sentir durante as suas brincadeiras ou ocupações. Em circunstâncias favoráveis, a mãe, ou a sua substituta, recebe toda a carga dos impulsos do bebê, como a mãe que pode ser amada ou a pessoa a quem se pode

fazer reparações. Só assim, as ansiedades e as fantasias sobre esses impulsos tornam-se toleráveis para o bebê, que pode experimentar a culpa ou retê-la totalmente, na expectativa de uma oportunidade para fazer a sua reparação.

Nos estágios iniciais do desenvolvimento humano, se não houver uma figura materna de confiança para receber o gesto de reparação, a culpa se torna intolerável e a pré-ocupação (*concern*) não pode ser sentida. O fracasso da reparação, leva à perda da capacidade de se pré-ocupar e à sua substituição por formas primitivas de culpa e ansiedade.

A capacidade de se pré-ocupar pode ser resgatada, quando o sujeito toma consciência da sua culpa e conseqüente autodestruição. Isto se dá através de um processo construtivo, ou seja, quando o ser humano se torna apto a recuperar sua qualidade de criar, de ser original. Viver criativamente constitui um estado saudável e o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um comportamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo, em todos os seus detalhes, é reconhecido apenas como algo que exige ajuste e adaptação. Tal estado de submissão é uma base doentia para a vida. Winnicott (1975) se refere à criatividade do sujeito como uma condição universal para ele estar vivo, i.é, a interação da sua realidade interna com a realidade externa. Num sujeito com capacidade cerebral razoável e inteligência suficiente para se tornar uma pessoa ativa e participar da vida comunitária, tudo o que acontece é criativo. Inversamente, fatores ambientais que venham a sufocar seus processos criativos podem torná-lo submisso e doente.

O desenvolvimento do potencial de criação do sujeito, está relacionado a um ambiente propício, ou seja, um ambiente onde ele possa ter espaço para desenvolver a sua singularidade e reintegrá-la à realidade externa através de atividades culturais, sociais e políticas. Esse espaço é, pois, um interno imerso e fundado no mundo. Na nossa vida, esses momentos internos e externos se justapõem, alguns desaparecem, outros emergem e é a criação desses momentos o que permite a afirmação do nosso ser no mundo. Segundo Momberger (2000), a construção identitária do sujeito, acontece mediante a dialética de tais momentos, que são opostos e complementares – interno/externo, psíquico/material, imaginário/real, subjetivo/objetivo, individual/coletivo.

Os momentos internos do sujeito, quando sentidos pela maioria dos homens, podem ser transformados em realidade. A criação de uma outra realidade poderá vir à luz, através da manifestação dos sentimentos e das emoções de sujeitos. Assim, a realidade interna de sujeitos, interagindo com a realidade externa, pode

contribuir para o processo de emancipação de comunidades ou sociedades. Penso, que a partir dessas condições, poderemos gerar o que Santos e Rodriguez (2002) se referem como recriação da promessa de emancipação social.

II. 3 – LOCAL DA PESQUISA - OS ATORES EM CENA

Neste item descrevo duas organizações de catadores de lixo e, baseada no vídeo “Na boca do lixo”, falo da minha percepção sobre suas vidas independentes, em torno do lixo. Elaboro um breve relato sobre a arte no renascimento e na modernidade, procurando mostrar as mudanças que ocorreram entre o fazer do artista e o espaço da sua obra.

O estudo de caso, foi realizado com os catadores de materiais recicláveis e os artistas plásticos. A escolha das duas categorias de ocupação, se deu pelo ponto de tensão que existe entre elas e também pelo ponto em comum ou de interseção – ambos transformam os restos desprezados pela sociedade de consumo em algo reutilizável. Quantas vezes escrevemos coisas e logo em seguida descartamos. Estamos escrevendo para quem? Tudo que fazemos passa por uma seleção, segue critérios de escolha baseados em valores, que nem sempre correspondem a nossa ética e a nossa estética. Muitas vezes desejamos fazer algo, mas esse algo não corresponde aos padrões sociais que devemos obedecer. Para onde vão nossos atos, nossas ações, nossa fala ou nossa escrita? Para o lixo? Nossa percepção capta coisas registradas no nosso inconsciente, ela ordena, configura e dá forma para que algo seja exteriorizado. Assim, nossa percepção estaria servindo como um elo de ligação entre o inconsciente e o consciente. Vagarosamente e indefinidamente, vamos criando coisas e descobrindo o que está dentro do nosso ser – o nosso verdadeiro eu, a nossa singularidade. A construção do sujeito, pode se dar a partir da sua obra de arte, ou melhor, a construção do ser acontece a partir do seu processo primário ou inconsciente.

O ponto de tensão entre o lixo e o luxo, está na sociedade de consumo ou no capitalismo mundial que regula, através dos seus alienantes meios de comunicação, toda ameaça criativa e propiciadora da emancipação de sujeitos. A burguesia sempre teve o hábito de freqüentar o teatro e os salões de arte. Em determinados segmentos privilegiados da sociedade de consumo, a arte pode ser vista como um lazer ou como um hábito. O lixo, o resto ou tudo aquilo não aceito pelos paradigmas sociais, pode ser aceito numa obra de arte. Neste contexto, uma obra de arte, mesmo quando sua matéria-prima é o lixo, pode ser apreciada e valorizada como luxo.

A interseção entre lixo e luxo, ou entre catador de lixo e artista, está vinculada à transformação da sociedade. Uma transformação que valorize mais o sujeito do que o capital, ou seja, a construção de uma sociedade fundamentada na verdade e na dignidade de sujeitos. Um objeto reciclado adquire uma outra função, ele volta a ter a sua dignidade de objeto. Uma obra de arte pode ser construída com valores e objetos desprezados pelos padrões da sociedade de consumo. A intercessão consiste na transformação de tudo aquilo que descartamos, em função de um paradigma social não condizente com a nossa dignidade de sujeitos. Ela pode se dar a partir da transformação de imagens, de palavras e de objetos materiais desprezados, que recebem uma nova função, enaltecendo outro paradigma de sociedade, assente nos valores de diferentes culturas e singularidades – a singularidade de sujeitos interagindo com a realidade externa, propiciando novas formas de vivência entre grupos e comunidades. Não existe a forma ideal e sim a forma mutante, que atua a cada instante criando, em pleno processo de transformação, a forma de agir daquele instante presente. A transformação, a ação de transformar, é explicitada no conceito de formação (*Bildung*), do romantismo alemão, e implica, pois, uma disposição, uma forma de estar no mundo, favorável a uma contínua mudança, ao movimento (*Bewegung*) continuado.

II.3.1- O artista e a obra

Em breve descrição, procuro mostrar o fazer do artista na história. No Renascimento, a perspectiva monocular, assentada na estabilidade, no equilíbrio e na permanência da sociedade renascentista, já não traduz o movimento, a materialidade, a plasticidade e as transformações constantes da modernidade. Assim, a arte renascentista foi destronada e melhor representada pelo fazer do artista contemporâneo, que instaura sua obra como complemento do mundo em comum, o espaço externo.

Nossa forma singular e original de sobrevivência, torna-se viável pelo convívio social, através do qual aprendemos a pensar, a usar nosso corpo, a escutar, a sentir cheiros, a tatear, a olhar, classificar e identificar nossas experiências e é onde, a partir de um repertório compartilhado, nos recuperamos continuamente das tensões, dos pré-conceitos, das repugnâncias, das recusas. Enfim, com o nosso grupo, aprendemos a simbolizar e identificar os símbolos estabelecidos. É essa capacidade de simbolizar e de comunicação de significados, que opera a diferenciação entre o homem e a natureza.

A construção da capacidade de olhar está diretamente associada aos atos de simbolização, na perspectiva de criação e construção de imagens. Cada olhar é

condicionado, aprendido, copiado e treinado, em articulação com outros olhares. O olhar nem sempre é individual, ele pode ser determinado social e conjunturalmente. Assim, em função do tipo de olhar de uma dada época, são determinados os estilos de imagens e de formas que vão estabelecer o relacionamento entre as pessoas. Debray (1994), no seu trabalho *sobre* Vida e Morte da Imagem, busca articular uma ampla reflexão sobre o que ele define como uma história do olhar no ocidente. Para pensar nosso tempo, reconhecido como o tempo da visualidade, ele vai encontrar três momentos na história do visível, que corresponderiam às três idades do olhar: o olhar mágico, o olhar estético e o olhar econômico.

O olhar mágico tem como *ídolo* o tipo de imagem. Os homens desta fase atribuíam poderes às imagens e delas faziam-se aliados, para poderem encontrar forças para enfrentar o desconhecido.

Quando os avanços técnicos e científicos conferem ao homem a possibilidade de maior apreensão do mundo, passamos para a fase do olhar estético correspondendo à imagem como *arte*. *A arte chega à imagem quando a magia se retira*. (Debray, 1994:34).

A terceira idade, o olhar econômico, tem como tipo de imagem o que o autor chama de *visual*. *Começa logo que adquirimos poder suficiente sobre o espaço, o tempo e os corpos, e deixarmos de temer sua transcendência*. (Debray, 1994:37). A invenção da fotografia, inaugura uma longa transição das artes plásticas para as artes visuais. O aparecimento do vídeo marca a consolidação da era das imagens como visualidades e a fase da computação é o seu coroamento. Para Debray, a terceira idade, do olhar econômico, é caracterizada pela imagem como visualidade e representa a banalização das imagens. Não temos mais imagens artísticas, só visualidades.

As imagens artísticas são substituídas pelas visualidades? Todos nós podemos observar as imagens criadas pela mídia, e que são veiculadas pelos vídeos. Mas também podemos perceber, o destronamento da pintura renascentista, o surgimento do surrealismo, da arte moderna e da arte contemporânea. As convenções arbitrárias de uma única fonte de luz e visão, elaboradas na perspectiva monocular, já não coincidem com os valores do nosso tempo. As deformações, a velocidade, a mobilidade, a plasticidade, a materialidade e a experimentação, se opõem radicalmente à estabilidade, ao equilíbrio e à permanência da sociedade renascentista. Hoje, lidamos com o espaço de uma forma muito mais experimental, imaginativa e comportamental, de forma contrária aos métodos e teorias pré-estabelecidas. A representação espacial renascentista, de que estamos falando, teve seus primeiros questionamentos durante o

século XIX. O surgimento dessa representação espacial, coincidiu com a invenção da fotografia. Braune (2000) lembra que, embora o cubo cenográfico e a perspectiva linear ainda estivessem presentes no fazer de quase todos os artistas do século XIX, os primeiros realistas seguidos pelos impressionistas e pós-impressionistas, já elaboravam algumas discussões em torno da representação espacial, a qual constituiu-se, durante quatro séculos, um dogma inquestionável.

A fotografia surrealista possui uma linguagem que nos permite o distanciamento da realidade racional, *i.é.*, à medida que o fotógrafo aproxima a objetiva do excêntrico, do exótico, do grotesco, se por um lado provoca repulsa, angústia e aversão, por outro lado atrai, fascina, estimula, exatamente por sermos colocados frente ao desconhecido. Diante da proximidade e distância do foco, Braune (2000:79) formula a seguinte equação – *O afastamento externo é inversamente proporcional à aproximação interna, isto é, quanto mais distante da nossa realidade racional (externa) estiver a imagem, para mais próximos da nossa realidade interna, sensitiva, inconsciente, seremos remetidos e, conseqüentemente, maiores serão as possibilidades de harmonia com o universo que nos cerca.*

A pintura surrealista de René Magritte, por meio de justaposições de imagens e palavras, desafia a lógica da realidade externa. O fazer da sua obra se dá mediante a retirada de objetos de suas banalidades cotidianas, inserindo-os em situações inéditas, sem aparente coerência. Quando ele pinta um cachimbo e coloca em baixo o título - *Isto não é um cachimbo* (Figura 2.1), está nos chamando a atenção para a convenção da linguagem, ou seja, é pura convenção o que liga o nome cachimbo ao objeto propriamente dito. Neste contexto, podemos perceber que as relações sustentadoras do mundo, estão assentes em valores pré-estabelecidos e por isso frágeis e passíveis de modificações. O surrealismo de Magritte instaura, no lugar da realidade racional ocidental, uma outra realidade, irracional, imagética e onírica.

No impressionismo e no pós-impressionismo já podíamos visualizar, no fazer do artista, a fusão de coisas e espaço. Entretanto, um passo fundamental na história da Arte Moderna foi dado em 1911, com a invenção da colagem no Cubismo, que proporcionou a troca entre o aspecto sólido e o vazio. A obra de Picasso, *Guitarra* (1911-13), pode ser considerada como a mais importante escultura da fase de formação da Arte Moderna. Porém, na obra, o contorno geral desempenhado pelo fundo azul, mantém a colagem pictórica presa a um espaço ainda naturalista. O rompimento desse contorno torna explícito o ponto de interseção entre a fase de formação e a fase de desdobramento da Arte Moderna (Figura 2.2). Segundo Tassinari (2001), uma pintura

característica da fase de formação, possui sua unidade garantida pelo fundo pictórico, mesmo se o rompimento do contorno disperse suas partes. No entanto, a eliminação total do contorno de uma escultura, a deixará sem o seu espaço próprio e unificador, o que vai caracterizar a fase de desdobramento da Arte Moderna ou o fazer do artista contemporâneo – o espaço do mundo comum é o que será o complemento da sua obra.

A Arte Moderna pode alcançar maior apreensão, através da conceituação do seu espaço. Na Arte Contemporânea, o lugar da obra ocupa o lugar comum ou o ambiente externo. A obra tem o seu espaço parcialmente integrado ao ambiente externo. A obra não possui seu espaço independente do lugar comum ou ambiente externo. Ela também não cria um novo espaço divergente do lugar comum. Se a obra criasse esse novo espaço, ela não seria inédita e sim estaria seguindo a fragmentação entre a vida comum e a arte, ou seja, a fragmentação entre o lugar comum e o lugar da obra. A obra contemporânea, ao solicitar o espaço do mundo em comum para individualizá-la, não possui autonomia para se desvincular totalmente dele. Tassinari (2001:76), na sua abordagem sobre o espaço moderno, fala sobre o fazer da obra - *Num espaço em obra, o que se imita é o fazer da obra. Se o espaço em comum também fosse imitado, cada obra contemporânea tenderia a imitar o espaço do mundo como obra sua. O que é uma hipótese absurda. Uma obra contemporânea não transforma o mundo em arte, mas, ao contrário, solicita o espaço do mundo em comum para nele se instaurar como arte* (Figura 2.3).

II.3.2 - Os catadores na boca do lixo

Neste item, descrevo a minha percepção sobre o vídeo *Na Boca do Lixo*²⁸. O vídeo mostra a realidade cotidiana de uma população de catadores de lixo, que moram no seu local de trabalho, um vazadouro, um depósito de lixo a céu aberto – conhecido como *lixão*.

O caminhão do lixo chega no vazadouro próximo a São Gonçalo - RJ. Homens, mulheres e crianças correm ávidas pelo seu conteúdo. O veículo jorra toda espécie de resíduos, que já apresenta decomposição (chorume). As pessoas buscam objetos necessários à sua sobrevivência, se misturam ao lixo, parecem receber uma chuva de maná. Muitas trazem o rosto coberto com panos – para se proteger dos insetos, do cheiro ou até mesmo da vergonha. Urubus sobrevoam os monturos de lixo. Homens,

²⁸ COUTINHO, E., 1992. *Boca de Lixo*. Rio de Janeiro: CECIP. Vídeo duração 49’’ e 15’.

mulheres e crianças catam coisas – garrafas, latas, resto de objetos e comida. Muitos comem o alimento que acham, uns são entrevistados e outros escondem o rosto, dizendo sentir vergonha. Uns brincam com os outros, mostrando senso de humor e uma atitude espirituosa, característica da vida em comunidade.

“Porque você está botando isso na nossa cara” - pergunta um menino ao ser filmado - “Para mostrar a vida real de vocês” - responde o repórter - “mostra para o Collor” - grita o menino rindo.

“...Melhor trabalhar aqui do que em casa de família” “estamos trabalhando e não roubando” “bom não é, mas é de onde tiramos nosso dinheiro” “na casa de família a gente almoça e janta” “aqui a gente não almoça” “aqui a gente acha roupa, calçados, o que não serve para o rico, serve para o pobre” “não gosto de ser mandada, já trabalhei muito em casa de família...”

Ao olhar o vídeo e ao escutar suas falas, observo, percebo, constato a presença da liberdade e o espírito comunitário. Tal liberdade tem seu preço – não almoçar ou não jantar, viver do lixo e no lixo. Mas possuem suas casas, ou melhor, seu espaço. Seu mundo é especial -habitam e passeiam próximo ao lixo; não recebem ordens; não sofrem o contraste social tão cruel e presente no mundo do trabalho capitalista. Esta realidade está fora do universo capitalista ou é “sua mais perfeita tradução”?

“...Muita gente trabalha aqui porque é relaxado, não quer pegar um ônibus para trabalhar. Aqui tem tudo, a gente come, veste. A gente foi tudo criado aqui no lixo...”

Foram criados ali no lixo e aprenderam a sobreviver com ele e através dele. Por que deveriam sair dali – do lixo – para buscar trabalho? Teriam que tomar condução, perder tempo, gastar dinheiro e seriam tratados, no mundo do trabalho, como uma categoria inferior, deveriam obedecer ordens e sofreriam o contraste da segregação social. E a liberdade? O espírito de comunidade? E o grupo homogêneo, sem contrastes sociais marcantes ou castradores? Além disso, depois de um dia de trabalho – totalmente fora do lixo – voltariam para o lixo, onde moram.

*“...Eu já vendo para fora, ganho igual ao comprador daqui”
“O lixo é o braço direito da gente” “O lixo traz dinheiro para*

gente” “O lixo é um quebra-galho para a gente” “Quase não compensa a gente ficar aqui dentro, esse caminhão já vem catado...”

As soluções para o lixo são tomadas de cima para baixo, atropelando quem já sobrevive dele, há muitos séculos. Na Idade Média, os miseráveis, os prisioneiros, os loucos, os leprosos e as prostitutas, já eram encarregados da tarefa de catar o lixo das cidades e aqueles que sobreviviam dele eram reconhecidos como trapeiros. Atualmente, o lixo deve ser convertido em dinheiro. Existe a fábula dos três R – Reduzir, Reutilizar e Reciclar – e eles (os catadores) estão dentro dessa fórmula. Há a presença constante de compradores nos *lixões*. Separamos, dentro das nossas casas, o lixo a ser reciclado. Fala-se muito nas cooperativas de catadores como uma solução para o lixo e até mesmo para quem vive dele. Propagam-se as vantagens da organização dos catadores – prevenir riscos de doenças e acidentes, salário mínimo garantido no final do mês, condições de vida e trabalho dignas de um ser humano.

“...A gente acostuma, fica doente se não sentir o cheiro do lixo. Não tenho saúde ou saúde é invenção. O lixo é o final do serviço e é dali que começa. Eu sou naturalista. Se a gente está pela natureza, tem que seguir por Deus...”

Enock, um senhor de quase 70 anos, fala que já trabalhou como pedreiro, operário e até como seringueiro. Agora está trabalhando no lixo. Para ele, é no lixo onde tudo começa. Mostra com orgulho seu relógio de parede e um *pôster* enfeitando sua sala, dizendo que tudo foi achado no lixo. Sua esposa não vai para o lixo. Ela diz que tem vergonha, mas espera seu marido chegar todos os dias. Ele chega, dá comida aos animais – aves, porcos e cachorros – e fala um pouco da vida. Está livre, está por conta da natureza, está por conta da sorte ou do destino - quem vive por conta do destino tem que confiar em Deus. Sempre teve que se virar para poder viver. Seu último trabalho está sendo no lixo e parece não se incomodar com isso. Ainda tem disposição para o trabalho e vai trabalhar até morrer. Conta que as pessoas se acostumam com o lixo e quando não vão para o lixo sentem falta - até adoecem. Pensa na saúde como em algo bem distante ou ausente - pode até mesmo ser uma invenção.

“...Eu sou brasileiro, eu sou humano, eu tenho o direito de falar o que eu penso, eu não tenho medo” “Lá no lixo, eu grito, eu falo. Aqui na minha casa só eu e minhas filhas, meu marido chega cansado” “A gente costuma dar uma voltinha pelo lixo, só para ver o que está acontecendo lá...”

A vida no lixo é comunicativa. As pessoas brincam umas com as outras. Todos ali possuem uma realidade semelhante ou podem externar as suas particularidades, sem enfrentar os problemas peculiares da segregação social. Mesmo nas suas moradias, o contato entre elas aparece de forma amigável e solidária. Entretanto, quando sozinhas em suas casas, sentem falta dos colegas de ofício. Não tendo opções de lazer, costumam passear pelo lixo. Ao final de um dia de trabalho, voltam para seus domicílios e, já de banho tomado, enfrentam a câmera de filmar – então percebo seus rostos cansados e a desesperança em seus olhares. Uma mulher jovem, canta com muita vontade – qual será o seu sonho? O que sentem esses seres humanos depois de um dia de luta? O que sentem ao chegarem no desconforto dos seus lares e ao ligarem suas TVs?

II.3.3 - Associação de Papeleiros Unidos Venceremos

A descrição desse item foi baseada numa entrevista com uma assistente do Centro Alceu Amoroso Lima - CAAL, e na minha observação participativa nas reuniões mensais da Associação de Papeleiros Unidos Venceremos - APUV, realizadas durante o período de outubro de 2002 a dezembro de 2003.

A Associação teve seu suporte de fundação do CAAL. O Centro pertence à Universidade Cândido Mendes, e sua sede é na antiga casa do professor Alceu Amoroso Lima, em Petrópolis, onde ele costumava passar suas férias de verão. Após sua morte, o professor Cândido Mendes comprou a casa e a transformou no CAAL. Atualmente, neste Centro está sendo desenvolvido o “Projeto dos Papeleiros”, que consiste em dar suporte ao trabalho associativo dos papeleiros da cidade de Petrópolis.

O processo de organizar os papeleiros em associação, foi surgindo em consequência da vontade dos profissionais do CAAL, de alertar a população sobre a importância da coleta seletiva de Lixo, na cidade. Neste sentido criaram, em 1987, o projeto “Lixo Gera Livro” que, unindo o útil ao agradável, utilizariam o dinheiro arrecadado com a venda dos papéis recolhidos, na compra de livros e criação de bibliotecas volantes comunitárias. Na boa intenção de desenvolver o projeto, fizeram uma intensa campanha de divulgação na comunidade – panfletos e contatos com pessoas afins. Mobilizaram o comércio, as indústrias, as igrejas e até o batalhão da

polícia militar. Conseguiram alto-falantes em um sindicato e circularam pelas ruas da cidade, solicitando a participação da população.

Fruto desta intensa campanha, que durou três dias, de sexta-feira a domingo, conseguiram sete caminhões nos supermercados e recolheram toneladas de papel. Porém, ao venderem o material, ficaram decepcionados - as indústrias pagaram pouquíssimo pelo material. Não puderam comprar nem cinquenta livros.

II.3.3.1 - E como o catador entrou no projeto?

Os mentores do projeto “Lixo gera Livro”, ficaram muito impressionados e decepcionados com o preço da compra do papel, pelas indústrias de reciclagem. Assim, começaram a refletir sobre as condições de vida e trabalho dos papeleiros da cidade. Se eles conseguiram, com o dinheiro arrecadado com a venda de sete caminhões com toneladas de papel e após três dias inteiros de intenso trabalho, comprar menos de cinquenta livros, como essa gente sobrevive catando papel com uma carrocinha? Preocupados com o resultado do projeto e curiosos para saber aonde haviam errado, procuraram entrar em contato com os catadores da cidade.

O primeiro contato foi com o senhor João. A princípio, ele se mostrou muito desconfiado e reservado, mas falou que era assim mesmo – numa semana boa de papel (Dia das Mães, Natal, Carnaval) ele conseguia catar toneladas, para ganhar apenas duzentos reais. Às cinco horas da manhã, João já é visto pelas ruas da cidade, puxando sua carrocinha. Em épocas de papel escasso, ele tem que guardar um pouco dos papéis coletados naquelas datas festivas e ir vendendo a varejo.

E foi assim, escutando as histórias de trabalho do seu João, que Maria Helena (presidente do CAAL) teve a idéia de trabalhar com os papeleiros de Petrópolis. Eles não tinham voz e sofriam uma série de restrições por parte do poder público – alguns prefeitos mandavam retirar as carroças das ruas, porque atrapalhavam o trânsito, ou estipulavam horários para a sua circulação pela cidade. Apesar de ser um trabalho como outro qualquer, ninguém reconhecia – eles retiravam o lixo das ruas, o que seria uma obrigação da prefeitura e não tinham sequer o seu aval.

Os profissionais do CAAL começaram a conversar com os papeleiros. Aos poucos, um foi chamando o outro e, desta forma a instituição foi aglutinando-os, oferecendo suporte para o desenvolvimento de suas ações. Eles deveriam se organizar para adquirir reconhecimento, espaços e direitos de trabalho.

II.3.3.2 - O Projeto “Lixo gera Livro” virou “Projeto dos Papeleiros”

Em 1995, o CAAL deu início ao “Projeto dos Papeleiros”, que já tem mais de oito anos de contínuo funcionamento. O trabalho começou com dezesseis papeleiros, três morreram, alguns saíram, permanecendo apenas oito deles. Eles já possuem uma idade avançada. A maioria começou a catar papel para o pai e quando esse faleceu, eles ficaram com a carroça. Assim, a vida deles parecia ser uma rotina, já acostumada ao sacrifício da privação. O suporte do Centro, uma instituição preocupada com a atividade que eles já realizavam há muitos anos, pode ser visto como uma luz no fim do túnel. A princípio, achavam que não daria certo. O trabalho e o sacrifício eram os mesmos, mas os sonhos começaram a ser diferentes – hoje, com a força do trabalho associativo, acreditam que vão conseguir os benefícios almejados.

Para se associar, é preciso ser catador, participar das reuniões na última quinta-feira de cada mês e contribuir com dez reais (para a caderneta de poupança da Associação), o que muitos tiveram dificuldades em aceitar – sempre trabalharam por conta própria e, quando falta algo, eles costumam dar um jeito para conseguir. A Associação também possui um estatuto, que deve ser seguido pelos seus associados. Nas reuniões, os papeleiros manifestam seus ideais mais concretos – um espaço físico de trabalho maior, que possibilite a separação e o armazenamento de outros materiais recicláveis, além do papel. Na ocasião também são discutidas diversas outras questões prementes, tais como a do peso dos fardos de papel – as indústrias compradoras parecem não pagar pelos fardos o valor equivalente à pesagem que eles fazem antes da venda.

Antes da Associação, não havia um local para acondicionar os papéis recolhidos e, por isso, eram vendidos pelo preço que o ferro velho da cidade oferecia. Não havia outra alternativa, além de catar e vender, ou cata aqui vende ali – como dizem os papeleiros. Também não tinham como negociar o preço do material com as indústrias compradoras. Hoje, sabem que existe uma tabela de preços nas indústrias e, assim, podem melhor negociar o fruto do seu trabalho.

II.3.4 - Associação de Catadores de Papel Papelão e Materiais Recicláveis

Para a descrição deste item, utilizei os seguintes elementos: uma entrevista com a catadora que fundou a Associação e que atualmente ocupa o cargo de

animadora cultural; documentos da Associação de Catadores de Papel Papelão e Materiais Recicláveis – ASMARE, sediada em Belo Horizonte – MG (estatuto, jornais, revistas e ficha de produção individual) e minhas observações sobre o local da pesquisa, baseadas nos três dias de visita a ASMARE, realizada em julho de 2002.

Na fundação da ASMARE, os catadores tiveram o apoio da Pastoral de Rua da Igreja Católica. Eles queriam trabalhar, mas não conseguiam o aval da prefeitura. No início, começaram a se reunir debaixo do viaduto, depois no quintal (debaixo das árvores) de uma casa velha no bairro do Barro Preto e, mais tarde, um padre da Casa do Trabalhador emprestou a casa para as reuniões. Desta forma, foi surgindo a idéia de se fundar uma associação.

Os catadores começaram a fazer passeata na porta da Prefeitura de Belo Horizonte. Com esse movimento e através dos contatos com as autoridades afins, conseguiram o seu primeiro galpão (onde já moravam clandestinamente) e assim puderam iniciar o processo de armazenamento do papelão, com o aval da prefeitura. Após cinco meses, utilizando as tabelas de preço para o papelão, negociaram a venda do produto pelo melhor preço de mercado, formando o capital de giro.

Antes da ASMARE, os catadores ganhavam o carrinho dos atravessadores de materiais recicláveis para os quais trabalhavam, e vendiam esse material por preço já estipulado. Depois da ASMARE, o processo de trabalho foi se transformando: os catadores começaram a ter consciência dos seus direitos de cidadão – filhos na escola, casa para morar, melhores condições de trabalho e de remuneração. Hoje, no galpão onde há doze anos funciona a Associação, o catador chega com o seu carrinho carregado de material e nesse espaço, ele separa os diferentes materiais recicláveis, que são prensados, pesados e vendidos pelo preço de mercado. A produção é individual, ou seja, cada um recebe de acordo com a sua produção diária.

II.3.4.1 – Como a ASMARE está organizada

A organização da ASMARE, do ponto de vista do catador, é muito clara. A produção individual de cada um é registrada num micro computador. Além da parceria com a prefeitura, outras já foram formadas. A prefeitura faz o convênio, mas é a ASMARE quem administra “...*Eles cedem a verba para pagar e nós entramos com o pessoal, é uma troca de trabalho...*” – diz Graça (catadora e animadora cultural da associação). A prefeitura cede alguns funcionários para a área administrativa, mas eles

trabalham em conjunto com os catadores. A ASMARE possui documentos de fundação e Estatuto e conseguiu mais um galpão, localizado na rua Oitava 460, Bairro do Prado. É um grande espaço físico, onde trabalham mais de cem pessoas. Neste galpão, os catadores fazem a sua triagem dos caminhões da coleta seletiva do lixo (quatro da Prefeitura e dois alugados pela ASMARE). Os catadores do outro galpão, continuam a fazer o trabalho de coleta direta nas ruas, com suas carrocinhas.

Para tornar-se sócio da ASMARE, o catador deve fazer um curso de capacitação com duração de três meses – onde recebe orientações sobre a importância do seu trabalho para a sustentação do meio ambiente e toma conhecimento das normas da Associação, que devem ser obedecidas. A Associação conta com 366 associados mas, contando com as suas famílias, 1500 pessoas são beneficiadas. A ASMARE está levando sua experiência para 33 municípios, objetivando retirar catadores do *lixão*. As assistentes sociais da Associação, vão até os *lixões* e trabalham junto aos catadores, visando a melhoria das suas condições de vida e trabalho.

Os associados costumam receber de um a dez salários mínimos, em média – “... *Quem trabalha mais, anda mais, busca mais material, consegue tirar até cinco salários. O dia abriu, vai todo mundo buscar, aí traz. Deixa o carrinho cheio, pela manhã separa e de tarde sai de novo, é aquela rotina. Durante o dia trabalham aqui dentro e durante a noite sai buscando...*” – assim conta Graça.

II.3.4.2 - As atividades sociais, culturais, criativas e lúdicas.

Na Associação existe, já em andamento, um projeto de uma creche. As mães vão para o galpão e levam as crianças com elas. Entre as catadoras grávidas, é comum retomarem o trabalho, logo após o parto, levando o recém-nascido no carrinho de coleta. Algumas escolas, como a dos “*Irmãos Maristas*”, possuem convênio com a ASMARE, ou seja, algumas vagas são reservadas aos filhos dos catadores. Na própria Associação há um treinamento em marcenaria para adolescentes. Neste treinamento, eles aprendem a recuperar móveis - que são descartados no lixo ou doados por instituições e domicílios – transformando-os em belas peças decorativas. Na marcenaria, também são construídos os carrinhos da ASMARE com nome, telefone e endereço da Associação. Todo associado ganha o carrinho e o uniforme da ASMARE. Eles ainda não possuem carteira assinada, convênio com serviços de saúde, pensão ou

aposentadoria. Falam da dificuldade do reconhecimento da profissão “*catador de papel*”. Algumas mulheres pagam a previdência como autônomas “*donas do lar*”.

A maioria dos catadores, hoje organizados na ASMARE, foi população de rua. Eles viviam em condições de miséria, no local onde atualmente funciona a sede da Associação. Assim, a organização vem fortalecendo a sua imagem de trabalhador perante a população. A situação de desamparo, na qual se encontravam, pode ser claramente percebida na fala de uma das narradoras, Graça:

“...Teve uma época que teve um massacre muito grande, eles chegaram aqui, onde morávamos sem dignidade nenhuma e tomaram tudo. A gente já não tinha nada e eles levaram tudo e jogaram no aterro...”

“...A população não aceitava a gente. Achava a gente como marginal, vagabundo. Você tem que provar que é viável, tem que gerar trabalho e renda...”

“...ASMARE dá, mas ensina pensar. Aqui na ASMARE nada é de graça – o restaurante é pago (dois reais). Agora não dá para dar...”

Além dos galpões de triagem, a Associação também desenvolve atividades culturais, criativas e lúdicas. Ao atravessar a rua do Galpão, em Barro Preto, visualizamos um prédio de três andares, que é conhecido como Bar Reciclo. Este bar, que funciona no andar térreo do edifício, foi todo construído com material reaproveitado – cadeiras, mesas, balcão e objetos de decoração. Nele, também há uma pequena loja destinada ao comércio de objetos, feitos, com papel reciclado e com outros materiais reutilizados, pelos artesãos e artistas da ASMARE. No bar, em geral à noite, acontecem atividades culturais, tais como, espetáculos musicais, reuniões e encontros.

O edifício, chamado de Bar Reciclo, é o resultado da parceria da ASMARE com a prefeitura, que paga a quantia de três mil reais, por mês, pelo aluguel do prédio. Seu principal objetivo é acolher a população desabrigada que é encaminhada pela prefeitura, pela pastoral de rua ou pela própria ASMARE, para os setores de aprendizado – corte e costura, oficina de papel reciclado e atividades criativas como pintura e escultura. Também já está em andamento a implantação um setor de

aprendizagem de informática. Eles aprendem um ofício, sob a orientação de artistas plásticos, e são levados ao abrigo da cidade. Na fase inicial do aprendizado, eles ganham uma remuneração menor. Mais tarde, quando já fazem do ofício o seu meio de subsistência, além de ganharem mais, são incentivados ou indicados a buscar novas oportunidades de trabalho.

A parte lúdica é revivida todos os anos na preparação das fantasias, nos ensaios do bloco da ASMARE e durante o Carnaval da cidade. As fantasias são elaboradas pelo artista plástico da ASMARE, em parceria com cada catador (dono da fantasia). Todas as fantasias e materiais do bloco são feitos com material descartado. Os que participam do Carnaval, podem efetivamente ajudar com suas idéias e seus desejos na realização da festa.

II. 4 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Os atores envolvidos na pesquisa pertenciam a três categorias de ocupação. Assim, os roteiros de entrevistas semi-estruturadas, foram elaborados de acordo com as diferentes categorias profissionais: catadores de materiais recicláveis, artistas plásticos e administradores ou assistentes dos nichos estudados.

Foram entrevistados: quatro artistas plásticos, sendo dois deles ligados à ASMARE; dois administradores, um de cada Associação pesquisada; dois artesãos, que são moradores de rua acolhidos pela ASMARE e três catadores de materiais recicláveis.

1) Roteiro de entrevista dirigida aos administradores:

- Como começou a Associação? Data de fundação; número de associados na época da fundação; houve mediadores?
- Atualmente, qual o número de associados? Os associados ganham por produção individual ou coletiva? Como é contabilizada a produtividade?
- Como fazer para associar-se? O que a Associação exige e o que ela oferece?
- O material arrecadado é vendido para empresas ou atravessadores?

- Existem usinas de reciclagem na cidade? Qual é o destino final do lixo: aterro sanitário, depósito de lixo a céu aberto (vazadouro), ou incineração?
- Como o trabalho da Associação é divulgado? Como os catadores demonstram interesse e se aproximam da Associação para se associar? Existe algum trabalho da Associação para trazer o catador até ela?
- Existe algum trabalho de arte a partir do lixo? Os catadores fazem algum curso antes de se tornarem sócios? Se existe o curso, qual o seu conteúdo?
- Quais são os benefícios que os catadores associados possuem: cesta básica, aposentadoria, férias, décimo terceiro salário, escola, creche para os filhos, serviços de saúde?
- Quais os documentos existentes na Associação: jornal, revista, estatuto, boletim?

2) Roteiro de entrevista dirigida aos catadores:

- Como você vê a vida? Como você gostaria de viver a vida?
- Como você vê o seu trabalho? Como as pessoas vêem o seu trabalho?
- Como você gostaria que fosse o seu trabalho? Você gostaria de ter outro trabalho?
- Você sempre foi catador ou já teve outra ocupação? Se tiver tido, qual foi a ocupação?
- O que você acha que poderia melhorar o seu trabalho? E na sua vida?
- Sua vida como catador mudou para melhor ou pior depois de associado?
- O que você acha que deve ser feito para preservar a Associação?
- Como você se sente, trabalhando com material desprezado e que é depois transformado em um novo objeto reutilizável?

3) Roteiro de entrevista dirigida aos artistas plásticos:

- Como você começou a se interessar pela arte – e a trabalhar com ela?
- Como devemos fazer para desenvolver nosso potencial de criação?
- Como você percebe a invasão de imagens que existe hoje? Qual a relação entre elas e o fazer do artista?
- Você pode falar, entre as suas criações, sobre aquela que você mais aprecia?
- Como veio a idéia de construir sua obra com sucata ou material descartado? Qual o material que você utiliza na construção da sua obra?
- Como você vê a arte na sociedade de hoje? Do seu ponto de vista, qual deve ser o papel da arte na sociedade contemporânea?
- Você gostaria de acrescentar alguma pergunta ou sugestão à entrevista?

II.5 - ANÁLISE DOS DADOS - PERCEPÇÃO DO PESQUISADOR

Penso que devo retornar à questão: como o desenvolvimento do potencial de criação de sujeitos, pode atuar no processo de emancipação de grupos, de comunidades e da sociedade?

O ser humano sonha, deseja e constrói a imagem de um mundo. Esse mundo não parte do *nada*, mas de *algo* já pré-existente na natureza humana. Apesar do *mundo comum* já partir de *algo* pré-existente, o sujeito percebe e constrói sua imagem, segundo sua emoção, sensibilidade e cultura. A emoção e a sensibilidade são singulares no ser humano porém, herdamos ou assimilamos a cultura dos nossos ancestrais. No caso, da cultura hegemônica ser imposta como única e não possuir identidade com o sujeito em questão, ele fica prejudicado na sua sociabilidade e pode entrar em conflito. Este conflito, aumenta o sentimento de fragmentação do ser e a distância entre ele e o seu objeto humano, ou seja, cria-se um abismo intransponível entre o sujeito - sujeito é aqui entendido como objeto da sua atividade - e a *práxis*. Portanto, a *práxis* não tem e

nem pode ter o seu fim em si mesma, ou melhor, ela visa à transformação de seu objeto humano.

A instituição social é, segundo Castoriadis (1987), um fim em si mesma. Isso significa, que sua principal função é a de autoconservação – ela contém dispositivos incorporados, que tendem a ser reproduzidos ao longo do tempo e das gerações; essa reprodução é imposta com um tipo de eficácia, que surge como miraculosa. Contudo, para alcançar a sua perpetuação, a instituição deve recobrir o *abismo* do mundo, da psique para a própria psique, da sociedade para a sociedade. A religião surge como um recurso para *dar sentido* à vida ou *recobrir* o *abismo*. Deus, na teologia racional cristã, é o sentido final e fonte de todo o sentido e, portanto, ele é tanto a fonte como a garantia do ser, e da sociedade e suas instituições.

A sociedade autônoma, institui suas próprias leis e significações, não possuindo nenhuma garantia *extra-social*. A verdadeira democracia é fundamentada no regime, que explicitamente recusa qualquer *garantia* e que não reconhece nenhuma limitação, a não ser a sua autolimitação. A democracia é o único regime que *arrisca* a possibilidade de sua autodestruição. No sentido oposto, o totalitarismo e a tirania não arriscam nada, pois já concretizaram tudo de *arriscado* na existência histórica. A autolimitação da democracia, por sua vez, só pode ser executada por indivíduos educados por ela mesma.

Esta educação, seguindo o raciocínio de Castoriadis (1987), comporta a aceitação do fato de que as instituições não são tal como existem, nem *necessárias* e nem *contingentes*, ou seja, não há sentido como dádiva, nem garantia de sentido – o sentido é criado pela história. A democracia descarta o sagrado, e os seres humanos devem aceitar o que até hoje têm dificuldades em reconhecer, que eles são mortais e que não existe nada do outro lado. Para o autor, só a partir desta aceitação ou deste reconhecimento, será possível a formação de uma sociedade autônoma.

O respeito à autonomia e à dignidade humana, é uma condição ética que envolve cada um de nós – a relação do *eu* com o *outro*. Freire (1996), fala da consciência que devemos adquirir sobre o inacabado. Essa consciência do inacabado, nos transforma em seres éticos porque, sendo éticos, podemos desrespeitar o rigor da *ética* estabelecida e resvalar para a sua negação, ou seja, Freire afirma ser imprescindível deixar claro que a possibilidade de *desvio ético* não pode receber outra designação senão a de *transgressão*.

A consciência do inacabado, nos conduz a desvelar eternamente, teorias, conceitos e discussões, para criar novas práticas de contribuição ao processo de

transformação social. Nesse sentido, existe uma profunda distinção entre o ser condicionado e o ser determinado, *i.é.*, a diferença entre o inacabado, que não se sabe como tal, e o inacabado, que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. Freire (1996:53), descreve essa distinção, inserindo a sua vivência de ser inacabado e determinado:

“...Gosto de ser gente porque percebo, afinal, que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito haver comigo mesmo. Seria irônico, se a consciência de minha presença no mundo não implicasse já o reconhecimento da impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença. Não posso me perceber como uma presença no mundo e, ao mesmo tempo, explicá-la como resultado de operações absolutamente alheias a mim. Neste caso, o que faço é renunciar à responsabilidade ética, histórica, política e sócia,l que a promoção do suporte do mundo nos coloca. Renuncio a participar, a cumprir a vocação ontológica de intervir no mundo. O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros, me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas sim a de quem nele se insere...”

A idéia de trabalhar com as duas categorias - catadores de lixo e artistas plásticos - surgiu à medida que eu procurava uma *inserção* no mundo comum, onde o ser pudesse reaproveitar *os restos* produzidos pela subjetividade humana. O artista, na construção do seu fazer, trabalha com a interação dialética de opostos, *i.é.*, morte e vida; consciente e inconsciente; objetivo e subjetivo, visível e invisível. Assim, a inserção do artista no mundo comum pode se dar pelo seu sentimento de completude, que é concretizado pela interação dos opostos complementares. Já os catadores, normalmente excluídos na sua sociabilidade, como preenchem o *abismo*? Na busca de recobrir o *abismo* ou de *dar sentido* à vida, o catador deve ser reintegrado à sociedade. Contudo, tal integração não está limitada às mudanças sociais e políticas que o catador deve vivenciar, mas, principalmente, a transformações que a sociedade deve sofrer para acolhê-lo.

A transformação do Estado, na modernidade, considera dois paradigmas - a revolução e o reformismo. O primeiro foi pensado para ser exercido contra o Estado e o segundo para ser exercido pelo Estado. No reformismo, o paradigma

que dominou nos países centrais e estendeu-se para todo o sistema mundial, a sociedade é vista como uma entidade problemática e, por esse motivo, necessitada de reforma, ou seja, a sociedade é o objeto da reforma. Já o Estado, sendo a solução para o problema, torna-se o sujeito da reforma. Mas, o que acontece de fato, hoje, é que o Estado se torna problemático e transforma-se no objeto da reforma. Nessa situação, quem passa a ser o sujeito da reforma? Será a vez da Sociedade? Será que a reforma do Estado põe em questão a distinção entre Estado e Sociedade? Será que Estado e Sociedade, simultaneamente, constituem sujeito e objeto da reforma?

Buscando analisar o contexto social e político do movimento para a reforma do Estado, Santos (1999) se concentra no papel desempenhado pelo terceiro setor. O terceiro setor consiste em organizações sociais que não são nem estatais, nem mercantis, *i.é*, organizações sociais que, por um lado, mesmo sendo privadas, não visam a fins lucrativos e, apesar de serem animadas por objetivos sociais públicos ou coletivos, não são estatais. Entre tais organizações, estão cooperativas, associações de solidariedade social, associações mutualistas e organizações não governamentais. Assim, o terceiro setor possui, como principal meta, o combate ao isolamento do indivíduo face ao Estado, à Sociedade e à organização capitalista de produção. A idéia de autonomia é fundamental, e é através dela que se organizam e se articulam todos os outros vetores do movimento: a ajuda mútua, a confiança e a educação para formas alternativas de produção, de consumo e de vida.

A re-emergência do terceiro setor nos países periféricos do sistema mundial manifestou-se, principalmente, sob a forma de Organizações Não Governamentais (ONGs), quer nacionais ou internacionais. Para Santos (1999), o novo terceiro setor veicula os resquícios, os ecos, as memórias e a cultura institucional do velho terceiro setor, que significa o terceiro pilar da regulação social na modernidade ocidental – o princípio da comunidade, que almeja destronar a hegemonia dos dois outros pilares (o princípio do Estado e o princípio do mercado), partilhando com diferentes pesos relativos a diferentes períodos. Neste contexto, o autor cita Rousseau, o grande teorizador do princípio da comunidade, que concebe a comunidade como um todo e que, como tal, deve ser salvaguardada. Para viabilizar a comunidade como um todo, devem ser eliminados todos os possíveis obstáculos às interações políticas entre cidadãos, uma vez que só destes pode emergir uma vontade geral não distorcida. Assim, o princípio do Estado tem como contraponto indispensável o princípio da comunidade – enquanto o primeiro estabelece a obrigação política vertical entre os cidadãos e o Estado, o segundo afirma a obrigação política horizontal e solidária de cidadão a

cidadão. Deste último princípio, que afirma a soberania do povo, deve derivar a obrigação política do Estado.

As associações e cooperações devem ser transformadas em grupos poderosos e privilegiados e que sejam capazes de resistir à vontade hegemônica, atuando em favor dos seus interesses particulares, seguindo sempre os interesses dos cidadãos que as constituem. Para alcançar tal meta, as organizações devem ser pequenas e em maior número possível, para que seja evitada a desigualdade de poder entre os seus sujeitos. No momento em que o terceiro setor é crescentemente evocado como um antídoto à privatização do Estado do Bem Estar, deve-se estar atento para que não seja mal utilizado como fonte de corporativismo. Santos (1999), chama a atenção para o que pode ocorrer nos países de economia periférica, onde o terceiro setor pode representar um princípio de comunidade relativamente artificial e débil das vivências, reproduzindo estruturas e práticas comunitárias conservadoras. Situação que facilita o distanciamento entre as organizações e as comunidades, fazendo com que, desta forma, os recursos das primeiras possam se transformar em benfeitorias repressivas mais ou menos paternalistas para as segundas, ou seja, o terceiro setor pode facilmente transformar-se numa forma de despotismo descentralizado, rompendo com a política horizontal e solidária entre os seus cidadãos - transformando seus beneficiários ou associados em clientes ou consumidores, a liberdade em subversão e a participação em sujeição.

Na intenção de analisar o abismo existente entre a criatividade do sujeito e a emancipação social, realizei uma pesquisa de campo em duas associações de catadores. Como instrumentos de coleta de dados, utilizei entrevistas semi-estruturadas gravadas e observei diretamente o fazer do artista e do catador de materiais recicláveis. O fazer que transforma o lixo em matéria-prima, em luxo ou em objeto digno de valor.

No abismo que há entre lixo e luxo, entre humanidades e mercado ou valor humano e econômico, está o potencial subjetivo do elo de ligação ou da interação dinâmica entre esses opostos. A profundidade do abismo é inatingível, mas ele deve ser desvelado, descoberto e explorado pelos seus indícios. A busca do objeto de estudo torna-se mais próxima, à medida que usamos a nossa percepção na descoberta dos seus rastros ou pegadas.

Não existe um paradigma metodológico aplicado à procura ou busca do conhecimento, ou seja, o conhecimento sobre determinado objeto vai encontrando suas pistas, na medida do desenvolvimento da percepção do pesquisador sobre elas. Ginzburg (1999), se refere à percepção e à interpretação dessas pistas como um *paradigma indiciário*, ou seja, a procura do objeto é realizada através de pistas

infinitesimais, que permitem alcançar uma realidade mais profunda que, de outra forma, seria inalcançável. Essas pistas são sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes) e signos pictóricos (no caso de Morelli). Segundo o autor, a tripla analogia deve-se ao fato de Freud ser médico, de Morelli ter se formado em medicina e de Conan Doyle haver sido médico praticante, antes de dedicar-se à literatura. Nos três casos, observa-se o modelo da semiótica médica – a disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta, na base de sintomas superficiais, às vezes não perceptíveis aos olhos do leigo.

Quanto mais os detalhes e os traços singulares nos são pertinentes na busca do objeto, tanto mais se escoa a viabilidade de um conhecimento científico rigoroso. Neste sentido, devemos sacrificar o conhecimento do elemento individual, à generalização, para procurarmos construir um paradigma diferente, *talvez às apalpadelas*, fundamentado no conhecimento científico do individual mas, potencialmente, com toda uma cientificidade a ser definida. (Ginzburg, 1999).

Como instrumento de registro, utilizamos o recurso fotográfico que, além de documentar o fazer do artista e do catador, mostra a expressão de rostos, gestos e olhares. A fotografia, também pode ser uma agradável forma de dar retorno dos resultados da pesquisa – as imagens do trabalho, das pessoas e situações, podem ser repassadas aos atores envolvidos no estudo. Achutti (1997) ao estudar o lixo, utiliza o método clássico da antropologia, a etnografia. Mas, em vez de fazer uma descrição que faça uso da palavra escrita, ele optou pela imagem fotográfica – fotoetnografia, ou seja, a fotografia como um hiato de silêncio para aguçar a percepção sobre os rostos, olhares, formas, texturas, planos, cores e volumes, os quais também formam o mundo, pois são manifestações visíveis das culturas. Segundo o autor, a fotografia é uma abordagem visual que enriquece o verbo e também nossos diálogos, nossa maneira de formular conceitos, de perceber e narrar experiências não acessíveis às palavras – a unicidade de um olhar ou de um rosto especial que nos sensibiliza, não pode ser traduzida em palavras, só pode ser apreendida como imagem.

Particularmente interessante é a seção do seu livro *imagens dentro da imagem*, em que Achutti devolve aos fotografados a imagem deles próprios e os fotografa mostrando-as. Isto é muito importante, segundo ele, pois existe atualmente uma discussão intensa na antropologia, a respeito do retorno que os pesquisados devem como objetos de pesquisas. Também considerei de fundamental relevância o convite da Associação onde estou desenvolvendo minha pesquisa, para participar das suas reuniões mensais. Assim, conquistei a possibilidade de alcançar, através das falas e expressões

dos catadores, um melhor entendimento sobre a subjetividade implícita nos objetivos expostos. Antes das reuniões, tive a oportunidade de conversar informalmente sobre suas situações de vida e trabalho, como também de mostrar as fotografias, que revelam as expressões e o fazer da sua ocupação.

Figura 2.1: René Magritte - A traição das imagens c. 1928-29



Figura 2.2: Pablo Picasso – Guitarra 1912-12

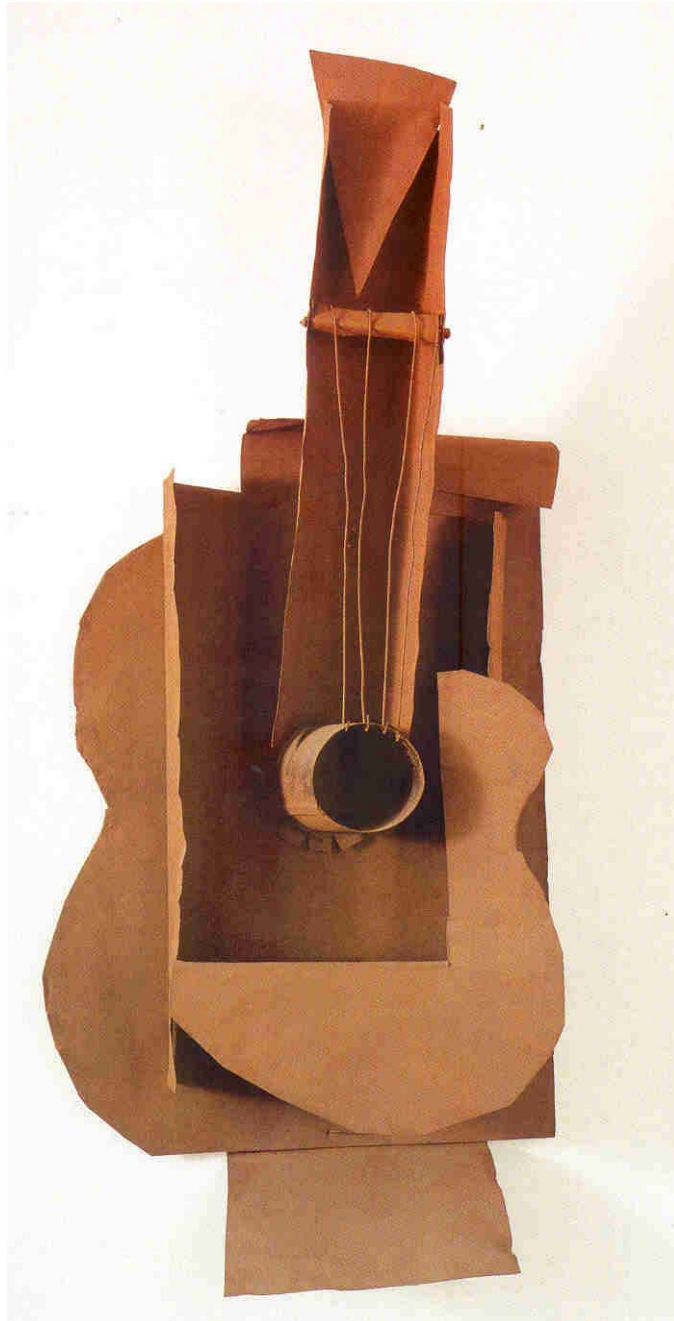
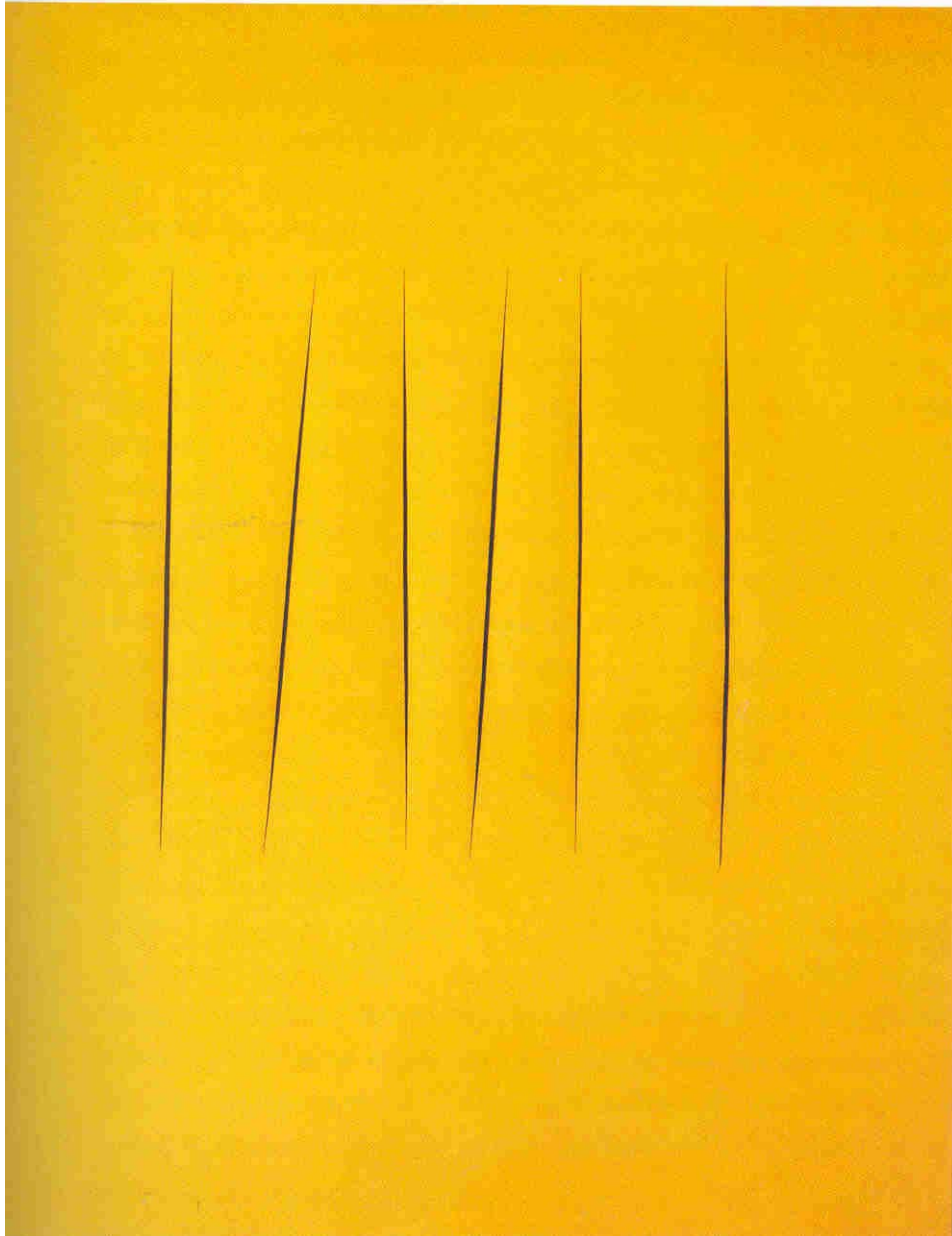


Figura 2.3: Lucio Fontana – Conceito espacial; espera 1965.



III - O ARTISTA, O FAZER DA OBRA E SUA INSERÇÃO NO MUNDO COMUM

III.1 - INTRODUÇÃO

O conceito de lixo como algo descartável, pode estar associado ao corpo do homem. Esse conceito foi se afirmando com o desenvolvimento do capitalismo - o corpo passa a ser utilizado como instrumento de trabalho e deixa de possuir valor ao perder sua força de produção. Já na sociedade contemporânea, o corpo é substituído pela máquina, tornando-se o receptáculo de seus produtos. Quanto mais consome, mais preenche os ideais de uma sociedade capitalista. O homem vem consumindo grande quantidade de produtos, ultrapassando em muito a sua necessidade biológica. E os seus desejos e sonhos? Não estaria o consumo desenfreado de produtos procurando suprir essa ausência?

A onipotência dos nossos pensamentos em compasso de espera ou os nossos desejos infantis reprimidos, nos conduz a algo que Freud (1917/1919) reconheceu como estranho e familiar, ao mesmo tempo. Assim, muitos desses desejos que foram reprimidos na infância tornaram-se recalçados e passíveis de virem à tona - realidade psíquica. Nossos pensamentos em compasso de espera, resquícios das crenças veiculadas pelos nossos primitivos ancestrais, também surgem como um impulso - realidade material. Os escritores e os artistas costumam transformar tais impulsos em prazer - que é a expressão traduzida por meio das diversas formas de linguagem.

Na atual sociedade de contrastes, existe um culto ao consumo e seu paradoxo - enquanto uns consomem até produzir lixo em excesso, outros vivem do lixo, no lixo. O que para uns é considerado lixo, para outros é objeto de valor. Mas, a partir da década de 80, os restos, produzidos pelo desperdício ou pelo consumo desenfreado de produtos, dão início a um processo de questionamento técnico - o que fazer com o

lixo? Onde depositá-lo? Como evitar que ele polua o meio ambiente, causando danos ao ser humano? Enfim, como reduzir, reutilizar e reciclar esses resíduos?

A nossa sociedade vem privilegiando a técnica, deixando de lado a ética e a estética. A modernidade tem nos propiciado o conforto corporal e subliminar. Já não temos o que pensar, apenas o que fazer. Repetimos valores e crenças apropriadas à ideologia de consumo e não nos sobra tempo ou a sensibilidade para superá-la ou transformá-la.

Neste capítulo, busco pensar numa ética sobre os resíduos produzidos pela atividade do homem, o lixo concreto, para, através dele, buscar refletir sobre o excesso na subjetividade humana, identificado pela psicanálise como o excesso, resto, que - é a lembrança daquilo que não vivemos - através de impulsos básicos da mente humana, deve ser transformado em realidade apropriada, ou seja, em prazer.

No sujeito, a pulsão de preservação (Eros) e a pulsão de morte (Thanatos) são dinâmicas que se opõem, mas também se complementam. A arte propicia, de forma peculiar, a reconciliação entre Eros e Thanatos, entre o princípio da realidade e o princípio do prazer. Assim, analisando conceitos, observando a obra e escutando a fala de artistas - que transformam resíduos descartados em imagens singulares - busco uma melhor compreensão do processo de criação e de produção do prazer e da imagem, a partir do resto.

III.2 - LIXO: VALORES E CRENÇAS

Quando analisamos o lixo, nas diferentes épocas da história, observamos que tanto a sua produção como o seu descarte estão vinculados aos valores e às crenças do homem. Assim, a concepção de lixo na Idade Média, difere daquela veiculada na Renascença e mais ainda na sociedade contemporânea. Partindo da Idade Média, Rodrigues (1999), descreve a analogia entre o lixo e o corpo do homem. Durante o Renascimento, com o advento do capitalismo, os resíduos provenientes do corpo humano e o próprio corpo começam a ser considerados como algo desprezível e portanto descartável – o corpo do homem começa a ser valorizado como ferramenta de trabalho, formando um exército de corpos de reserva que são aproveitados ou descartados conforme a demanda da produção de bens e serviços. A fragmentação corpo/alma torna-se evidente – o corpo é desprezado ao perder a sua força de trabalho,

transformando-se em cadáver repulsivo e desprovido de utilidade após a sua morte. E a sua alma deverá possuir um novo destino, que é temido e ignorado.

Na Idade Média não havia, ainda, a dicotomia corpo/alma. A alma era vista como continuidade do corpo – a morte como extensão da vida; o espírito, extensão da matéria. O homem não temia tanto a sua morte, nem sentia repulsa pelos seus restos. Os dejetos produzidos pelo seu corpo, como sangue, fezes, urina, esperma ou o próprio corpo humano em decomposição, não eram afastados do seu convívio diário. Os cadáveres eram depositados em valas comuns e abertas, próximas ao local ou no próprio local onde aconteciam as festas populares e os cultos religiosos. Acreditava-se na ressurreição da carne – o corpo e a alma dos mortos aguardavam fervorosamente o dia da sua ressurreição.

Na sociedade industrial contemporânea, a máquina substitui a mão de obra do homem, que é reduzido a um corpo de consumo. É a sociedade que consome e desperdiça. É a sociedade do corpo bem vestido, bem alimentado, bem educado e bem medicado.

Cabe ressaltar que nossa sensibilidade, no presente, interage com os nossos sentimentos e mentalidade do passado, construindo, dessa forma complexa, um futuro. Portanto, na história não existem recortes sem interferências, ou seja, o homem de hoje possui resquícios da sua essência medieval. Na Idade Média, a cultura era centrada em Deus, já na modernidade ela está centrada no Homem. A necessidade de interação entre o Divino e o Humano está explícita na pintura de Michelângelo, no teto da capela Sistina - *A Criação de Adão* - onde aparece o Deus-Pai encoberto de mantos e barba longa, representando o teocentrismo da época, diante de um homem sem vestes, que está sendo fortemente atraído para a Terra. Apesar disso, o homem estende o dedo para não perder contato com o divino. A nudez de Adão simboliza a instituição do antropocentrismo e a transformação radical que a modernidade introduziu em nossa cultura e em nossas concepções.

A modernidade é caracterizada pelo uso abusivo da técnica, a qual origina bens materiais e serviços para o homem. As grandes descobertas realizadas por Copérnico, Galileu e Newton, ocorridas nesse período, induziram o ser humano a crer que, baseado na razão, ele seria capaz de resolver todos os seus problemas. Assim, o homem passa a desenvolver o seu saber através da racionalidade lógica e matemática, deixando de lado a sua prática de utilizar a intuição e a sensibilidade.

Penso que, com a entrada no novo milênio, estamos vivendo um processo de mudança em referências e paradigmas, possivelmente bem divergentes

daqueles estabelecidos nos últimos quatro séculos. Acredito que estamos caminhando no sentido de uma complexa transformação social, a qual clama por uma nova forma, ou seja, uma nova teoria que possa emergir das ruínas resultantes do rompimento da *antiga* forma. Outra possibilidade seria a reinvenção de um *antigo* conteúdo.

III.3 – MODERNIDADE TÉCNICA: PRODUÇÃO E DESCARTE DE RESÍDUOS

A qualidade de vida do homem está ameaçada pelo cego *progredir* da modernidade técnica. Na sociedade *tecnológica*, somos valorizados pelo que consumimos. O capital é gerado pelo consumo. Quanto mais consumimos, mais acumulamos capital para os países ricos. Consumimos, cotidianamente, informações em excesso e objetos supérfluos. Estamos vivendo um processo de globalização que torna cada vez mais evidentes as desigualdades sociais entre países e segmentos da sociedade. Milton Santos (2000) escreveu sobre a perversidade que a globalização vem causando para a maior parte da humanidade. O desemprego crescente torna-se crônico; a pobreza aumenta e a classe média perde em qualidade de vida; o salário médio tende a baixar; a fome e o desabrigo aumentam em todos os continentes; novas enfermidades, como a AIDS, se instalam e velhas doenças, supostamente erradicadas, fazem os seus retornos triunfais; a mortalidade infantil permanece, a despeito do progresso da tecnologia médica e da informação; a educação de qualidade é cada vez mais inacessível; alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como o egoísmo, o cinismo e a corrupção. A perversidade sistêmica, presente na raiz desta evolução, tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas.

Apesar do conforto que a tecnologia vem nos propiciando, ela tem roubado o nosso mundo interior – nossos desejos e sonhos já fazem parte do pacote tecnológico que recebemos em domicílio através dos instrumentos de informação, muitas vezes adquiridos às custas de grande privação de ordem econômica e de outros prazeres. Na metrópole, a velocidade dos meios de comunicação e dos meios de transporte, torna possível percorrermos com rapidez qualquer espaço urbano. Entretanto, tal velocidade, a cada espaço percorrido, nos leva o tempo de convivência com a nossa interioridade. Em geral, as classes média e alta, são vistas na modernidade como aquelas que acompanham a velocidade do tempo através da técnica. Milton

Santos (1996) vem, mais uma vez, generosamente nos lembrar que, se a velocidade é força, o pobre, quase imóvel na grande cidade, seria o fraco. Porém, na metrópole atual, tudo se dá ao contrário - a força é dos *lentos* e não dos que detêm a velocidade. Os homens *lentos*, por seu turno, por não terem acesso contínuo aos instrumentos de informação e para os quais a velocidade das imagens é apenas miragens, não podem compactuar com esse imaginário perverso, o que possibilita a descoberta das fabulações. Dessa forma, passam por transformações originadas por seus próprios processos intelectuais contraditórios e criativos.

Frente a tal situação de contraste – entre fortes e fracos, velozes e lentos, ricos e pobres – percebemos que já ocorrem mudanças. A mídia perde o seu rumo na história, já não inventa o seu espaço, tornando-se presa de uma técnica de repetições. Assim, repetimos os valores cristalizados de uma ideologia. Segundo Bartholo & Bursztyń (2001), a partir da década de 80, além da perda em qualidade de vida, estamos sofrendo uma crise de utopias, que expressa desencanto e perda da confiança no futuro, incidindo sobre os próprios paradigmas do desenvolvimento que, centrado na utopia econômico-consumista, produziu trágicos desperdícios, desigualdades e degradações. Assim, acontecem muitas experiências traumáticas que vão originar protestos manifestados através de práticas sociais – movimentos pacifistas, feministas, de defesa dos consumidores e ambientalistas. E muitas foram as catástrofes científico-tecnológicas – o caso césio-137, Minamata, Seveso, Bophal e Tchernobyl. Cabe lembrar a advertência dada pela Ciência, como no caso do físico Bronowski, membro da equipe do Projeto Manhattan, que produziu a bomba atômica, lembrança trágica da II Guerra Mundial. Bronowski, na década de 70, confessou seu desconhecimento e descontentamento com as implicações dos seus estudos de física atômica terem sido transformados numa arma destrutiva contra o próprio homem.

Este contexto nos remete ao slogan dos anos 80, que mostrava a ótica individualista dos protestos ambientais no Reino Unido – “No meu quintal, não”, tornando evidentes os reflexos dos interesses dominantes de uma classe média barulhenta e desejosa de que, seja lá o que fosse ser despejado ou escavado, o fosse bem longe dali (Beynon, 1999). Cabe lembrar que o destino final do nosso lixo – seja no aterro sanitário, na usina de reciclagem ou no lixão (depósito a céu aberto) - está sempre localizado fora das cidades, bem distante da classe mais rica e bem próxima da mais pobre.

A tragédia ocorrida na cidade de Goiânia, é mais uma prova do descaso relacionado ao destino final dos nossos resíduos. Um aparelho de césio-137, que se

encontrava fora do seu uso em tratamentos médicos, foi descartado num galpão. Dois sucateiros encontraram o aparelho e não sabendo a sua função e risco, foram seduzidos pelo brilho de um pó branco. Passaram-no pelo corpo como se fosse uma purpurina, disseminando aquela coisa mortífera pela cidade. A negligência no descarte do lixo radioativo por parte das autoridades responsáveis e a ignorância da população sobre a sua periculosidade, conduziram à contaminação radioativa, causando danos de repercussão mundial. O acidente, além da terrível tragédia humana, foi também um desastre para a economia de Goiânia – ninguém queria viajar para a cidade e os seus produtos passaram a ser evitados (Jornal do Brasil, em 17/10/1987).

Este acidente torna evidente que, além da irresponsabilidade no descarte de resíduos radioativos, também existe o despreparo em lidar com as tecnologias dos países de economia central – compramos a tecnologia do primeiro mundo, mas não seguimos as normas de contenção que deveriam ser aplicadas a essa tecnologia, ou seja, assumimos uma tecnologia, sem garantir o controle dos seus riscos. A irresponsabilidade envolve a cumplicidade das autoridades dos países de economia central, com daqueles de economia periférica.

A modernidade tem deixado de lado a ética e a estética dos sentimentos humanos. A negligência do poder hegemônico com os sentimentos e as emoções do ser humano, vem ocasionando drásticas conseqüências para o planeta, como evidenciou o atentado terrorista e suicida ocorrido nos Estados Unidos em 11/09/2001 - um país que se limitou a investir na sua riqueza e segurança máximas. Quanta destruição! Quantos destroços! Quantas vidas humanas desperdiçadas, corpos e pensamentos destruídos! Quantos ideais interrompidos! Os rastros e restos desta tragédia, registros da violência, da ganância e do sofrimento do homem, serão lembrados até quando?

Pensando sobre a questão do sujeito, nos seus rastros e restos, considero que através da arte é possível se alcançar o sentimento de totalidade ou completude. Pela arte, é possível expressar desejos inibidos, lembranças esquecidas, o mundo inconsciente. Pela arte, o homem não repete os dogmas, as doutrinas ou as ideologias pré-estabelecidas já coaguladas pelo tempo. Ele pode se reconstruir através do fazer da sua obra, i.é, no fazer da obra, o seu inconsciente passa ao estado de consciência. O homem deixa restos por onde ele passa. O resto concreto da sua passagem pode ser observado através do lixo que ele produz. Em outras palavras, a negligência no descarte dos resíduos produzidos pela atividade do homem, vai do ambiente interno da sua moradia até o seu exterior, alcançando a dimensão do planeta. O resto produzido pela nossa subjetividade também excede o seu reaproveitamento, ele

sobra e deve ser transformado em linguagem. Numa linguagem que nos possibilite a expressão da nossa singularidade no convívio com o outro. A organização dos resíduos concretos, externos, está vinculada à organização do resto produzido pela subjetividade humana.

Costumamos sentir grande alívio ou até mesmo uma sensação de missão cumprida, quando colocamos o lixo para fora de nossas casas. Com este ato nos eximimos de toda e qualquer responsabilidade sobre ele. Esquecemos os danos à saúde que esse lixo pode ocasionar em quem os coleta (lixeiros) e naqueles que sobrevivem dele (catadores). Deixamos de lado, na maioria das vezes, o interesse pelo destino final dos resíduos que produzimos no nosso cotidiano. Não pensamos sobre os riscos que esses resíduos podem causar ao meio ambiente e à saúde do homem - como preveni-los? Como reduzir a sua produção, como reutilizá-los ou reciclá-los ou, ainda, porque a nossa sociedade produz excesso de lixo?

Este lixo concreto nos remete ao resto, ao excesso produzido pela subjetividade humana. O alívio que sentimos ao descartar nosso lixo concreto se assemelha à necessidade que sentimos em expressar nossos desejos recalçados. Na sociedade contemporânea, o homem vem utilizando o consumo como um ato substitutivo dos seus desejos reprimidos. Penso na possível semelhança entre a alquimia e a psicanálise que, ao meu ver, consiste na reflexão sobre o trabalho de transformação do que é gerado pelo desejo humano recalçado. O alquimista busca o ouro - o metal puro - decantando as impurezas do metal vulgar, até alcançar o estado de purificação. Mas, para se obter o ouro, o metal bruto, que é passível de lhe dar o ouro, deve ser preservado. Quando recalçamos um desejo, nosso inconsciente cria muitas outras situações inoportunas para o nosso ser. Mas, ao tomarmos consciência desse desejo, podemos nos presentear com uma nova oportunidade em potencializá-lo. Ao transformarmos nosso desejo recalçado em desejo potencial, devemos nos resguardar, memorizando e expressando aquilo de inoportuno que ele nos gerou no seu estado de recalque. Tanto na alquimia como na psicanálise, existe um ciclo potencial ideal, onde nada se despreza e tudo deve ser transformado. Nesta forma, o processo alquímico busca, no sentido virtual, a unicidade entre o abstrato e o concreto, o espírito e a matéria, o inconsciente e o consciente, ou seja, a alquimia busca, através da sua simbologia, a pedra filosofal, que é capaz de transmutar a imperfeição ou impureza (metal bruto) em perfeição ou purificação, obtendo o ouro ou o metal puro.

A arte pode ser uma forma de expressar nossos desejos reprimidos. Nesse sentido, Artaud (1896 - 1948) faz uma analogia entre a peste e o teatro, citando a similitude elaborada por Santo Agostinho em “A Cidade de Deus” (Artaud, 1999:22p):

“...A peste que mata sem destruir os órgãos e o Teatro que, sem matar, provoca no espírito, não apenas de um indivíduo, mas de um povo, as mais misteriosas alterações...”

O homem possuído pela peste exterioriza seus sintomas – nódulos negros rompem na superfície da sua pele, a febre queima o seu cérebro e a doença dificulta o seu sistema respiratório. Durante a epidemia, no Ocidente, o homem pensava que o cérebro e os pulmões poderiam ser controlados. Para impedir a doença nos pulmões, bastaria controlar a respiração – fogueiras eram acessas na cidade, para purificar o ar e queimar os pestilentos. Já no cérebro, a peste seria dominada pela mente – o controle do pensamento, ou seja, os bons presságios, os pensamentos saudáveis e em harmonia com a natureza, impediriam a enfermidade. A peste estaria associada à imperfeição do ser humano, que deveria buscar a sua perfeição ou purificação. Segundo Artaud (1999), o Teatro, assim como a peste, deve provocar uma crise que se resolve com a morte ou com a cura. A peste constitui um mal superior, pois é uma crise complexa. Depois dessa crise só resta, ao enfermo, a morte ou uma extrema purificação. O Teatro também é um mal, que contamina às custas da destruição - ele faz com que o homem, ao tomar consciência da mentira, da baixeza e da farsa do seu cotidiano, tire a sua máscara. Assim, o Teatro deve ter a função de abalar a inércia sufocante da matéria, tornando claro ao público o poder obscuro da sua força subjetiva. Força que deve instigar a coletividade a assumir, frente ao destino, uma atitude sábia e superior. Artaud questiona se, no mundo em declínio, o homem ainda é capaz de impor essa idéia de Teatro, ou seja, a idéia de um Teatro capaz de retornar a todos nós o equivalente natural e mágico de doutrinas, que não acreditamos mais.

III.3.1 - O aprisionamento do ser humano

O homem, através da arte, pode alcançar a dimensão do seu desejo que, impedido de vir à luz, se sublima no fazer da obra. Neste momento, me transporto à obra de Farnese de Andrade²⁹. Antes de falar da obra desse artista, é necessário falar da

²⁹ Informações sobre a vida, a obra e as fotografias das montagens em diferentes fases da vida do artista *in Farnese de Andrade*. Texto de Rodrigo Naves. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 456p., 342 ilustrações.

sua vida. A interação entre a vida e a obra do artista é tão intensa, que não seria possível falar de uma sem tocar na outra - com a unicidade do seu olhar, ele veicula através da obra, as tragédias ocorridas no mundo e o sofrimento de sua perda na infância. Observamos na matéria-prima usada pelo artista – bonecas de louça, fotografias de família, móveis antigos, oratórios, madeiras envelhecidas – que ele constrói sua arte com os resíduos do passado ou melhor, com o resto ou a sobra que permaneceu da sua infância. Farnese, foi o sexto filho de oito irmãos. Nasceu na cidade de Araguari em Minas Gerais e seu pai era tabelião no cartório herdado do avô. Sua mãe confeccionava grinaldas de tecido para noivas – ofício que passou às filhas. Antes do seu nascimento, seus pais perderam dois filhos numa enchente, tragédia que marcou profundamente sua vida. Apesar de não ter conhecido seus irmãos, reviveu, através dos seus pais, a lembrança da existência e a profunda tristeza da ausência. Inicialmente, sua obra consistia em desenhos figurativos e gravuras abstratas. Mais tarde, catando objetos encontrados na praia, começou uma nova fase de montagens.

O artista, muito estressado, andava na praia, catando os objetos que encontrava. E no prazer de caminhar e catar objetos, descobriu a beleza de um pedaço de madeira sujo de óleo e desgastado pelo mar – envernizou esse achado e, a partir daí, fez dos seus passeios na praia uma procura de matéria-prima para construção do seu fazer artístico. Também se tornou um especialista em marés. A busca e o encontro de materiais variava de acordo com as marés - a maré cheia trazia um material diferente da vazia. Assim, ele conta esse episódio da sua vida:

“... O caso das bonecas é mais engraçado. Há uma espécie de desova, como das tartarugas. Às vezes, passam-se dois ou três meses sem aparecer praticamente nenhum corpo ou cabeça. De repente, começo a achar cinco ou mais por dia: santos de gesso usados como oferenda ou macumba, além de objetos de plásticos os mais variados...”³⁰

A esta fase, o artista denominou de Fase dos Desgastados. Depois do uso das primeiras vasilhas de vidro, passou a comprar em lojas de materiais de segunda mão e de antiguidades, assim como em depósitos de demolição e ferros velhos. Muitas vezes ele trabalhava com materiais perecíveis e, por isso, tinha de protegê-los, usando uma redoma. No começo, as redomas eram de vidro ou provenientes de peças de

³⁰ FRAZÃO.J. Cronologia e Bibliografia in *Farnese de Andrade*. Texto de Rodrigo Naves. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 456p, 342 ilustrações. Opus cit. p. 35.

laboratório. Mais tarde, ele descobriu o poliéster e quando adotou esse material, fez o seguinte comentário:

*“...Agora, a idéia para mim seria realizada totalmente se eu conseguisse aprisionar pessoas que eu gosto dentro de blocos enormes de poliéster, definitivamente perto de mim...”*³¹

A idéia de aprisionamento está claramente explícita nas suas montagens. Na série intitulada Viemos do Mar (Figura 3.1) podemos visualizar e sentir as diversas fases do desenvolvimento da vida humana – a fecundação, o crescimento do feto, o nascimento e o homem aprisionado ao seu passado. Farnese possuía uma relação de intensa harmonia com o mar. Quando adoeceu de tuberculose, foi levado a um sanatório em Correias, sendo obrigado a se afastar do Rio de Janeiro e do contato com o mar. A ausência de contato com o mar, segundo sua fala, poderia ter lhe causado a morte:

*“...Para mim, o mar é importantíssimo. Nasci no meio de montanhas no triângulo mineiro e considero-as cerceantes. Só fui ter saúde quando em contato com o mar. Adoecei dos pulmões em Belo Horizonte, considerado o melhor clima para a tuberculose, estive num sanatório em Correias e, se não tivesse perdido a paciência e vindo para o Rio, teria morrido...”*³²

Ao voltar da Europa, em 1973, o artista foi acometido de séria depressão e durante o período da doença, nada mais o instigava, só pensava na morte. No entanto, num dia quando já se sentia recuperado, entrando na cozinha, observou a empregada amassando a massa do pão de queijo numa gamela muito antiga e familiar. Nesse momento, ocorreu a idéia de montar sua obra em um suporte aberto. Esta nova fase, deu origem a diversas montagens e entre elas, a montagem intitulada Barriga, coração, memória [1976-1982] (Figura 3.2) – onde observamos, dentro da gamela, a fotografia da sua mãe costurando e logo abaixo, sobre madeira quadrada irregular, cabeça e coração de homem esculpidos em madeira – que veicula suas lembranças de afeto vinculadas ao ambiente acolhedor e aconchegante da figura materna. Na passagem, das redomas de poliéster às gamelas, ele transmite o seu sentimento de liberdade, ou seja, ele deixa de transmitir o sentimento de aprisionamento humano.

³¹ Idem. Opus cit. p 39.

³² Idem. Opus cit. p27.

A obra intitulada Hiroshima (Figura 3.3), nos toca a alma. A tragédia de um mundo desumano está ali registrada na sua impiedosa e cruel consequência. Dentro de uma caixa de madeira com tampa de vidro, o artista institui o seu fazer, o fazer do aprisionamento humano: boneca de louça fragmentada, sem membros e com a cabeça destacada do corpo, estampa no olhar o sofrimento da tragédia causada pela bomba atômica e pela guerra - que destrói e mata o ser humano. A boneca de olhos puxados, japonesa, está isolada na sua forma e cercada por pequenos bonecos incinerados ou queimados pela bomba atômica, que foi construída pelo homem para destruir a sua própria vida.

O vídeo sobre a vida e a obra de Farnese³³ mostra a sua casa, onde viveu entre a morbidez e a imaginação criativa. O artista fala sobre a situação do ser humano, que é impossibilitado de alcançar a felicidade porque se sabe mortal. O homem sabe que vai morrer, por isso está condenado a esperar a morte, de que tem medo. O homem só pode ser feliz se acreditar na reencarnação, ou seja, se acreditar na possibilidade de uma outra vida, na continuidade da sua existência. Segundo ele, o ser humano vive aprisionado pelo terror da bomba atômica ou da guerra, que pode destruí-lo definitivamente. O aprisionamento do ser humano destrói a sua percepção de humanidade.

III.3.2 - O artista e sua função na sociedade: liberdade de expressão

A criatividade do sujeito ou a criação do seu mundo singular deve interagir com a realidade externa. A arte constitui a forma mais perfeita dessa interação. Ela veicula, através da obra, a singularidade do artista e muitos outros seres humanos podem se identificar com esse fazer artístico. Assim, através da expressão da sua obra, o artista pode transformar a realidade, ou seja, uma outra realidade pode ser reinventada ou vir à tona, a partir de sentimentos e emoções de sujeitos. Siron Franco, artista plástico, nascido em Goiânia, fez do seu fazer artístico um meio de expressar a verdade dos acontecimentos - seus sentimentos, emoções e contestações são fortemente transmitidos à população. Para o artista, a população deve ter acesso a outro veículo de comunicação - além daqueles convencionais como os jornais e a televisão - que informe os acontecimentos na sua completude, ou seja, não só aquilo que vemos através do fato

³³ Curta-metragem *Farnese – Caixas, montagens e objetos* de Olívio Tavares de Araújo. O filme recebeu o primeiro prêmio no Festival Cinematográfico de Brasília, em 1971 e representou o Brasil no Festival de Cannes - 1972.

narrado, mas algo que percebemos com a nossa alma. Penso que perceber um fato com a alma humana está cada vez mais difícil no mundo de materialidade em que vivemos. Logo, o artista e a sua obra possuem um papel determinante na nossa sociedade - eles podem constituir o elo de ligação entre o consciente e o inconsciente, entre a matéria e o espírito, entre o concreto e o abstrato, entre o objetivo e o subjetivo. Falo do artista e da sua obra, uma vez que o artista vai se descobrindo no fazer da sua obra, e esse fazer não seria possível sem a sua presença.

Quando ocorreu o acidente de contaminação radioativa pelo césio 137, Siron, que morava na cidade de São Paulo, foi imediatamente para Goiânia. Ele nasceu em Goiânia e morou por 22 anos no bairro Popular, na rua 74, próxima à rua 57, onde aconteceu a tragédia. O motivo do seu retorno à cidade natal foi o de, através da sua obra, passar informações íntegras à população - apesar das suas obras anteriores serem portadoras de um caráter crítico e denunciador, nunca nenhuma delas, até a série da Rua 57 ou a série do césio, expressaram de forma tão contundente essas características, ou seja, uma bandeira de luta explícita e objetiva. Assim, mobilizado pelo seu ideal de luta, passou a frequentar o bairro, assumindo a função de informar e denunciar os fatos e os fatores que poderiam estar relacionados ao acidente - concedeu inúmeras entrevistas sinalizando para a profundidade do ocorrido; criou uma série de desenhos, pinturas e esculturas; realizou uma exposição em favor das vítimas; criou 300 máscaras para uma manifestação de protesto e participou de várias manifestações contrárias à política nuclear brasileira.³⁴

O trágico acidente atômico teve repercussão internacional, revelando a ausência e a incompetência do Brasil, no que diz respeito ao tratamento específico exigido para o lixo atômico. Em 17 de Setembro de 1987 foi encontrada, nos depósitos de lixo do Instituto de Radiologia de Goiânia, uma cápsula de césio pesando cerca de cem quilos. Dois sucateiros - Roberto Santos Alves e Wagner Mota Pereira - encontraram o estranho objeto e o venderam ao dono do Ferro Velho, Devair Alves Ferreira. No ferro velho a cápsula foi aberta e, depois da ruptura de sua camada de chumbo, do seu interior foi retirado um objeto do tamanho aproximado de um ovo e com um intenso brilho, chamado pelos físicos de alma de irídio. Esta denominação é atribuída à camada selante, usada para envolver o material radioativo. A camada, composta por uma rígida substância, teve que ser rompida com os golpes persistentes de

³⁴ Depoimento de Siron Franco. Um apelo e um alerta em cores. Estado de São Paulo em 02/11/1987 in FRAZÃO, J. *Siron Franco – Pinturas em Série*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

uma marreta, operação que durou uma noite. Quando finalmente conseguiram abrir a camada, encantados com o brilho do seu conteúdo - Devair e seus ajudantes - pensaram ter em mãos algo de grande valor. Desconhecedores da letalidade que a substância portava e fascinados pelo pó translúcido, fizeram-no passar de mão em mão. A esposa de Devair, Maria Gabriela Ferreira, passou o pó pelo seu corpo, como se fosse uma purpurina. Leide das Neves, uma menina de 6 anos, ingeriu o pó junto com um alimento. Após alguns dias, as pessoas que tiveram contato com o pó apresentaram os sintomas da intoxicação por radiação. Maria Gabriela relacionou a presença dos sintomas com a descoberta da substância e levou a cápsula para a Coordenadoria de Vigilância Sanitária da Secretaria de Saúde do Estado – local onde foi diagnosticada a contaminação pelo céσιο 137.³⁵ Foram contaminadas 244 pessoas. Quatro delas morreram logo após o contato direto com a cápsula de céσιο. Mais de 100 pessoas passaram a receber atendimento médico na Fundação Leide das Neves - fundação criada naquela ocasião para atender as vítimas da contaminação e que levou o nome da segunda vítima fatal, uma criança - e 14 pessoas, em estado grave, foram transferidas para um hospital no Rio de Janeiro.³⁶

Siron Franco, na sua série *Césio ou Rua 57*, usou nos seus quadros uma gama incrivelmente pequena de pigmentos - a terra de Goiânia - que se apresenta num impressionante tom vermelho-ferrugem, enriquecida pelas tonalidades das tintas em cores prata, preto e azul. Com essas cores, o artista busca representar a contaminação pela radiação. Também utilizou uma simbologia para designar a letalidade do céσιο e o modo de se proteger das suas vítimas - o símbolo da radioatividade ou o triângulo negro. O artista resolveu usar a terra como pigmento, quando começaram os rumores de que os produtos de Goiânia estavam contaminados pelo elemento radioativo.³⁷

Na sua pintura *Rua 57* (Figura 3.4), o fundo composto de pigmento vermelho-ferrugem, simboliza a terra de Goiânia. No interior do triângulo de contorno negro, a presença do estranho objeto encontrado - um ovo prateado, que pode significar tanto o nascimento como a morte. O nascimento de um pássaro e a morte de um ser humano. A sombra negra lembra uma criança que, encantada com o brilho do objeto, se contamina ao pegá-lo. A radiação, em plena ação, tem a cara e o sarcasmo do terror, que

³⁵ Idem

³⁶ Matéria publicada na Revista *Veja* em 28/11/1987 in

FRAZÃO, J. *Siron Franco – Pinturas em Série*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

³⁷ DAWN, Ades. *Figuras e Semelhanças: Siron Franco – pinturas 1968/1995*. Rio de Janeiro: Index, 1995.

incorpora a figura da morte. A morte possui os olhos sorridentes de um japonês, ao que Siron explicita:

*“...No jornal eu não podia contar com olhos reais, então pedi para minha filha Nina me ajudar a procurar imagens numas revistas. Meu olho bateu na foto de um japonês, rindo, numa mensagem publicitária. Escolhi aquele olhar na hora, só depois fui me flagrar, que eram olhos de um japonês, de um povo que já viveu, no grau máximo, a destruição pela radioatividade, a guerra nuclear. Foi uma escolha inconsciente...”*³⁸

Na Série Césio, o artista pinta a Primeira vítima (Figura 3.5) - um fundo vermelho-ferrugem divide o seu espaço com o prateado, que simboliza a contaminação pelo césio. Um vestido é abandonado sobre a madeira, ele se mistura e se destaca na sua cor prata - a colagem parece ser usada para favorecer o destaque da roupa da vítima contaminada. Também estão presentes pigmentos azuis e translúcidos, simbolizando o poder devastador do elemento radioativo. No vestido contaminado aparece uma figura humana, que lembra a de um astronauta ou a de um médico vestido com roupas de proteção contra a radiação atômica. Na madeira onde o vestido foi abandonado, está presente o pequeno símbolo da radioatividade. A imagem me remete à tragédia do fato narrado - Maria Gabriela Ferreira descobre a presença de vínculo entre o estranho objeto e os sintomas apresentados pelas pessoas, incluindo ela própria, que tiveram contato direto com ele. Ela procura a Secretaria de Saúde, onde o estranho objeto é identificado quanto a sua letalidade. A cápsula de césio é retirada por uma mão mecânica, da cadeira onde foi depositada, na tentativa de impedir qualquer possibilidade de contato humano com o objeto letal. E a própria Maria Gabriela, como terá sido acolhida após essa identificação?

A segunda vítima (Figura 3.6), Leide das Neves, é apresentada em seu isolamento devido à contaminação pelo elemento radioativo. Na parte exterior à redoma, onde a menina se encontra, ainda estão presentes pegadas das suas botinas na terra vermelho-ferrugem de Goiânia.

A terceira vítima (Figura 3.7) personifica a própria contaminação. Seu corpo invadido pelo poder invisível e letal do césio, já se mistura à terra vermelho-ferrugem e carrega a cruz azul da morte. Seus pés e mãos estão amputados e o rosto nos faz sentir a ausência da vida.

³⁸ Depoimento de Siron Franco em matéria publicada no Jornal do Brasil em 17/10/1987 in DAWN, Ades. *Figuras e semelhanças: Siron Franco – pinturas 1968/1995*. Rio de Janeiro: Index, 1995.

A quarta vítima (Figura 3.8) já se encontra aprisionada pela morte. A vítima, inserida em um triângulo negro, em cilindros de chumbo - simbolizando o isolamento das pessoas contaminadas pela radiação - aparece sobre fundo vermelho-ferrugem, a terra de Goiânia, que já ocupa o espaço prata, radioativo.

Ainda na Série do Césio, Siron, na sua pintura Mapa de Goiás (Figura 3.9), mapeia as ruas e o local onde aconteceu o acidente. No centro do mapa está presente um quadrado com a presença de um ser humano, deixando perceber, através da sua continuidade, a dimensão da tragédia humana que escapa da área delimitada - a repercussão, no mundo, do acidente radioativo.

III.4 - O SUJEITO E A INVENÇÃO DO SEU ESPAÇO NO MUNDO

Na sociedade moderna e tecnológica, o homem vem produzindo e descartando *bens* materiais e serviços. Por que produzimos objetos e logo em seguida os descartamos? Será que funcionam apenas como objetos substitutivos dos nossos desejos e sonhos? Em matéria intitulada “Fora da Ordem”, publicada no Jornal O Globo (09/03/2002), o artista que trabalha com lixo, Marcos Cardoso, questiona o momento em que as coisas se tornam lixo. *Será quando elas saem da fábrica e vão para o supermercado ou depois que são consumidas?*

Marcos olha para esses materiais, que prejudicam o meio ambiente, e não os vê como lixo. Ele deixa entender que, além das pessoas estarem jogando lixo nas ruas, elas também estão insatisfeitas e com baixa auto-estima. *“Minha intenção é mostrar que elas não estão só jogando lixo nas ruas, que elas também estão se jogando no lixo”* - diz o artista.

É verdade que o homem vem sofrendo com os valores impostos pela moral ideológica de uma sociedade consumista, sendo induzido, muitas vezes, a possuir materiais e serviços que não preenchem o seu mundo interior, como ele imaginaria possível, para ser feliz. Rank (1976) escreve sobre a necessidade do sujeito criar a sua história de acordo com a sua força de vontade. É somente através do ego do sujeito que ele pode reconhecer o elemento construtivo e apreciar o novo – independentemente da ideologia social. A educação, a religião, a ética e a terapia ideológica estão fundamentadas na moral social ou na realidade já preestabelecida. A predeterminação de tais valores, já cristalizados, vem gerando no homem moderno um doloroso processo de desencanto pela vida, manifestado pelo consumo desenfreado de produtos e pela sua

autodestruição. De modo que, na sociedade da mercadoria, o consumismo seria proposto como a terapia por excelência para aliviar o mal estar gerado pela própria essência desse sistema, centrado no mercado e não nos valores humanos.

Numa sociedade onde somos reduzidos à mera repetição de comportamentos já formalizados, torna-se urgente a presença da arte. Uma arte que possibilite ao homem viver, de alguma outra forma, suas emoções e sentimentos. Elias & Dunning (1992) citam o filósofo Aristóteles, que utilizou o termo *pharmacon* para denominar os efeitos curativos proporcionados pelos atos *miméticos*. O efeito curativo pode ser produzido através da música ou do teatro, com a ressalva de produzir sensações agradáveis que tornam possível a catarse, ou seja, a catarse acontece mediante o efeito vicioso do entusiasmo. Para Aristóteles, o trabalho é um meio de se obter lazer. E o lazer deve conter prazer, excitação agradável e catarse. Se na nossa sociedade não podemos liberar nossas emoções ou tensões do dia-a-dia, torna-se necessário recorrermos ao processo de catarse. Tal processo consiste na liberação de nossas emoções recalçadas, através de sensações agradáveis, com o objetivo de restabelecer nosso equilíbrio perdido. O lazer da *classe mimética* pode ser obtido mediante fatos que permitem a *recriação* ou o *mimetismo* de desejos recalçados. Tais fatos podem ser representados através do teatro - cenas de paixão e ódio que sentimos e não podemos manifestar - ou da música, que nos propicia uma tranquilidade já distante.

O lazer da *classe mimética*, descrito por Aristóteles, pode corresponder à terapia ideológica definida por Otto Rank (1976). Ambos podem, através do processo de catarse, provocar o alívio passageiro do paciente, porém, o sujeito continua vivendo de acordo com uma ideologia muitas vezes contrária a sua vontade ou desejo. Já a terapia dinâmica, descrita e adotada por Rank, não está baseada na moral ideológica e sim na força de vontade do paciente. Tal terapia realista não se interessa em induzir a uma adaptação a qualquer gênero de realidade, e sim em conduzir o paciente ao reconhecimento de si mesmo, ou seja, a uma adaptação à sua própria individualidade, a partes da sua personalidade que ele anteriormente renegou.

A terapia ideológica e o lazer da classe mimética, ao contrário da terapia dinâmica, na perspectiva individual e social, são desprovidos de risco imediato – o sujeito continua *ajustado* às normas sociais, buscando na terapia, ou no lazer, o seu processo de catarse. Já a terapia dinâmica, segundo Rank (1976), distingue-se do método de catarse pelo seu caráter construtivo; nisto se aproxima da psicanálise. Neste sentido, não se entrega nulamente em direção a uma verdade geral, mas em direção àquilo que diz respeito ao caso particular – a singularidade de cada um.

Mas, uma peça teatral também pode nos instigar ou seduzir, nos envolvendo num entusiasmo passível de uma complexa transformação virtual - propiciadora de encantamento e temor simultâneos - que pode ser transformada em algo concreto, *i.é.*, através deste processo intenso e gradual, a nossa vida comum ou realidade externa se transforma em algo singular, algo estranho e familiar ao nosso mundo interno. Artaud (1896 - 1948), descreve a distinção entre o teatro ocidental e o teatro oriental. No teatro ocidental, a supremacia da palavra está tão enraizada em nós, que o teatro nos parece como que o simples reflexo material do texto (Artaud, 1999). Tudo o que no teatro ultrapasse o texto, ou seja, tudo que não está condicionado aos seus limites, assemelha-nos fazer parte do domínio da encenação, considerada como algo inferior em relação ao texto. Já no teatro oriental, de tendências metafísicas, contrárias ao teatro ocidental, de tendências psicológicas, as formas apoderam-se de seu sentido e de suas significações em todos os planos possíveis, *i.é.*, suas conseqüências vibratórias não são extraídas num único plano, mas em todos os planos do espírito, ao mesmo tempo. Dessa forma, o teatro oriental encanta e abala o expectador, pois ele não se limita à projeção dos duplos físicos gerados pelo teatro escrito, ou seja, ele não se detém nos aspectos exteriores das coisas, num único plano e sim projeta, de forma apaixonada, tudo aquilo que pode ser extraído de uma palavra, de um som, de uma música, de um gesto e da combinação entre eles – propiciando à platéia a complexidade de uma bruxaria objetiva e animada. Assim, em busca da unicidade ou do magnetismo do universo, Artaud (1999:91p) nos fala sobre *o fazer da arte* e sua repercussão no ser humano, manifestada através do teatro:

“...Fazer arte é privar um gesto de sua repercussão no organismo, e essa repercussão, se o gesto é feito nas condições e com a força necessária, convida o organismo e, através dele, toda a individualidade a tomar atitudes conformes ao gesto feito...”

Neste sentido, os efeitos libertadores produzidos pelo teatro devem ser semelhantes aos efeitos curativos proporcionados pela psicanálise ou pela medicina oriental. Durante o processo da psicanálise, algo externo pode desencadear no paciente um profundo contato com o seu mundo interno, o que deverá levá-lo a interagir ou reagir - no mundo externo - de acordo com a sua vontade ou desejo. Na medicina oriental, mais precisamente quando utilizamos a técnica da acupuntura, ao tocarmos determinado ponto, referente a algum órgão em desarmonia no corpo do paciente, ele poderá equilibrar o seu organismo e alcançar a harmonia interna.

O teatro, assim como outras manifestações artísticas, deve ser autêntico no que se refere à estética humana, ou seja, toda obra de arte deve retornar à vida tudo aquilo que a ela pertence. O corpo não deve ser separado do espírito, nem o sentimento deve ser separado da inteligência, e a arte deve buscar essa unicidade. Mas, se o ato da cura conduz à cura, a representação de um gesto de violência também pode levar à violência. A arte expõe sentimentos e emoções, ela expressa, extravasa, transborda, vaza e arrisca o ódio e a paixão que, uma vez exteriorizados, atingem o seu objetivo ou utilidade. A arte não pode repetir um gesto feito, ou melhor, na arte, um gesto feito deixa de ser inédito e conseqüentemente perde a sua utilidade, ou alcança o seu objetivo na sublimação do ato desejado.

Pensando sobre a necessidade da arte em nossas vidas e na ausência da autonomia que sufoca nosso prazer de viver, descrevo o fazer de artistas plásticos, através das obras de Edu Nunes, *O nascimento do menino capoeira* e de Washington Santana, *O labirinto do lixo*.

III.4.1 - O nascimento do menino capoeira

Na cidade de Porto Alegre, às margens do rio Guaíba, tive a oportunidade de observar a obra e conversar com o seu autor, o artista plástico Edu Nunes. No fazer do artista, os troncos e galhos coloridos constituíam formas *humanas* originais e diversas. Ali, ao ar livre e sob o gramado verde, essas figuras davam forma e vida ao cenário de um presépio vivo – *O nascimento do menino capoeira*. Um pequeno tronco negro, enrolado em pano branco (Figura 3.10), representava o menino recém-nascido na manjedoura. Muitas e variadas figuras *humanas* ocupavam o espaço ao redor do menino. Algumas, em perfeita harmonia com o recém-nascido, se assemelhavam aos instrumentos musicais utilizados na capoeira, enquanto que outras, mais comuns, significavam as várias personalidades presentes na realidade cotidiana. Edu descreve, com muita eloquência, as diferentes personalidades ali presentes:

- *O solícito*, figura humana esculpida em tronco e pintada com cores, que representa a personalidade formal e socialmente convencional. Sempre cordial e pronto para agradar a todos - *sempre de braços abertos para todos* (Figura 3.11).

- *O hipócrita*, figura humana composta por várias cabeças (ramificações) saindo de um mesmo corpo (tronco), representando as diferentes formas de conduta a serem tomadas pelo ser humano, de acordo com a ocasião social (Figura 3.12).

- *O indivíduo*, figura humana feita de pára-choques de fusca. Podemos observar na escultura, não só pela rigidez do material como também pela expressão da figura, a desumanidade a que o homem, muitas vezes, se submete no seu dia a dia. Com essa submissão à vida, o indivíduo parece ter se destituído da carne, do sangue, dos tecidos e dos órgãos, para se transformar em material inerte, desprovido de vida (Figura 3.13).

- *Cochilos*, formas humanas esculpidas em troncos pintados de branco com os olhos vermelhos, lembrando os fantasmas, os sonhos ou o inconsciente, o que é explicado pelo artista: *quando você acorda e esfrega os olhos, percebe imagens que desaparecem com o piscar de seus olhos* (Figura 3.14).

A harmonia dos seres humanos ao redor do menino recém-chegado lembra a harmonia da dança com a música, ou da capoeira acompanhada pelos seus próprios instrumentos musicais. Uma cultura manifesta sua singularidade e força viva conquistando cada vez mais espaço na cena. Essa cultura divide o seu espaço autêntico com a cultura reconhecida como universal ou abstrata. A imposição da cultura hegemônica propicia a desarmonia da dança com a música ou da capoeira com os seus instrumentos, fazendo emergir, na cena, a presença de figuras desarmônicas e corriqueiras. O solícito, o hipócrita e o indivíduo estão ajustados aos valores morais já coagulados, eles se limitam a repetir os gestos e as atitudes ditadas pela sociedade de consumo, abrindo mão da autonomia e da liberdade de recriar a harmonia. Mas, entre cochilos ou entre um abrir e fechar de olhos, o sujeito ainda deslumbra a possibilidade de transformar sua potencialidade em desejos e sonhos concretos.

III.4.2 - O labirinto do lixo

Entre fardos de jornais, garrafas, papéis, plásticos, latas e uma imensa diversidade de materiais recicláveis e descartados, Washington Santana criou a sua obra *O Labirinto do lixo*. A obra do artista, exposta às margens do rio Guaíba durante o II Fórum Social Mundial realizado na cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, retrata a situação do lixo na sociedade contemporânea: um círculo construído com material descartado onde, à medida em que entramos nos perdemos, sem achar a saída (Figura 3.15). A quantidade de lixo produzida vem poluindo nosso solo, nossas águas, nosso ar e como alternativa, contra o risco da poluição, o homem apresenta o processo da reciclagem de resíduos. Acontece que, além da reciclagem também ser um processo poluidor, a quantidade de resíduos produzida pelo homem é bem superior àquela

destinada a reciclagem. Tal fato transforma a tecnologia aplicada para resolver a questão do lixo, num labirinto onde o homem mais uma vez se perde sem encontrar a solução.

Os programas de educação ambiental são implementados de forma reducionista já que, em função da reciclagem, desenvolvem apenas a coleta seletiva, em detrimento a uma reflexão crítica e abrangente a respeito dos valores culturais da sociedade de consumo, do consumismo, do processo de industrialização, do modo de produção capitalista e dos aspectos políticos e econômicos da questão do lixo. Em despeito dessa tendência pragmática, pouco tem sido dedicado à análise do significado da reciclagem. Assim, a educação ambiental está mais preocupada com a promoção de uma mudança comportamental sobre a técnica da disposição domiciliar do lixo (coleta convencional x coleta seletiva) do que com a reflexão sobre a mudança dos valores culturais que sustentam o estilo de produção e consumo da sociedade moderna.

Se o consumismo gera um risco ambiental para a sociedade moderna, pelo esgotamento dos seus recursos naturais e a saturação dos depósitos de lixo, criam-se mecanismos para garantir o controle desse risco, o que aqui se traduz como reciclar os resíduos. Dessa forma, em vez de reduzir o consumo, cria-se a oportunidade de se manter o padrão convencional, uma vez que a ameaça torna-se relativamente controlada e a reciclagem passa a desempenhar a função de compensação do risco do consumismo, i.é, recicla-se para não reduzir o consumismo.

A reciclagem pode ser o elo de ligação entre a produção e o consumo, mas é também a afirmação do consumismo como fator de degradação ambiental, parte da engrenagem dos mecanismos sociais de acumulação de capital e concentração de renda. A sociedade contemporânea está transformando o consumo num ato simultaneamente libertador e substitutivo dos desejos reprimidos. De modo que, na sociedade da mercadoria, o consumismo seria proposto como a terapia por excelência para aliviar o mal estar gerado pela própria essência desse sistema, centrado no mercado e não nos valores humanos.

III.5 – O PROCESSO DE CRIAÇÃO

O homem cria não apenas porque quer ou porque gosta mas porque necessita; ele só pode se desenvolver, como ser humano, ordenando, dando forma, criando. Segundo Winnicott (1970), no sujeito com capacidade cerebral e inteligência razoável, existe a potencialidade para criar, mas a concretização de tal potencialidade

dependerá de um ambiente facilitador. Um ambiente facilitador é aquele que propicia algumas experiências básicas por um período de tempo suficientemente longo, experiências estas que poderiam se situar em duas áreas: 1) Área da ilusão: a mãe-ambiente fornece ao bebê a experiência da onipotência; não há separação do *eu – não eu*; é o momento da ilusão que funda a experiência do ser sem interrupções insuportáveis, estabelecendo-se, assim, o verdadeiro ser. 2) Área da desilusão: só depois de estabelecido o verdadeiro ser (na área da ilusão) que a desilusão poderá ser vivida de forma a criar um espaço potencial entre a mãe e o bebê. O objeto transicional, símbolo da união mãe-bebê, é o que ocupará o espaço potencial no momento em que se dá a separação, *eu – não eu*. Inaugura-se aí, a capacidade de simbolizar, indispensável ao processo de sublimação.

É na área da desilusão e da criação do espaço potencial, que se dá a atualização da capacidade de criar, que acontece primeiro no brincar, depois no espaço cultural, onde pode vir a ocorrer sublimação. Freud (1907/1908) explicita sua preocupação com o brincar infantil na vida adulta, no artigo “Escritores Criativos e Devaneios”, onde, ao se perguntar sobre a atividade imaginativa, formula que toda criança que brinca comporta-se como um escritor, na medida em que cria um mundo conforme suas idéias, ou, antes, organiza este mundo de uma forma que lhe agrada; ela joga a sério e despense na sua brincadeira muita emoção. O que se opõe ao brincar não é a seriedade, mas a realidade.

Mais tarde, em "Formulações sobre os dois Princípios do Funcionamento Mental", Freud (1911/1913) justifica a existência da fantasia a partir da introdução do princípio da realidade. Segundo Freud, o artista afasta-se da realidade porque não consegue harmonizar-se com a renúncia às satisfações pulsionais e, na fantasia, autoriza-se a jogar com seus desejos eróticos e suas ambições - ele encontra, através disso, uma forma de retornar à realidade, transformando suas fantasias em verdades de um novo tipo que são valorizadas pelos homens como reflexos preciosos da realidade. O artista, através da sua obra, consegue sensibilizar os outros homens, na medida em que eles também sentem a mesma insatisfação com a renúncia exigida pela realidade. Tal insatisfação é gerada pela substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade, que é, em si, uma parte da realidade, ou seja, da realidade preestabelecida ou da ideologia social.

Neste sentido é novamente Winnicott (1970), o autor que oferece o espaço que Freud (1911/1913) procurava para a criatividade. Ele nos fala de uma área intermediária de experiência - um espaço situado entre o interno e o externo, o objetivo

e o subjetivo, o visível e o invisível; um paradoxo que, segundo ele, não precisa ser resolvido. No espaço onde Freud via uma possibilidade de escapar às imposições da realidade, Winnicott vê a criação como a única forma possível de se construir a realidade.

A criatividade, sob o ponto de vista terapêutico, tem importância em objetivar, concretizar, exteriorizar e extravasar, contribuindo para o desenvolvimento do sujeito. A tensão psíquica é um aspecto relevante para a criação, porque envolve a percepção consciente do homem, que não é apenas de ordem física, mas também psíquica. De acordo com Ostrower (1987), o ato de criar, além de se constituir numa forma de descarregar a tensão psíquica, consiste também em sua constante renovação, ou seja, o ato de criar é um processo contínuo de descarregar e renovar a tensão psíquica. Assim, *a arte é mais potência renovada do que descarregada* (Ostrower, 1987:28p). Neste sentido, vale citar o artista Fernando Diniz, paciente do Hospital Pedro II (Museu da Imagem do Inconsciente): *"O pintor é feito um livro sem fim"*.

O nosso registro inconsciente é bem maior do que temos consciência. A nossa sensibilidade é um canal aberto para as sensações. As nossas sensações são organizadas mentalmente através da percepção. A percepção é consciente - ela seleciona através da memória, das associações e das intenções, o que vai ser exteriorizado; ela cria forma para os fatos vividos. A partir do momento em que configuramos algo, excluimos muitas outras idéias e quando exteriorizamos o configurado, outras idéias vêm à tona. O processo criativo, portanto, é simultaneamente delimitador e ilimitado. Citando novamente Ostrower (1987:27p), que define o processo de criar, como um *"processo contínuo que se regenera por si mesmo e onde o ampliar e o delimitar representam aspectos concomitantes, aspectos que se encontram em oposição e tensa unificação. A cada etapa o delimitar participa do ampliar"*. Assim, o processo de criar incorpora um princípio dialético que nos conduz à afirmação de Sousa (2000) – *"é a obra que produz o autor"*.

A passagem da matéria à percepção permanece envolvida em um impenetrável mistério. Tal passagem acontece mediante uma diminuição, *i.é.*, a representação de uma imagem é menor do que a sua simples presença. Basta que as imagens presentes abandonem algo delas mesmas, para que a sua simples presença se converta em representações. Segundo Bergson (1859 - 1941), o que é preciso para se obter essa conversão, não é iluminar o objeto e sim obscurecer certos lados dele, diminuí-lo da maior parte de si mesmo, de modo que o resíduo, em vez de permanecer inserido no ambiente como uma coisa, destaque-se como um quadro (Bergson, 1999).

Três aspectos importantes, relacionados ao trabalho do artista, são apontados por Passeron (1989), citado em artigo de Edson Sousa (2000). Tais aspectos dizem respeito ao artista frente a sua obra: 1) a obra por fazer coloca e sustenta uma posição questionadora, onde o artista é chamado a responder às interrogações que o trabalho lhe coloca; 2) a exploração do homem pela sua obra, que pode ser descrita como um monstro a alimentar; 3) quando o trabalho é finalizado, a obra concluída não consegue responder totalmente às perguntas que a originaram. Tal término focaliza o caráter inacabado de todo processo de criação, no qual a obra concluída só vem a responder parcialmente.

III.6 - A TRANSFORMAÇÃO DO RESTO

O *temível* desconhecido é aquilo que no homem chamamos de inconsciente. O nosso inconsciente é a memória das nossas vivências esquecidas e recalçadas; portanto, o homem, na maioria das vezes, ignora o que ele põe em movimento com sua demanda. No momento da criação, o sujeito concebe a imagem através da percepção dessas vivências, ou seja, das suas vivências de afetos, hábitos e relações.

Estes momentos de criação vão se diferenciar de outros momentos, que são identificados como externos; momentos em que tudo parece se reduzir à linearidade. Mas a arte nos conduz a um outro olhar - um olhar singular onde cada imagem ou objeto, é percebido de acordo com o enfoque de quem a observa. Momberger (2000) explicita o momento interior de cada sujeito, nos remetendo à obra de Magritte, que denuncia a ilusão da representação. Tal obra mostra um cachimbo seguido da seguinte frase: *ceci n'est pas une pipe* (isso não é um cachimbo). Dessa forma original, Magritte procura nos levar a apreensão do *objet phéniste* - objeto com algumas funcionalidades ausentes, *i.é.*, deslocalizadas/potencializadas ou, num outro momento, relocalizadas/atualizadas - cujas potencialidades se atualizam na participação da construção identitária do sujeito.

Existe proximidade e distância entre os momentos de criação e aqueles reconhecidos como externos. A proximidade acontece quando, ao visualizarmos determinada imagem ou situação material, nos interiorizamos para construir uma imagem ou situação psíquica que se distancia da anterior. Assim, na nossa vida, esses momentos internos e externos se justapõem, alguns desaparecem e outros emergem, num processo de afirmação do nosso ser no mundo.

A arte propicia, de forma peculiar, a aproximação e o distanciamento simultâneos de momentos externos e internos, assim como a substituição interativa do princípio da realidade pelo princípio do prazer (Freud, 1911/1913). O artista é capaz de perceber e expressar suas vivências *esquecidas*, seu resto, por meio das diversas formas de linguagem, passando de um estado de fragmentação ao de um ser íntegro, total. Assim, a arte pode ser um veículo para transformar a realidade em prazer. Urian Agria, artista plástico, ao falar do seu trabalho, torna evidente a presença harmônica e interativa desses opostos - “...*Meu trabalho revive lendas, mitos, rituais religiosos, festas populares; real-irreal, sagrado-profano se entrelaçando, como é da dinâmica das culturas indígena e negra...*”

A arte contemporânea tem seu alicerce fundamentado na qualidade dos sentimentos humanos, ou melhor, ela é a expressão da consciência subjetiva que comporta uma certa identidade com as produções oníricas e veicula em si resquícios das fantasias inconscientes do artista. O inconsciente, ameaçador e equiparado ao resto ou àquilo que sobra, é imprescindível na criação artística hodierna. Sokolovsky (2001:83p), quando se refere à obra do artista Franz Krajcberg, o faz com os seguintes dizeres – “*Aqui no Brasil, parece que não dão tanta importância ao seu trabalho. Nada de novo. Afinal, ele é uma figura incômoda que denuncia a realidade, que mostra o que não queremos ver, que fala o que não queremos ouvir...*” - deixando entender que, assim como o nosso inconsciente, ele amedronta ao mostrar luzes que não deveriam vir à tona. Segundo o autor, a criação artística de Krajcberg expressa “...*uma tentativa constante de trazer vida às cinzas, de transformar o horizonte em chamas numa luz criativa...*” (Sokolovsky, 2001, p. 83). O trabalho desse artista é construído a partir dos restos da destruição ambiental - folhas, sementes, raízes e troncos carbonizados pelas queimadas. Ele reforça a idéia de que a sobrevivência da humanidade depende diretamente da sobrevivência do planeta, chamando a atenção do homem sobre a impossibilidade de viver distante da sua natureza.

III.6.1 - Na natureza nada se perde, tudo se transforma

Franz Krajcberg³⁹ nasceu em Koziénice na Polônia. Seu pai era um modesto comerciante e sua mãe, militante comunista. Em 1939, encontrava-se em

³⁹ Informações sobre vida e obra, depoimentos do artista e fotografias foram extraídos in KRAJCBERG, F. *Frans Krajcberg Revolta*. Texto de Frederico Moraes. Rio de Janeiro: GB Arte, 2000. 192p.

Czestochava, quase na fronteira com a Alemanha, quando o exército alemão invade a Polônia. Estoura a Segunda Guerra Mundial. Volta à sua cidade natal, mas já não encontra sua família - seus pais e quatro irmãos - que mais tarde foi exterminada em campos de concentração. Preso, consegue fugir e integra-se ao exército russo na Polônia. Adoece e, quando internado, durante o período de recuperação, começa a pintar. Em 1945, estuda na Escola de Belas Artes de Stuttgart na Alemanha, com Willy Baumeister - que fora professor da Bauhaus. Em 1948, viaja para Paris, onde vive na mais extrema miséria e depois de quatro meses, com um bilhete de terceira classe, embarca para o Brasil. Por razões de sua história pessoal, escolheu o Brasil como sua pátria. Nunca foi um nacionalista, sua pátria é a natureza.

O artista, ao chegar no Brasil, se integra à diversidade da nossa flora, com suas árvores centenárias, às folhas, às flores, às sementes, aos pássaros, aos rios, ao mar e aos sons da floresta. Quando conheceu Nova Viçosa, na Bahia, local que escolheu para habitar, ele dançou, chorou e se perguntou:

“...Como captar e expressar a vida dessas formas, a diversidade das espécies vegetais, as alterações e vibrações que elas provocam em mim?...”

Seduzido por esta floresta à beira mar, pequeno fragmento de Mata Atlântica, ali se instala - primeiro constrói seu ateliê e depois sua casa, no alto de uma árvore centenária, de onde pode sentir e ver, simultaneamente, o mar e a floresta. E expressando a alegria de poder ali habitar, conhecer e conviver com a natureza, ele diz:

“...A natureza que escolhi não foi exatamente escolhida. Escolhi a minha vida. Depois dessa guerra eu fugia do mundo, não sabia se valia a pena sobreviver. Também procurava um lugar onde ter minha casa. E quando cheguei aqui, por um acaso senti: por que não?...”

Apesar da beleza e dos sons da natureza de Nova Viçosa, sua vida nesse local não é apenas contemplativa, nem passiva. Ele faz do mangue o seu acervo de formas e estilos - uma espécie de história natural da arte: gótico, barroco, expressionismo, abstracionismo. No entanto, penetrar no mangue para dele extrair a sua matéria-prima, é uma aventura cheia de imprevistos e dificuldades. O artista enfrenta toda a sorte de obstáculos para expressar a verdade da sua arte, que sua fala traduz:

“...Todo meu diálogo é com a natureza. Toda a minha expressão é através dela. E a minha obra é a imagem da minha revolta...”

“...Á exceção do índio, todos nós viemos de fora e eu preciso de florestas selvagens, ricas, movimentadas, de cores vibrantes, crescendo livremente. Os bosques da Europa não me emocionam e as intolerâncias européias continuam a me inquietar. Eu me sinto judeu porque o sou, principalmente porque me fazem sê-lo, mas não sou religioso. Eu desprezo o fanatismo dos nacionalismos e das religiões. Sempre fui internacionalista e a natureza me tornou planetário...”

A imagem de Krajcberg, a vida solitária em comunhão com a natureza, nos transporta para o seu triste passado de guerras, mortes e a perda da família no holocausto do campo de concentração. Ele busca, através da arte, a verdadeira natureza do homem, que é o motivo da sua existência. É aqui, no Brasil, em contato com suas florestas de grande riqueza e diversidade, que ele consegue sobreviver aos fantasmas do passado. Assim, no contato direto com a natureza, ele vence os seus traumas e vive um presente rico em beleza. Dessa forma, ele consegue traçar o seu destino. Pierre Restany se refere ao artista, com os seguintes dizeres:

“...Franz Krajcberg faz parte desta raça de homens, que são raros, automarginalizados, muito individualistas, mas também muito generosos na sua solidão. A vida foi rude com ele e as provas da última guerra o marcaram para sempre. A floresta brasileira foi ao mesmo tempo o meio, o teatro e o agente de uma verdadeira renovação humana – a redenção de Krajcberg pela arte...”

Quando se instalou em Cata Branca, localidade o artista morou anteriormente, estava imbuído de um duplo e firme objetivo - compreender seu relacionamento com a natureza e lutar contra a pintura impregnada pelo academicismo. Começou por substituir as bisnagas de tintas pelos elementos *in natura* – terra, pigmentos e pedras de diversos formatos, tamanhos e cores. Mas esses elementos ainda estavam fixados à moldura. A arte não deveria permanecer limitada a duas horizontais e duas verticais. Pensando numa nova forma para a arte, ele descobre a força das raízes. As raízes, ao contrário das flores, possuem um potencial de vida ainda em latência e saem de dentro da terra, ávidas pela luz. As flores, apesar da sua beleza, são frágeis, pois já alcançam o seu fim no ciclo da vida (Figura 3.16).

Em Nova Viçosa amplia sua série de esculturas polidas, iniciadas em Cata Branca. Ao se desnudar as raízes, aparecem cascas providas de desenhos e texturas

originais. O fazer não é uma cópia da natureza, mas a sua re-montagem, que é delicadamente elaborada pela desmontagem das folhas, das raízes, dos caules e dos troncos incinerados pelas queimadas. Krajcberg aproveita tudo - na natureza nada se perde, tudo se transforma. Ele percebe a vida através da morte, transformando a natureza assassinada pelo homem em força viva e harmônica - ao desmontar raízes em finas camadas, ele propicia a penetração de luzes entre suas frágeis membranas, gerando o trânsito contínuo e a unicidade entre o interno e o externo ou entre o espírito e a matéria (Figura 3.16.1).

Assim, com a forte determinação das raízes, Krajcberg recompõe sua obra de forma mais livre, buscando se desvencilhar do ranço acadêmico. Sua meta é dar uma nova forma à arte, revitaliza-la, reafirma-la como necessidade vital do homem. Ele tenta reaproximar a arte da natureza, com a intenção de vencer ao mesmo tempo as crises da arte, do homem e do mundo atual. Na sua série *Raízes*, ele supera a moldura - o espaço da sua obra se integra ao mundo comum ou se instaura no espaço comum (Figura 3.17).

Nesta série, o artista também explora a força subjetiva da sombra - o homem possui uma sombra, que pode representar a energia, a alma ou o seu duplo. A obra se insere no ambiente, ocupando maior espaço no cenário, *i.é.*, podemos visualizar o espaço da obra e seu duplo, interagindo de forma mais ampla no mundo comum (Figura 3.18)

A mostra que o artista realizou, em 1975, no Museu de Arte Contemporânea de Paris, sobre a sua *nova série de esculturas lisas*, causou grande impacto e sucesso. Com a repercussão alcançada, ele percebeu que a arte poderia contribuir na transformação do homem e, conseqüentemente, na sua relação interativa com a natureza.

“...Tomei consciência de que, querendo dar à natureza a vida da arte, eu, à minha maneira, fazia arte pela arte. Eu deveria, então, não apenas trabalhar com a natureza, mas defendê-la no momento em que a terceira revolução tecnológica permitia aos homens dispor dos meios absolutos para a sua destruição...”

O sentimento de que sua arte deveria ter uma participação na política e na ecologia, se consolidou na viagem pelo Rio Negro, na Amazônia. Nesta viagem, o artista foi acompanhado pelo pintor Sepp Baendereck e do crítico Pierre Restany, que redigiu o *Manifesto do Rio Negro*, assinado pelos três. O documento, datado de 03 de agosto de 1978, foi lido e debatido pela primeira vez no Café das *Arts* do Hotel

Méridien, no Rio de Janeiro. O texto teve repercussão internacional imediata, tendo sido publicado e debatido em Roma, Milão, Paris e Nova York.

Após cinco dias da viagem pelo Rio Negro, os três signatários realizaram um colóquio, denominado por Restany como *uma reflexão conjunta sobre a experiência que acabaram de viver, o choque da Amazônia*. Na intervenção de Krajcberg, ele afirma:

“...A natureza da Amazônia coloca a minha sensibilidade de homem moderno em questão. Ela também coloca em questão a escala de valores estéticos ou artísticos tradicionalmente reconhecidos. O caos artístico atual representa a conclusão lógica da evolução urbana. Aqui nós estamos colocados em confronto com um mundo de formas e vibrações, com um mistério de mudança contínua. Precisamos saber tirar partido dele. Se Mondrian passou da árvore ao quadrado, ele apenas soube aproveitar uma das infinitas possibilidades da árvore...” e conclui: *“a história da arte criou até hoje um repertório de formas limitadas. A natureza integral, virtual reservatório de novas formas, poderá dar um novo significado aos valores individuais de sensibilidade e criatividade”*.

III.6.2 - O consumo do resto

A ideologia da sociedade de consumo dificulta o desenvolvimento do nosso potencial de criação. Esta sociedade idealizou o senso estético de tal forma que, na tentativa de criarmos algo, é quase impossível não nos compararmos aos padrões já preestabelecidos. As propagandas veiculadas pela mídia, através das nossas *eficientes* técnicas de comunicação, estão sempre voltadas aos interesses do fabricante em vender o seu produto. Carmem Galvan, artista plástica entrevistada, fala sobre a repressão evidenciada na atitude de uma aluna: *“...Uma aluna que eu tive era muito reprimida. Um dia eu falei que todos deveriam fazer a cara de um fantoche e ela falou que não saberia fazê-la. Então eu falei para ela amassar o papel devagar. E depois de algum tempo, ela mostrou: olha só, parece uma boca e tem dois olhos!...ela já havia incorporado o conceito de belo e se recusava a criar, porque achava sua obra feia...”*. A estética produzida pela ideologia de consumo vem sempre associada à beleza. No entanto, a estética também deve expressar a totalidade dos sentimentos humanos.

Assim, como o resto nos ameaça com a desordem, sua face inversa é a transformação ou a apropriação da realidade alterada que escapa do nosso corpo e que permanece como a nossa marca no mundo. Esse resto é construído com a arte dos

nossos sinais, ou seja, às custas da nossa singularidade no mundo. Segundo Valadares (2000), um mundo que não permite o novo, vindo da manifestação das singularidades, nos conduz a um mal estar - que também é um mal estar na cultura. Assim, o sujeito fica impedido de produzir sua nomeação. E tal impedimento reduz o sujeito ao mais supérfluo dos resíduos a ser descartado.

É natural o homem deixar a sua marca, o seu resto e rastro por onde passa. A procura do homem é infinita, o seu desconhecimento é ilimitado e a desordem faz parte da sua busca pelo saber. Assim, a passagem do homem na história do mundo permanece pelas suas sobras - “...lá onde encontramos uma acumulação titanésca de conchas de ostras, não pode manifestamente deixar de ser que homens passaram por lá...lá onde há uma acumulação de dejetos em desordem há homem...” (Lacan, 1997:284 p.).

O homem, no decorrer da história, aproxima-se cada vez mais da disciplina e da manutenção, distanciando-se do desejo. Lacan (1997) vem nos lembrar das cerimônias rituais que ocorriam nas sociedades mais primitivas – *potlach* - quando eram destruídos bens de consumo ou bens de representação e de luxo. Tais práticas destrutivas eram chamadas de prestígio, uma vez que elas eram manifestações gratuitas. Nossa sociedade contemporânea ainda apresenta um vestígio social desse ritual de destruição, manifestado por meio de inexplicáveis acidentes e retornos a selvagerias, embora estejam necessariamente vinculados à progressão do nosso discurso.

Através da arte, somos capazes de expressar nossos sonhos e desejos, mesmo quando sua imagem escapa à beleza. Contudo, nos momentos *reais* da vida, apenas manifestamos o belo e reprimimos o desejo. Assim, ao narrarmos um sonho ou algum episódio da nossa existência, costumamos omitir o desejo em função do belo - falamos das *belas* imagens e ocultamos as outras.

O sujeito deve expressar seus desejos reprimidos de alguma forma e, a arte pode ser uma dessas formas. A inserção do artista, no mundo *comum*, se dá pelo fazer da sua obra, que solicita um *espaço* no mundo. Como se dará essa inserção no caso de outras ocupações?

Figura 3.1: Viemos do Mar - Farnese de Andrade



Figura 3.2: Barriga, Coração, Memória - Farnese de Andrade



Figura 3.3: Hiroshima - Farnese de Andrade



Figura 3.4: Rua 57 - Siron Franco



Figura 3.5: Primeira Vítima - Siron Franco



Figura 3.6: Segunda Vítima - Siron Franco

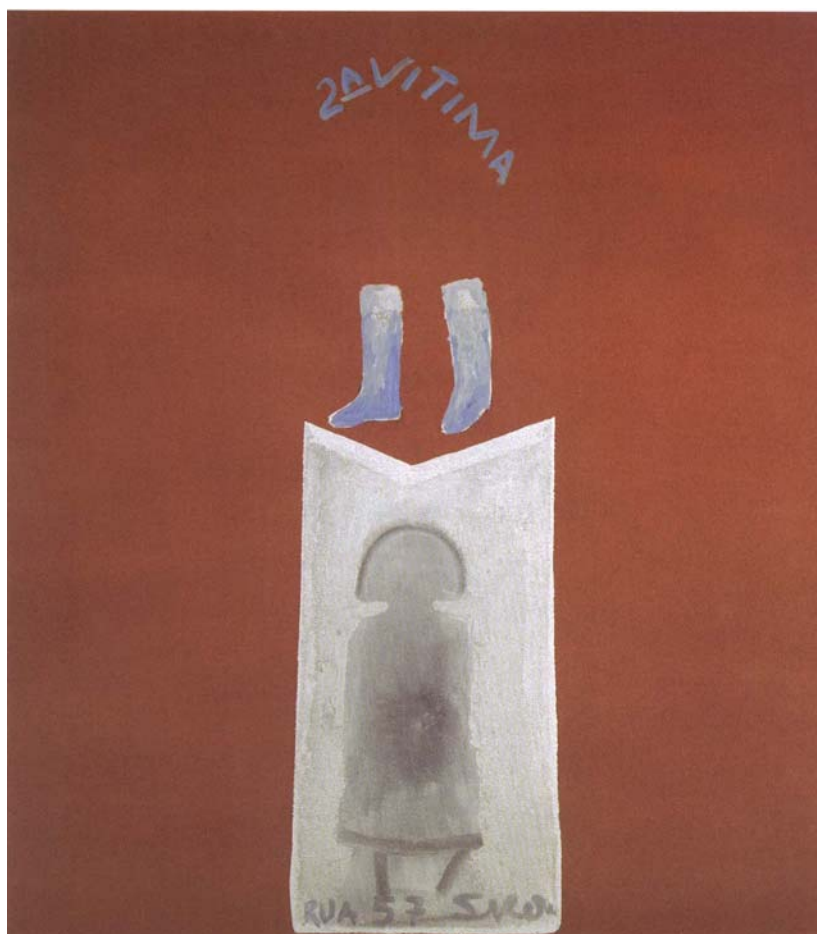


Figura 3.7: Terceira Vítima - Siron Franco

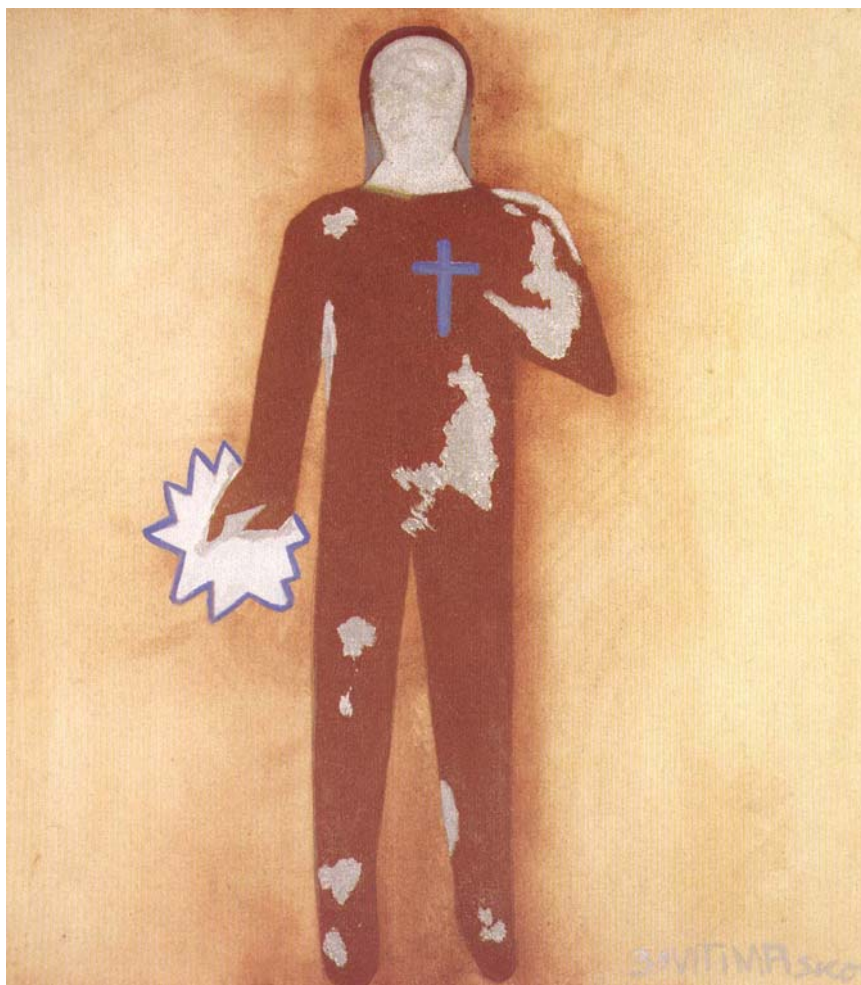


Figura 3.8: Quarta Vítima - Siron Franco

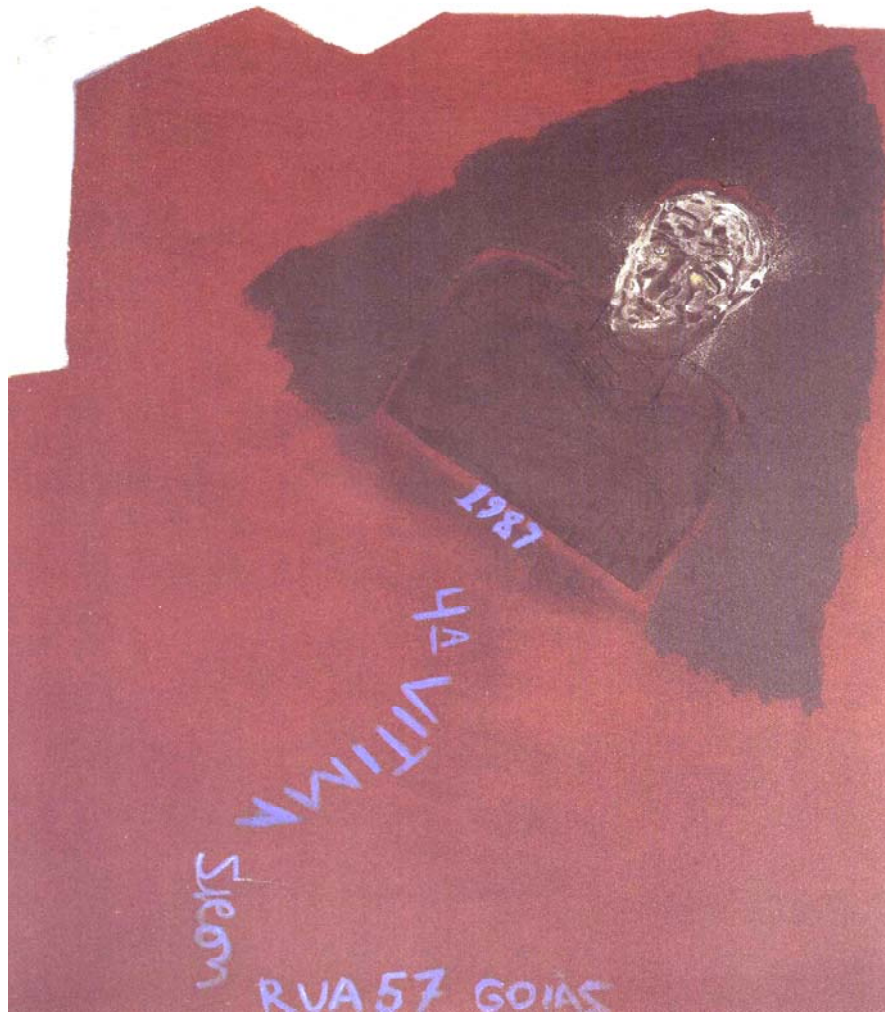


Figura 3.9: Mapa de Goiás - Siron franco

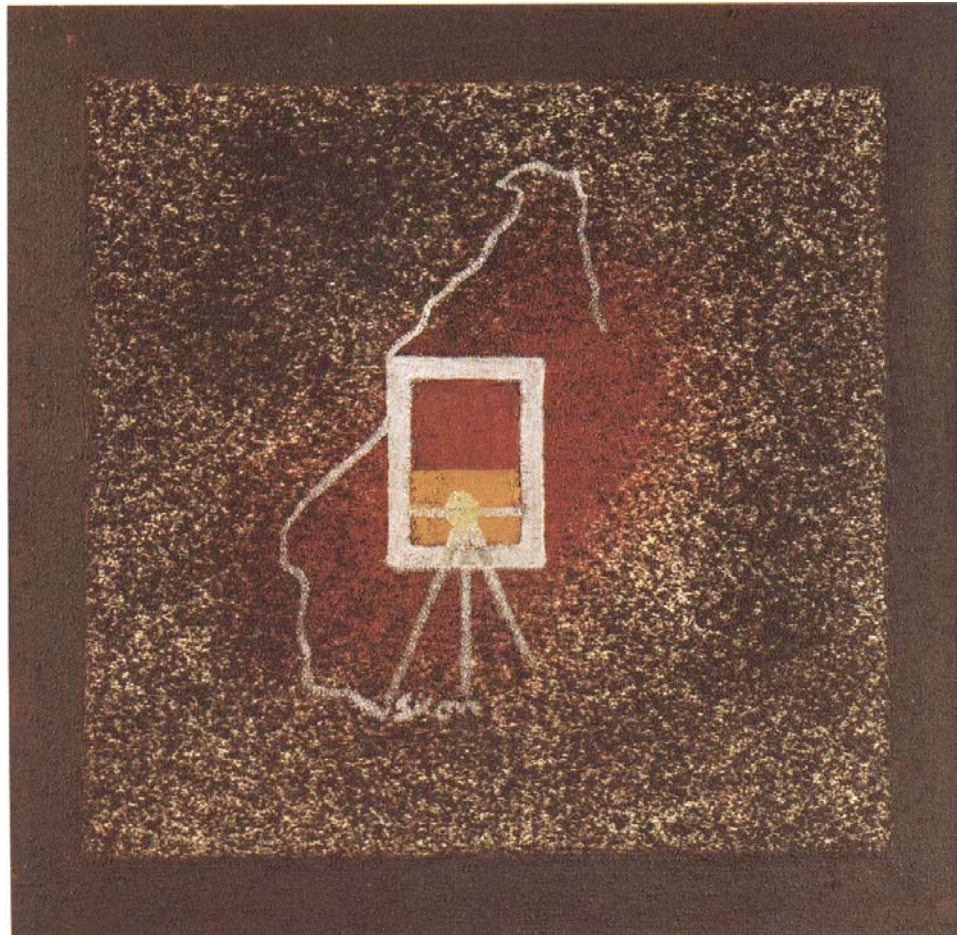


Figura 3.10: O Nascimento do Menino Capoeira - Edu Nunes



Figura 3.11: O Solícito - Edu Nunes



Figura 3.12: O Hipócrita - Edu Nunes



Figura3.13: O Indivíduo - Edu Nunes



Figura 3.14: Cochilos - Edu Nunes



Figura 3.15: O Labirinto do Lixo - Washington Santana



Figura 16 : Raíces - Franz Krajcberg

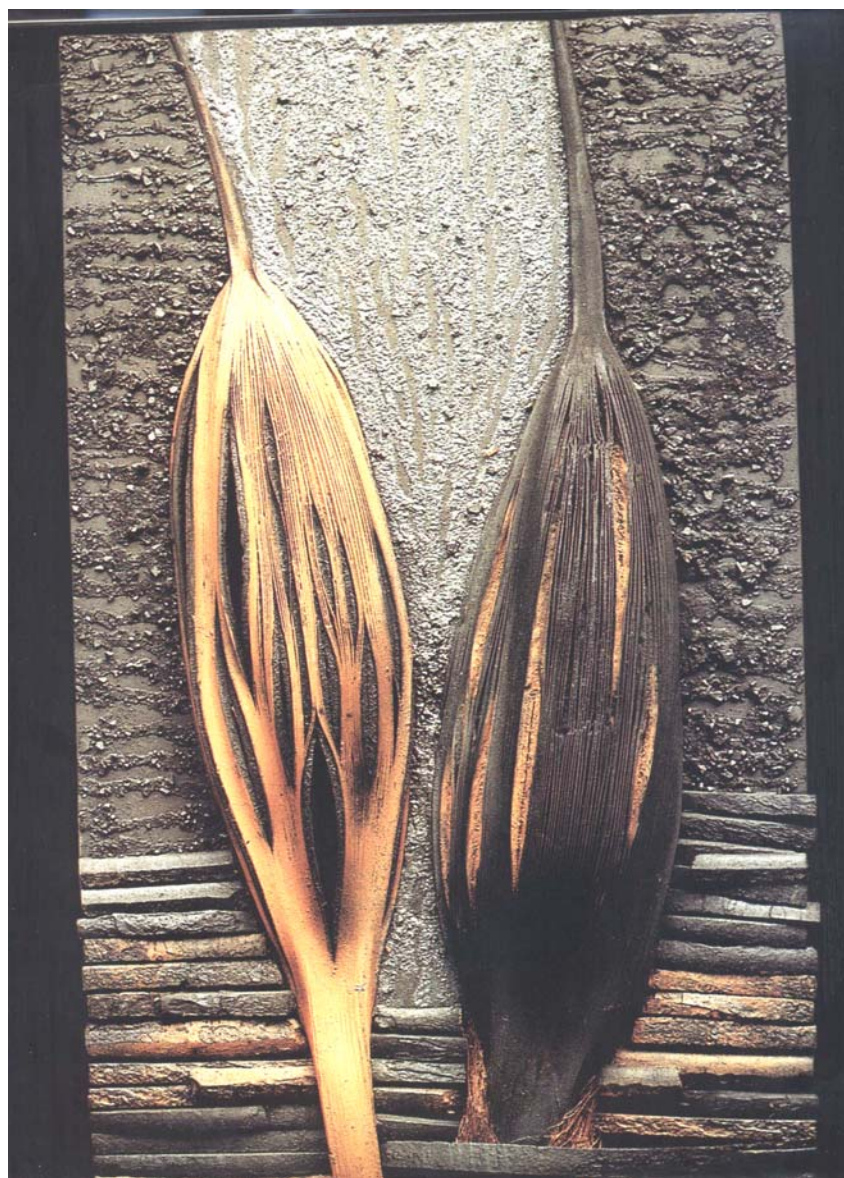


Figura 16.1: Raíces desmontadas - Frans Krajcberg

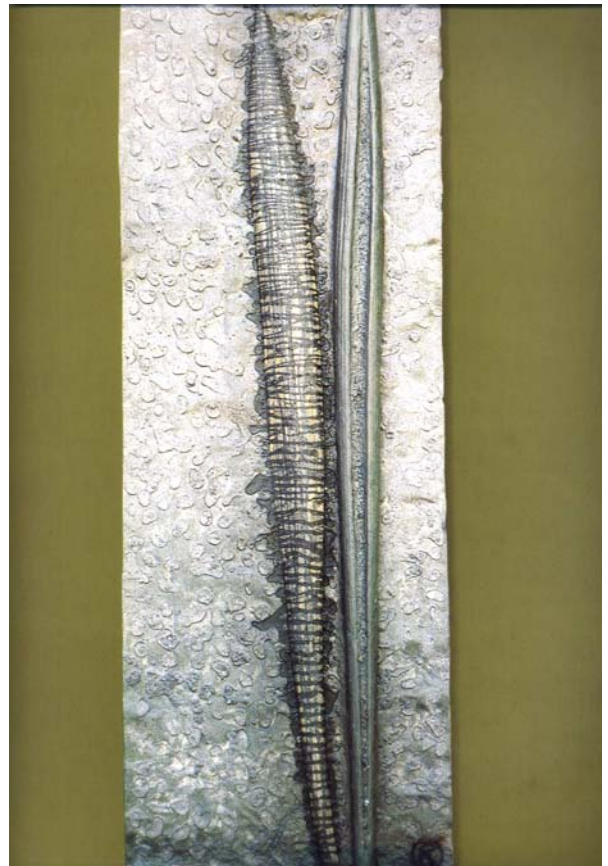
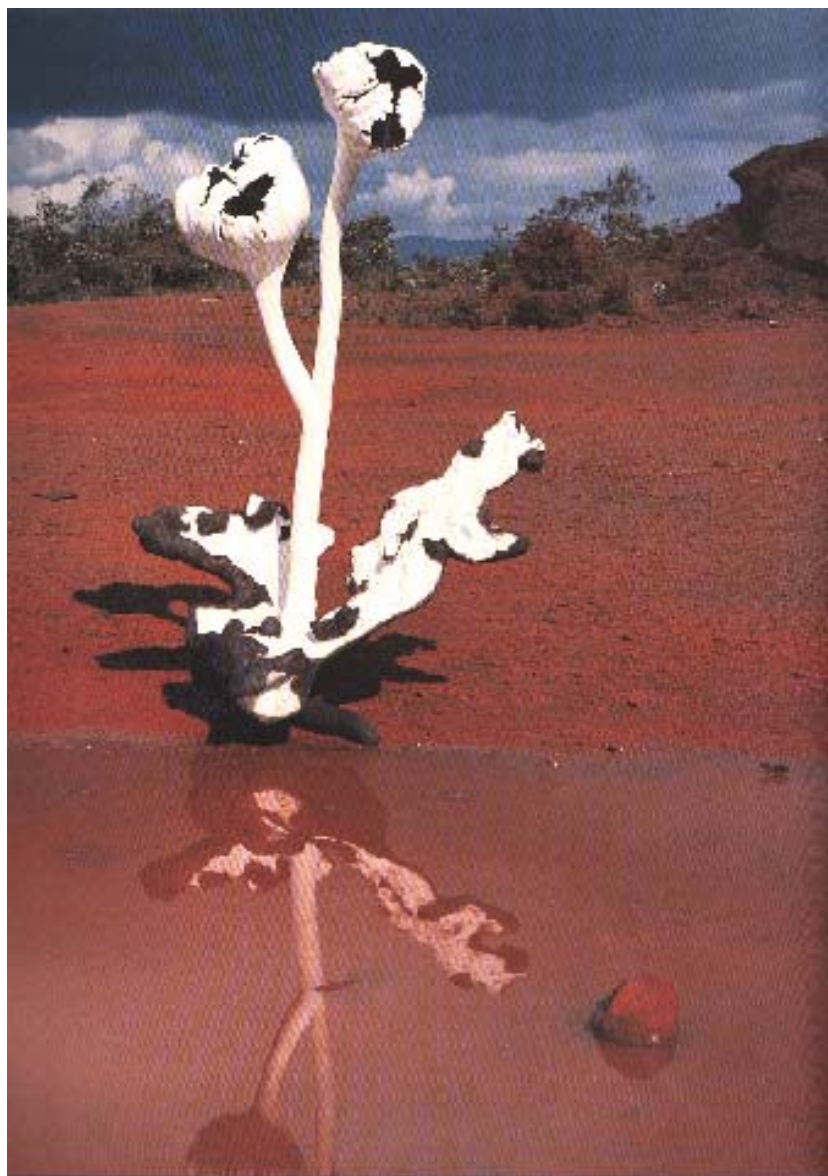


Figura 3.17: Raízes que superam a moldura - Frans Krajcberg



Figura 3.18: Raízes e Sombras Frans Krasjberg



IV - OS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS E O PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL

IV.1 - INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, o consumo de produtos e serviços tem gerado resíduos em excesso. Atualmente, o homem costuma ser valorizado pelo poder de compra ou pela capacidade de consumo. Virtudes como verdade ou dignidade, em geral contrárias ao potencial de gerar capital, estão sendo cada vez mais negligenciadas. O sujeito, em busca da integração com o espaço social, tem se deparado com um mundo no qual, desamparado e desabrigado, procura acolhimento para o seu sentimento de despedaçamento. Na ausência ou na impossibilidade desse acolhimento, o homem costuma considerar como intocáveis os ideais estabelecidos pela moral social. Diante da impotência gerada por uma ideologia não condizente com a sua realidade, o sujeito pode tornar-se alienado, sendo incapaz de questionar os valores vigentes e, menos ainda, de reagir, instituindo, dessa forma, uma outra sociabilidade, marginal e perversa. Com a impossibilidade de ser acolhido pela cultura, o sujeito não pode acolher nem mesmo as pessoas ou o espaço do seu entorno mais próximo.

O contraste entre ricos e pobres é bem visível no sistema capitalista. Os ricos consomem e desperdiçam, enquanto que os pobres, desprovidos de poder de compra, sobrevivem dos restos. Podemos observar que, desde a Idade Média, os excluídos da sociedade, tais como mendigos, loucos, leprosos, prisioneiros e prostitutas, já sobreviviam dos restos produzidos pelos mais favorecidos (Eigenheer, 1999).

Nas últimas décadas, o excesso de lixo produzido tem levado as pessoas a refletirem sobre as diferentes alternativas para a sustentabilidade do planeta. Infelizmente, essas alternativas tendem a considerar ou privilegiar a tecnologia

deixando de lado, ou subestimando, o aspecto ético. O discurso ecológico oficial reconhece o processo da reciclagem como a solução para reduzir o excesso de resíduos. Outros discursos percebem como solução a redução do consumo. Para o primeiro, mantido o consumo, a solução é técnica, ou seja, pode ser resolvida pela prática da reciclagem. Para o segundo, a solução é cultural, ou seja, passa pela redução de bens e serviços (Layrargues, 2002).

De fato, ainda segundo Layrargues (2002), pouca reflexão tem sido dedicada à análise do significado do processo de reciclagem, em particular da lata de alumínio - material mais destacado no processo em questão. Em verdade, a educação ambiental está mais direcionada para a mudança de hábitos da população, no que se refere à disposição domiciliar do lixo - coleta convencional e coleta seletiva - do que com o consumismo gerado pelo processo de produção industrial da sociedade capitalista.

Neste contexto, a educação ambiental oficial dificulta a inclusão social dos catadores de materiais recicláveis. A população, ao separar em suas residências os materiais recicláveis, acaba por doá-los ou vendê-los às indústrias de reciclagem. Dessa forma, a organização dos catadores em cooperativas ou associações torna-se prejudicada em sua geração de renda.

A prática almejada, em curto prazo, deve ser alcançada pela vontade política do poder público em articular o planejamento da reciclagem com a inclusão social. Esta articulação já pode ser observada em algumas cidades onde as organizações em associações ou em cooperativas de catadores tiveram o apoio das administrações municipais, que providenciaram o suporte básico. Estas políticas públicas efetivaram a reciclagem e a coleta seletiva do lixo como uma alternativa de geração de renda, propiciando a inclusão social de grupos marginalizados (Oliveira, 2001).

Entretanto, em médio prazo, devem ser reinventadas novas formas de inclusão social para os catadores que, com a diminuição do consumo de produtos ou da produção de resíduos descartáveis, devem ser incentivados a buscar novas e melhores alternativas de trabalho e renda. Tais propostas alternativas exigem criatividade e empenho.

À noite, nas ruas das cidades onde a coleta seletiva ainda é precária, podemos observar o trabalho dos catadores. Inicialmente, eles apalpam os sacos de lixo, procurando os objetos recicláveis ou os de maior interesse. Em seguida, quando encontram o material desejado, no caso do papel e do papelão, abrem os sacos e

começam a separá-los e a empilhá-los. Durante o dia o trabalho é mais árduo, pois muitas vezes eles têm que enfrentar o olhar de reprovação e preconceito dos transeuntes.

Em torno das 8 horas da manhã, antes da coleta do lixo domiciliar pela Companhia de Limpeza Urbana da Cidade do Rio de Janeiro - COMLURB, presenciei uma discussão entre um catador e um morador em frente ao meu prédio. Ele retirava e empilhava o papelão encontrado nos sacos de lixo depositados na calçada. O morador reclamava em *altos brados* da sujeira que ele estava fazendo na rua. O catador, indignado, se defendia, dizendo ser um trabalhador - ele vestia uma camiseta da COMLURB com o símbolo da reciclagem - e tentava explicar a relação do seu trabalho com o processo de reciclar o lixo. Apesar da dificuldade de verbalizar com clareza a sua revolta, ele foi capaz de afirmar: “*Além da humilhação de ter que catar lixo, eu ainda tenho que passar por isso*”.

O catador se sente humilhado em ter que buscar o seu sustento no lixo. Apesar da humilhação, ele enfrenta com altivez o preconceito e o menosprezo da população. No mercado de trabalho a escolha da ocupação nem sempre é possível. Ser catador é uma opção limite no universo do trabalho, que acontece quando o cidadão tem poucas possibilidades de inserção profissional e social.

Nos dias de hoje, nas ruas das cidades, podemos observar homens e mulheres recolhendo materiais em sacos e latas de lixo. Nas festas populares ou espaços públicos, vemos estas pessoas catando latas e garrafas de bebidas. Algumas vezes, utilizam um carrinho de madeira, para transportarem com mais facilidade o material recolhido. Com o crescimento da coleta seletiva do lixo, em algumas de nossas cidades, é mais do que justo que os benefícios sejam destinados aos catadores. Tais benefícios podem ser repassados através da organização da categoria em parceria com as Prefeituras Municipais. Segundo Oliveira (2001), a organização beneficiaria os dois segmentos diretamente envolvidos. Aos catadores, propiciaria melhoria das condições de trabalho e renda, além de um espaço para vivências e ações coletivas; para o poder público, significaria uma redução considerável dos gastos com a limpeza pública e uma imagem mais positiva da cidade.

Numa sociedade de consumo globalizada, num país da América Latina, quem é *excluído*? Como estão incluídos os artistas, os menos favorecidos em termos econômicos e os intelectuais da classe média? E os pobres, não estariam também incluídos no sistema de consumo dos restos? Martins (2002), elabora uma reflexão crítica sobre o tema da *exclusão social*. Segundo o autor, a classe média ou os intelectuais reconhecem a *exclusão* de acordo com o seu raciocínio e lógica. Já os

reconhecidos como *excluídos* possuem outra forma de pensar, ou seja, pensam baseados na sua história de vida e na sua capacidade de imaginar o mundo. Logo, os pesquisadores, mediadores ou narradores da situação, não deveriam pretender substituir os que são de fato os sujeitos da situação de exclusão, mas sim participar, se envolver em diálogos com o excluído. Desta forma, respeitando os valores e a criatividade de um outro segmento social, devemos procurar práticas e soluções que contribuam para a emancipação de pequenos grupos, comunidades e sociedades.

No caso dos segmentos mais pobres da sociedade, que sofrem formas extremas de exclusão social, a sua inclusão vai depender da reinvenção de alternativas de produção de estrutura não capitalista. A organização dos catadores em associações ou cooperativas, deve ocorrer concomitantemente a um processo integrado de transformação cultural, social e política dos seus membros. Segundo Santos & Rodríguez (2002), a avaliação do sucesso ou do fracasso de iniciativas econômicas alternativas deve possuir um caráter holístico, ou seja, deve considerar tanto os objetivos econômicos (o sustento e o incentivo material) quanto aqueles não econômicos – as atividades lúdicas, criativas, culturais e sociais.

Assim, pesquisando duas organizações – a Associação de Catadores de Materiais Recicláveis - ASMARE e a Associação de Papeleiros Unidos Venceremos – APUV, buscamos identificar o comportamento de seus atores diante dos restos; sua maneira de imaginar o mundo; sua sensibilidade quanto a atividades criativas e as possíveis mudanças relacionadas à sua participação em ações coletivas, visando a manutenção e a preservação desses espaços.

IV. 2 – A SATISFAÇÃO NA OCUPAÇÃO OU, EM BUSCA DA AUTONOMIA

O catador, na condição de sobrevivente dos restos da sociedade, fica exposto a um sentimento de baixa auto-estima. A ocupação ainda é considerada como algo desprezível pela população e pelo próprio catador. Muitas vezes, os catadores são tratados como portadores de doenças contagiosas, ladrões, dependentes químicos ou simplesmente vistos como alguém que não deveria estar presente no mundo – como o mendigo, o miserável, o louco ou o homicida, aos quais a sociedade normalmente atribui a culpa por suas precárias condições de existência.

A liberdade de ação dos catadores de resíduos é muito limitada. Quando vivem à margem da sociedade, são regulados ou perseguidos pela polícia, sendo vistos pela população com desprezo e um certo temor. Segundo suas falas,

percebemos que em algumas situações optam pela liberdade, ou seja, pela *autonomia* de viver do lixo e no lixo. Nestas condições, apesar da miséria material, costumam valorizar a convivência com pessoas pertencentes ao segmento social de sua origem. Assim, eles não precisam enfrentar os contrastes e a discriminação gerada pela segregação social. O sentimento de liberdade, propiciado pelo convívio entre companheiros que também moram e trabalham nos *lixões* ou depósitos de lixo a céu aberto, pode ser percebido nas suas falas:

“...Eu sou brasileiro, eu sou humano, eu tenho o direito de falar o que penso, eu não tenho medo...” “...Lá no lixo, eu grito, eu falo...” “...Aqui tem tudo, a gente come, veste...” “...A gente foi tudo criado aqui no lixo...” “...eu não gosto de ser mandada, já trabalhei muito em casa de família...” “...Melhor trabalhar aqui do que em casa de família....”

Quando organizados em associações ou cooperativas, falam das vantagens da moradia, da alimentação, dos instrumentos de trabalho, dos direitos trabalhistas, da escola e da creche para os filhos. O catador da ASMARE, ao se associar, ganha um carrinho para coletar o lixo e o uniforme da associação, angariando o respeito e o reconhecimento da população. Também possuem um local de trabalho para a família, onde podem armazenar os resíduos coletados para depois selecioná-los e vendê-los. Existem algumas vagas reservadas em escolas e a possibilidade de uma formação profissional para os filhos – trabalhar como marceneiro, prática que adquirem reformando móveis usados. Além disso, possuem refeições por um preço acessível. No Bar Reciclo possuem uma opção de lazer, com música ao vivo. Também têm acesso a atividades artísticas – no carnaval, participam na elaboração das fantasias e na organização do bloco da Associação.

Como a profissão ainda não é reconhecida, as próprias catadoras, quando assinam suas carteiras de trabalho, o fazem como *Dona do Lar* ou outra categoria profissional diferente da verdadeira. O catador da COMLURB, ao ser acusado de desordeiro pelo morador, ao reagir ao insulto, deixa escapar a sua revolta de, além de catar o lixo, ter que ouvir desaforos.

A mediação exercida pelo Centro Alceu Amoroso Lima - CAAL, no que se refere aos papeleiros da APUV, ainda é recebida como uma medida protetora e necessária para a tomada de decisões. Como diz a assistente da CAAL, ao referir-se à percepção deles sobre as vantagens da Associação – *É uma luz no fim do túnel*. E como dizem os catadores – *É bom vir até aqui, a gente conversa entre nós e toma um café*. A

vida deles é difícil e sempre tiveram que dar um jeito de sobreviverem. Atualmente, com a Associação, eles têm esperança em melhorar as suas condições de trabalho, mas também uma dificuldade em se organizarem. Eles já possuem uma faixa etária avançada. Alguns seguiram a ocupação do pai, tinham o carrinho e foi só começar a recolher o papel nas ruas da cidade. Outros, já tiveram uma profissão anterior e na falta de emprego, aderiram à ocupação como uma possível fonte de renda.

José, catador entrevistado da APUV, trabalhou na profissão de sapateiro durante trinta e poucos anos. Mas, com as transformações ocorridas no mundo do trabalho, no processo de industrialização dos calçados, ele se transformou em catador de papel e papelão. Fala que está satisfeito com a profissão. Tem que trabalhar muito para manter o seu sustento. Sai de casa antes das cinco da manhã e só retorna depois que o comércio fecha as portas. Mora com a irmã e a sobrinha. A irmã é cozinheira num pensionato de freiras e a sobrinha é professora de inglês. Assim, juntando a renda dos três, é possível ter uma vida satisfatória.

“...Eu estou satisfeito com o que eu faço. Tenho minha profissão que é sapateiro. Mas, como de acordo com a evolução do maquinário, eu não tenho mais a condição de trabalhar, então, eu passei a trabalhar com material reciclado. Trabalho com material reciclado há quase 20 anos. O sapato manual que a gente aprendeu a fazer, não faz mais. Meu trabalho dá para manter minha vida, não muito bem, mas, controlada...”

O catador contou que, quando a Prefeitura de Petrópolis – RJ, proibiu as carroças de lixo no centro da cidade, os comerciantes fizeram um abaixo assinado a favor da categoria. Este abaixo assinado solicitava ao prefeito a circulação das carroças durante o horário comercial, uma vez que a Prefeitura havia estipulado o horário de trabalho para o catador no período da noite, quando o veículo coletor da Companhia de Limpeza Urbana de Petrópolis - COMDEP passava recolhendo o lixo da cidade. Tal atitude despertou uma cumplicidade entre o catador e o comerciante. Houve aqui um agenciamento de inclusão, a partir das necessidades cotidianas da cidade. Foi criada uma aliança integradora, a qual José identifica como uma boa receptividade da população, uma cumplicidade:

“...Aqui em Petrópolis, por exemplo, nós somos bem recebidos pelo comércio. Inclusive, procuram fazer tudo para ajudar a gente. Então nós não temos nada que reclamar. Houve um problema aí, há 10 anos atrás com a Prefeitura. O prefeito mandou recolher as carrocinhas. O comércio pediu um abaixo

assinado e eu levei lá na Prefeitura. O próprio comércio ajudou. Então, para nós o comércio é muito importante. A Prefeitura aceitou o abaixo assinado e está ajudando o pouquinho que ela está ajudando. Eles estão deixando a gente trabalhar a qualquer hora. Eles queriam botar a gente para trabalhar só de noite. Mas, de noite o caminhão vem recolhendo o lixo todo. Como é que a gente vai trabalhar? O comércio guarda o papel para a gente. Eu, por exemplo, não apanho o papel na rua, eu apanho nas lojas...”

A satisfação na ocupação é entendida, pelo catador, como a valorização da sua única possibilidade de trabalho. Assim, quando perguntei ao José se gostaria de ter outro trabalho, ele me respondeu:

“...Olha para dizer a verdade, não. De acordo com a minha idade, esse servicinho para mim está bom. Um cara chega a uma certa idade, ele tem que trabalhar naquilo que ele é, não pode querer fazer uma coisa que ele não tem mais condição...”

O processo associativo significou, segundo José, a melhoria da vida dos catadores. O material teve o seu preço tabelado, o que anteriormente não acontecia. O atravessador ou o ferro-velho pagava pelo material um valor, em geral, bem inferior ao hoje estipulado pela APUV. A Associação vende o material para a Companhia de Papel de Minas Gerais - COPAMIG, que é uma empresa intermediária no processo da reciclagem, localizada na cidade de Juiz de Fora. Como o espaço da APUV é limitado, não é possível armazenar outros materiais recicláveis, além do papel, do papelão e do plástico. Entretanto, alguns catadores coletam outros materiais recicláveis e vendem para os ferros-velhos da cidade.

“...Os atravessadores aqui pagavam o que queriam e nós obrigamos eles a pagarem mais. E a quem não é da Associação eles pagam como eles pagam para nós. Eles tiveram que aumentar o preço para terem o material, por isso eles têm bronca da gente. Eles pagavam o que queriam, chegavam lá no depósito e colocavam a caixinha. Eles são obrigados, nós da Associação não vendemos nada para fora, só vendemos para Juiz de Fora...”

Na reunião da APUV, realizada em novembro de 2002, foi discutida a necessidade de se tornarem independentes da COMDEP. A companhia cedeu um espaço pertencente ao Sindicato dos Servidores Públicos de Petrópolis - SISEP, além da prensa e um funcionário. O espaço é utilizado para armazenar, enfardar e pesar o papel

recolhido, para vendê-lo às empresas intermediárias no processo da reciclagem. A COMDEP compra semanalmente o papel coletado pelos catadores – o pagamento é recebido de acordo com a produção de cada um, que é pesada e registrada em papeleta. Cada um recebe 75% do valor do material coletado, e os 25% restantes vão para a APUV. Com esse valor depositado, a Associação paga o décimo terceiro salário e outros benefícios para os seus associados. O vínculo com a Prefeitura, do ponto de vista do catador, prejudica a autonomia da categoria no poder de decisão. Eles aguardavam a participação do responsável pela Companhia na reunião, o qual não compareceu. Na reunião pretendia-se decidir, juntos, a forma de pagamento ou a amortização da dívida com a Prefeitura. Esta ausência é sentida na frase - *Estamos sempre atrelados a COMDEP*. Como criar, no setor público, mecanismos de consciência da situação?

Também deixam claro, que o papel está sendo comprado pela COPAMIG por um preço inferior ao combinado – *o que eu estou vendo é que a gente está vendendo papel barato para COPAMIG*. Eles pesam os fardos de papel e percebem que a empresa compradora não está pagando o valor correspondente ao peso do material. O contrato da empresa compradora parece ter sido feito com a Prefeitura, pois o catador, no ato da venda, se sente excluído do contexto. Com o objetivo de acompanhar o processo da compra do papel pela COPAMIG, a APUV designou um catador. Ele viajou de Petrópolis até Juiz de Fora e não pode resolver o problema, porque o encarregado das compras não se encontrava na empresa. Esta exclusão fica clara nos dizeres do catador - *aquela estrutura não tem nada a ver com nós lá*. Esta situação deixa clara a necessidade da criação de mecanismos de mediação entre os catadores e os órgãos públicos.

A ASMARE é uma associação respeitada em Belo Horizonte e os seus associados já são reconhecidos na cidade como trabalhadores. A população já identifica os carrinhos dos associados da ASMARE e contribui na entrega do material a ser reciclado ou reformado. Mas, caminhando pelas ruas da cidade à noite, podemos observar a presença de outros carrinhos, que pertencem aos catadores não associados ou independentes. Como criar mecanismos de inclusão que sejam sempre atuantes?

Apesar do incentivo dado por Prefeituras de algumas cidades brasileiras, na organização de associações e cooperativas, ainda observamos, pelas ruas dessas cidades, catadores que preferem trabalhar como autônomos ou por conta própria. Esta opção, nos leva a refletir sobre as organizações em questão. Aqui, faço uma pequena pausa para um breve relato sobre a história das associações em estudo.

Os catadores da ASMARE viviam precariamente no local onde o próprio lixo era depositado. A Pastoral de Rua começou a ajudá-los na conquista de um espaço de trabalho e moradia. Muitas vezes, pernoitavam junto ao carrinho do lixo que catavam durante o dia. Algumas vezes, a polícia, suspeitando de suas condutas, apreendia o material recolhido. Eram sempre considerados suspeitos, *i.é.* eram tratados como traficantes, drogados, ladrões e mendigos. Eles chegaram a ser expulsos do local onde moravam, o depósito de lixo da cidade.

A catadora Graça, uma das fundadoras da Associação, conta que muitos associados retornam ao depósito de lixo de onde vieram. Ela explica que existe até um trabalho da Associação para trazer esses catadores de volta ou para retirá-los do lixo. Como já foi dito, no capítulo de Metodologia da Pesquisa, a ASMARE também abriga pessoas que moram nas ruas da cidade. Essas pessoas, quando não se adaptam à ocupação de catador, são encaminhadas ao Setor de Artes. Neste Setor, elas podem exercer várias funções – artesanato com material descartado, corte e costura e ainda, em certos casos, pintura e escultura.

Em geral, conta Léo, artista plástico do setor, as pessoas que não possuem pais ou parentes catadores, não conseguem se adaptar ao serviço e, por isso, na tentativa de recuperá-las na sociabilidade, elas são conduzidas ao aprendizado do artesanato ou da arte. O artista, que orienta o fazer das fantasias e dos adereços de carnaval, comenta a rapidez com que alguns desenvolvem as tarefas. Indicando duas pessoas, casos especiais, ele fala - *“...eles criam por conta própria e eu apenas os oriento na conduta a ser tomada diante da vida...”*

Conversando com Léo, pude perceber a sua dedicação na orientação das pessoas. Ele explicita a diferença entre os filhos de catadores e os desabrigados. Os primeiros são educados e disciplinados, fato que pude constatar nos aprendizes de marcenaria. Já os segundos são mais revoltados e têm dificuldades com a disciplina. Saindo do Setor de Arte, fui até a Marcenaria. Lá encontrei dois adolescentes, filhos de catadores, que timidamente responderam minhas perguntas e me mostraram, com muita reserva, os móveis reformados ou decorados por eles. Cheguei a perguntar se poderiam conversar um pouco, mas diante dessa solicitação, ficaram assustados e fugiram. Fiquei surpresa com a reação e, não querendo mais intimidá-los, voltei para entrevistar os dois artistas, já reconhecidos como criativos. Os detalhes das entrevistas conto no próximo item, mas a diferença de comportamento, cabe aqui ressaltar: Teobaldo, me recebeu muito satisfeito e, falando com muita eloquência, me expôs toda a sua obra – pinturas e

esculturas. Wilson, de forma criativa e com muito senso de humor, respondeu as perguntas de forma bastante clara.

Os catadores da APUV identificam pontos positivos e negativos na Associação. Os positivos ainda estão vinculados aos ganhos materiais, em curto prazo – o décimo terceiro salário; o tabelamento de preço do material a ser vendido; um espaço de trabalho mais amplo, onde podem armazenar os diversos materiais recicláveis e o intercâmbio de experiências entre os companheiros de outras associações e cooperativas de Catadores. Já os negativos, são identificados como a descrença na Associação por ainda se encontrarem atrelados a COMDEP e a outras empresas compradoras que oferecem, de forma impositiva, instrumentos ou recursos humanos em troca da negociação no preço dos recicláveis. As empresas intermediárias compram o papel deles por um preço mais barato e o mesmo é depois revendido por um preço mais alto às indústrias de reciclagem.

Walter, catador entrevistado da APUV, fala sobre a satisfação que sente em participar dos Encontros entre as diversas Associações e Cooperativas Nacionais. Estes Encontros proporcionam novas idéias e também valorizam a profissão, que está sendo cada vez mais reconhecida e divulgada. Na visão do catador, a troca de experiências é fundamental para o crescimento da Associação que, ao divulgar o seu trabalho, além do intercâmbio entre os membros da categoria, também propicia o contato com os outros profissionais e com o público em geral. Ao falar sobre a importância dessa troca, ele me pergunta: “...*E você, como chegou até nós? Você não está aqui por um acaso, você está aqui, porque alguém falou com você da gente. Então, se a gente não sair do nosso cantinho, não seremos conhecidos...*”

O catador começou a trabalhar no ofício há doze anos. Antes trabalhava como motorista, mas ficou desempregado. Assim, começou a catar papel, até encontrar outro emprego. Mais tarde, apesar de ter conseguido retornar à sua antiga profissão, Walter optou continuar a ser catador. Tal opção, segundo ele, está relacionada à sua contrariedade em ser obrigado a agradar o patrão, ou seja, ter que se submeter ou abrir mão da sua autonomia. Há um tecido social a se tornar cada vez mais abrangente, em suas formas de solidificar a inclusão:

“...Eu nunca gostei que as pessoas tentassem subir nas minhas costas. E eu tinha um patrão que adorava, assim se o cara fosse bom para ele, tinha que levar uma fofoca para ele. Ele queria que eu levasse e eu não levava. Aí, eu saí e comecei a catar papel novamente...”

A decisão de sobreviver dos restos da sociedade, mudou radicalmente a vida de Walter. A princípio, até sua família protestou, mas acabou aceitando. Alguns amigos deixaram de freqüentar a sua casa, pensando que eles comiam os alimentos encontrados no lixo. No entanto, outros deram parabéns e conservaram a amizade. Assim, ele comenta essa sociabilidade:

“...Alguns recriam. Depois que eu comecei a mexer com papel, amigos nossos, afastaram de nós. Porque eles acham que as coisas que eu encontro na rua, eu levo para casa para comer. Os lojistas ajudam, mas eles fazem assim: você faz aqui, mas eu não vou na sua casa. Eles acham que você é sujo, leva as coisas de rua para sua casa. Alguns acham as coisas na rua e levam mesmo para casa. Levam comida, verdura. Outros, já te dão os parabéns, vão na sua casa, conversam com você. Mas, isso deu um afastamento na nossa vida...”

O catador conta que, ao retornar ao trabalho de catador, apesar de ter sentido uma decepção, ele cresceu pessoalmente. A decepção foi a de saber que havia muita gente desempregada. Muitos profissionais, tais como motoristas de ônibus, ao serem demitidos foram catar papel nas ruas da cidade. O crescimento pessoal foi o de perceber que existia uma nova perspectiva de ganhar a vida, sem precisar roubar. Observa-se uma amplificação e uma solidificação da consciência da inclusão, de uma forma de estar no mundo. Assim, Walter fala com entusiasmo sobre a nova descoberta:

“...Eu vou roubar? Isso não! Eu vou ajudar a natureza, eu vou catar o peti, o plástico, o papelão, os alumínio. Hoje é essa a grandeza que eu tive. A grandeza de ver que ainda há um ponto de emprego, diante de toda dificuldade que tem. Daqui a alguns anos vai faltar latinha para gente, vai faltar o papel para gente, é tanta gente catando...”

A ocupação de catar papel ou outro material qualquer, do ponto de vista do Walter, um dia vai terminar. Hoje, seus filhos ainda são pequenos, mas amanhã, quando adultos, ele como catador, não poderá financiar os seus estudos. Diante dessa impossibilidade, teme para eles um futuro bem pior do que a vida atual. A única opção viável, que ele percebe, no momento, é passar de catador para atravessador, ou seja, em vez de vender o material, ele compraria para revender às indústrias de reciclagem, obtendo um lucro maior. É interessante observar que a condição de inclusão permite sonhos, antes impossíveis.

“...aí vai ser o contrário, eu passaria de catador para atravessador. Se tiver só como eu trabalho, de coleta seletiva, catador de papel, eu não tenho expectativa nenhuma para dar para os meus filhos, porque quando minha filha chegar no segundo ano, o terceiro eu tenho que pagar. Pai, eu passei no vestibular, quanto é a faculdade? Ah, é 500 reais por mês. Ah, pai, eu só consegui passar no Rio. Aí, não são somente 500 reais. Você tem o transporte, a questão da moradia, despesa. Aí, esse tipo de expectativa fica muito grande e também muito distante. Aí, seu filho não consegue emprego e fica à toa dentro de casa. Aí, você pensa um monte de besteira. Você quer o melhor para o seu filho, mas infelizmente... Então, para mim, ser catador de papel hoje é limitado...”

A vida do catador, depois de associado, não mudou. Ele se sente decepcionado com o desinteresse dos colegas da Associação. Acabou de voltar de Belo Horizonte, onde foi participar do Encontro Nacional de Catadores na ASMARE, e os seus colegas não se interessaram pelas informações que ele obteve e repassou na reunião mensal da APUV. Mostra os folhetos e as revistas, que foram esquecidos pelos colegas em cima da mesa, expressando a sua mágoa. Mas, por outro lado, também deixa perceber que tem consciência das crises e superações presentes em todo trabalho.

“...Na reunião de lá, eu me senti o mais importante que eu poderia ser, mas, eu sabia que, quando chegasse aqui, que eu ia ter uma decepção. Eu gostaria que a gente crescesse, cada cooperativa crescesse. Talvez, chegar no ponto da ASMARE ou RICAMARE está. Hoje, as pessoas não sabem o que estão fazendo com a natureza. Então, nesse ponto, que nós estamos hoje, eu não estou satisfeito. Tem uma parte que estou e uma parte que não está. Como eu já vi em outros lugares, a pessoa lutar e levar os mesmos problemas que nós temos aqui. A mesma decepção que eu tive na reunião, as pessoas do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte e das cidades todas tiveram...”

Na reunião mensal da APUV, realizada em 24 de novembro de 2003, mais uma vez foi demonstrada a insatisfação dos catadores de se encontrarem atrelados a COMDEP. Eles conseguiram saldar a dívida com a Companhia, mas ainda são confundidos pela população como empregados da Empresa de Limpeza da Prefeitura. A mistura entre a COMDEP e a Associação incomoda aos catadores, que vêm lutando pelo reconhecimento, pelos direitos trabalhistas e pela autonomia da profissão, através da APUV. Esta situação pode ser sentida no episódio, narrado pelo catador, quando alguém, ao invés de referir-se à associação sobre o valor arrecadado na venda do papel,

refere-se a COMDEP - *Quanto é que a COMDEP está pagando pelo papel?* – ao que ele responde – *“Eu não sei, eu não trabalho para COMDEP”*

Do ponto de vista dos associados da APUV, o mais importante, no momento, continua sendo um espaço mais amplo de trabalho. Esse espaço, deve possibilitá-los a trabalhar com os diversos materiais recicláveis. A Prefeitura já se comprometeu a pagar o aluguel, mas existe o preconceito da população em relação ao lixo. Segundo os catadores, a população também confunde o local de separação de materiais recicláveis com o depósito de lixo. Mas, eles concordam que o local pretendido deve ficar distante do centro da Cidade. Também entendem que a COMDEP está apoiando o seu trabalho e por esse motivo, uma faixa fixada no local, deve explicitar *apenas* o apoio. O espaço de trabalho, sendo distante, torna necessária a compra de uma Kombi que possibilite o transporte de materiais do centro da Cidade para um local mais afastado.

Atualmente existem apenas cinco associados na APUV, um deles voltou a beber, ficando impossibilitado de cumprir as tarefas estipuladas e outro, parecendo não ter obedecido às normas da associação – começou a armazenar outro tipo de reciclável no espaço da APUV e, quando chamado para se explicar, declarou não querer mais ser associado. No entanto, entraram mais dois interessados em associar-se, que ainda se encontram no período de experiência de seis meses. Como diz José – *“...Está sempre entrando e saindo gente. Sae um, outro entra...”*.

IV. 3 – A SINGULARIDADE E A REINVENÇÃO DE ESPAÇOS-AMBIENTE

Os espaços-ambiente podem ser aqui definidos como o ambiente apropriado, dentro de determinados espaços, que o sujeito inventa para se inserir no mundo comum, ou seja, o ambiente facilitador à interação da sua singularidade com a realidade externa.

Estes espaços-ambiente compreendem um Espaço Institucional, de leis, normas e regulamentos. Espaços de Arquiteturas e Engenharias diversas. Espaços-Território, referentes às condições da Biologia; todos contribuindo para o contínuo aparecimento do lugar do Sujeito (Valadares, 1994).

A singularidade é aqui percebida como o resto ou a sobra, nem sempre exteriorizada, mas que o sujeito deve expressar no seu convívio com o outro. Na ausência dessa expressão, não serão possíveis os momentos de interação ou de completude entre o singular e o mundo comum. Assim, a sociabilidade do sujeito torna-

se limitada aos ideais já pré-estabelecidos pela moral vigente. A fragilidade desses ideais é como a dos castelos construídos na areia – a primeira onda pode derrubá-los, pois não foram construídos sobre uma base sólida. Segundo os dizeres de Valadares (2000:129p):

“...Para os homens, o que lhes é externo somente existe se for lugar de sonho, espaço de invenções, como coisas enfim. Apesar disso, a atividade da cultura as elabora, trabalha, até transformá-las em restos, em memória, em reminiscências, em sinais, rastros de recordações. É entre a recordação e o convívio que se cria o espaço da habitação humana...”

Todos nós procuramos um lugar no mundo. Devemos, nesta procura, pensar a utopia, não em direção à realidade. Mas sim, como o ponto, a partir do qual, algo começa a se fazer presente. Aqui, a utopia se faz presente, em meus pensamentos, como contrária à realidade ou como algo que, no sentido potencial, é capaz de complementar o nosso ser. Penso no fazer do artista contemporâneo que, através da sua obra, se insere no mundo comum. Assim como o artista, nós também temos que inventar nossa inserção no mundo comum. Uma inserção que nos permita levar nossas recordações ou nossos restos esquecidos para o convívio com o outro, reinventando, nessa interação dinâmica, o nosso habitar ou o nosso lugar no mundo.

Os catadores da APUV identificam como ponto negativo da Associação, a dependência deles à COMDEP, como eles dizem: *estamos sempre atrelados a COMDEP*. Eles trabalham como autônomos há muitos anos, catando papel nas ruas ou nas lojas comerciais. Foram incentivados pelo CAAL a se organizarem, recebendo o suporte básico da Companhia de Limpeza da Prefeitura, uma vez que contribuem na limpeza pública. Mas a Companhia tem tomado decisões em nome da APUV, ou seja, ela está se inserindo indevidamente no lugar da categoria, no que diz respeito à sua autonomia, no poder decisório. Esta situação pode gerar nos associados a descrença e a desunião.

A ordenação de espaços tem persistido a uma compulsão à repetição, *i.é.*, tendem a reproduzir as formas do poder hegemônico. Na organização do Terceiro Setor, os mesmos erros são repetidos com frequência, ou seja, a participação dos seus membros nos processos de decisão se dá no sentido vertical – de cima para baixo – e não no sentido horizontal ou entre eles.

Esta situação, segundo Fischer (1996), pode ser evitada com uma maior dedicação dos agentes mediadores na compreensão de que a busca da solução para um problema, que tem, de um lado, o lixo urbano e, de outro, a geração de emprego e renda para setores marginalizados, demanda um exercício vigilante entre os agentes de mediação, transformando os catadores não em objeto de suas ações, mas, sim em *objetivos*. Essa distinção é suficiente para gerar mudanças também nos agentes de mediação – que devem envolver-se em cada ato de decisão dos sujeitos da situação em questão.

Nas reuniões da Associação, pude observar que a mediadora, educadora e assistente da presidência da CAAL, estava sempre procurando entender os catadores, interagindo em cada ato de decisão da categoria. Assim, a mediação parece se dar junto aos sujeitos da situação, *i.é.*, de um lado os agentes da CAAL e de outro os agentes da COMDEP.

Também me chamou a atenção o comentário feito pela educadora, de que cada um tem uma função a cumprir na organização. Walter é comunicativo e, por isso, está sempre buscando novas idéias nos Encontros da Categoria. José parece trabalhar mais do que o normal e gosta de ensinar o ofício aos novos colegas. O fundamental dessa diferença é manifestado na integração dos catadores, ou seja, na interação das suas subjetividades que, apesar de se fazerem representar na completude ou na totalidade, devem existir independentes do todo.

A convivência com o outro, através dos Encontros da Categoria, tem proporcionado o aumento da auto-estima do catador. Ele inicia o processo de resgatar a sua dignidade como ser humano, e também, de reconhecer o valor da sua ocupação.

“...Devagarzinho, eu vinha catando. Mas, às vezes, eu ficava um pouco sem jeito. Mas, com os Encontros que foram tendo, eu fui crescendo...”

“...E assim eu fui fazendo, enfiei a cara e fui trabalhar. Passei a ser reconhecido, sou digno da sociedade. Não tenho mais vergonha, hoje eu sou reciclador. Sou catador de papel, não sou lixeiro. Hoje, eu faço coisas que muita gente não faz, a natureza me agradece. Meu filho de sete anos está guardando os anéis das latinhas que ele encontra...”

Recordo, que durante a pesquisa da minha dissertação de mestrado, o motorista do veículo coletor de lixo me contou, com muito orgulho, a sua ascensão profissional – o seu avô era catador, o pai foi coletor de lixo e ele havia conseguido alcançar a profissão de motorista (Velloso, 1995).

Hoje, escuto o inverso – um catador me afirma não ser um lixeiro por contribuir na recuperação de materiais descartados. Ele se reconhece como reciclador ou como aquele que preserva a natureza, evitando a sua poluição,. Assim, segundo Walter:

“...A natureza precisa de ajuda. Se você se machucar, você precisa do médico para te fazer um curativo. A natureza é a mesma coisa, se nós agredimos, daqui a pouco o sol vai ficar muito quente e você não vai agüentar o sol, aí não vai ter uma árvore para você ficar escondido, não vai ter esse ventinho gostoso, vai ter temporal e vai derrubar nossas casas. Foi nesse ponto, esse trabalho, fez eu crescer. Eu gostaria, mas não só eu, gostaria que os outros companheiros crescessem um pouco...”

Muitos catadores foram população de rua, muitas vezes, alcoolistas ou dependentes de outras drogas. A ASMARE criou um ambiente para receber esses desabrigados. A princípio, quando possuem algum familiar catador e se adaptam à ocupação, são encaminhados para o Setor de Separação de Resíduos. Quando não possuem aptidão ou familiaridade com a função de catar e selecionar o lixo, são levados ao Setor que desenvolve atividades culturais, sociais e criativas. Neste setor, denominado Bar Reciclo, aprendem a trabalhar com material descartado, sendo orientados por artistas plásticos - objetos são construídos a partir de papel, de metal e de plástico. Roupas usadas são transformadas em novas e assim surge um outro estilo de vestuário, utilizando as embalagens de produtos como matéria-prima.

O trabalho, desenvolvido pela artista plástica Águida Zanon, teve como objetivo, melhorar a auto-estima dos catadores e daqueles que lá foram acolhidos. Ela realizou oficinas de arte na ASMARE, durante oito anos, buscando, através do diálogo com eles, descobrir alguma festa popular que os despertasse para o processo de criação.

As oficinas eram desenvolvidas utilizando o material que eles catavam, criando uma outra linguagem para esse material. *Trabalhar usando o material reciclável é trabalhar a auto-estima do próprio catador* – diz a artista que trabalhou com diversas faixas etárias, desde crianças bem pequenas até os mais velhos. A festa popular que despertou maior interesse foi o carnaval. A artista começou a construir as fantasias de carnaval e cada um participava na escolha e na elaboração da sua fantasia – ela fala da sua vivência junto aos catadores:

“...O mais interessante do carnaval que eu observei foi o seguinte: não tem como você fazer um bloco e colocar os mais

bonitinhos na frente, todo mundo é lindo, desde o recém-nascido até aquele que está lá de bengalinha, todo mundo é lindo e maravilhoso e a minha função junto deles era a de fazer eles perceberem o quanto são bonitos, então eu integrava todo mundo. Eu percebi coisas que não acontecem com a gente. Quando vamos para o trabalho, deixamos nosso filho na creche e, só voltamos a vê-lo à noite. Na verdade, hoje os consultórios de psicólogos, psicanalistas e psiquiatras estão lotados. Eu percebi que, com toda pobreza e dificuldades, os filhos das catadoras ficam grudados nelas e, até no carnaval, eu não vi a mãe separada do filho. Ele vai no peito da mãe e a fantasia tem que ser de acordo.e, elas me falavam durante a feitura da fantasia – ah, loura! Assim não vai dar, como é que eu vou dar o peito ao meu filho na avenida?...”

A meta das oficinas realizadas na ASMARE, segundo a artista, é a de desenvolver a arte com um olhar na psicologia. Assim, através desse processo, o catador vai percebendo que ele pode ser um reciclador, ou seja, ele pode ascender à outra condição social – ele vai percebendo que a sua sobrevivência pode se dar a partir da transformação do lixo em matéria-prima, gerando um novo produto.

Atualmente, o trabalho de Águida Zanon vem sendo substituído pelo de outros artistas. Leo, artista plástico, tem orientado na realização das fantasias de carnaval e nas demais oficinas. Tanto Águida como Leo, tiveram formação e oportunidades de trabalhar no exterior. Leo conta como foi incentivado para voltar a trabalhar com satisfação no Brasil:

“...O trabalho social que venho desenvolvendo me ajuda a não reclamar das coisas. Eu tenho uma participação ativa no resgate do valor das pessoas e isso me traz um alento. Num país tão cheio de problemas e de desigualdades sociais, meus problemas são pequenos. As pessoas que chegam aqui, parecem muito imediatistas, elas não pensam no dia de amanhã. É preciso resgatá-las para os horários, para a limpeza, para a disciplina, para os cuidados com a alimentação e alertar que a grande força deles está na união...”

O artista também trabalha em projetos para grandes empresas de propaganda. O contraste entre o público exigente – produtores capitalistas e consumistas – e os aprendizes de arte da ASMARE, parece lhe propiciar ao mesmo tempo alívio e estímulo.

“...As pessoas ficam muito ritmadas pela mídia, já nem querem mais pensar o que lhes afligem, o que querem ou gostam. Elas

já não pensam e também não sentem as coisas como são na verdade. A nossa sociedade de consumo é muito egoísta e famigerada, não chegou a quase nenhum lugar, ela só pensa na linha de produção, não criando uma mentalidade bacana de pessoas que poderiam estar mais felizes do que preocupadas em comprar e ter as coisas. As pessoas seriam mais felizes sendo, do que tendo as coisas. Eu sempre falo aqui para eles, na ASMARE, que o trabalho deles está fundamentado em três pilares: da vontade, do trabalho e da relação deles com o meio externo. O alcance de outra posição, diante da sociedade, vai depender da possibilidade de integração desses três fatores...”

Wilson está trabalhando na ASMARE há quatro anos. Ele, quando criança,- passou pela Fundação Estadual de Bem Estar do Menor - FEBEM, onde iniciou os seus primeiros contatos com o trabalho artesanal. Fala que se sente muito bem na ASMARE, principalmente, na sua interação com o grupo de trabalho. Sofreu muito na primeira infância, mas hoje se sente vitorioso. Considera esta vitória como dele próprio, que lutou muito para superar os maus tratos sofridos no passado. Apreendeu a técnica da arte e hoje é especialista na criação de oratórios. Ele comenta sobre a sua mudança de vida e, como se tornou um feitor de oratórios:

“...Lá no Bar Reciclo só tinha uma fileira de oratórios, então o administrador pediu para completar a parede para ficar um lugar só de oratórios. Então a gente fez e aqueles que sobraram estão na loja para vender. É tudo imaginação, você pega o bichinho e põe ali dentro e vê de longe, ficou legal? Ficou, aí você tem que ver algo que combine com o animal. Ali eu pus um monte de capim verde (aponta para o papel verde e picado), já tem alguma coisa a ver...”

“...A mudança não é da vida é da gente mesmo. A mudança é a gente que tem que fazer. Falar que a ASMARE mudou minha vida não é nada, eu cumpro meu horário de trabalho de 9 às 17 horas, então quer dizer minha mão de obra está ralando. É claro que a união que a gente tem aqui é muito importante, para mim isso é uma terapia muito grande para minha mente, para meu corpo. Faz mais bem ficar mexendo com arte do que ficar aí fora, aceitando o que todo mundo oferece que é droga. Aqui você tem horário de trabalho, você sai daqui já não tem vontade de ir para rua e vai para casa. Vou ficar na rua, dormir na rua? Agora é diferente, você se aprofunda no trabalho e gosta daqui. Cada dia, você passa a gostar mais. A mente vem refletindo e só criando idéias novas, aquelas coisas do mundo vão ficando para trás, um novo mundo você vai observando, para trás você vai esquecendo...”

Teobaldo nasceu e cresceu na cidade de Recife e, chegou a trabalhar como vigilante na polícia militar, mas fala sobre as conseqüências do uso da bebida alcoólica na sua vida e do seu processo de adaptação na ASMARE:

“...A cachaça me derrubou. Ai eu caí no mundo, passei por Alagoas, Bahia e vim para cá. Fui para o Rio, não deu certo. Fui para São Paulo. Ai cheguei aqui e comecei a mexer com desenho. Comecei a desenhar pessoas. Depois pensei: se sei desenhar, também sei pintar. Ai pintei esses quadros, que estão lá embaixo. Penso em crescer mais e mais, na parte de arte e, fazer meu cantinho ali (fala indicando seu local de trabalho), você pode deixar o pincel lá e ninguém vai falar. Cheguei aqui em 98, cheguei e fiquei lá do outro lado, trabalhando na oficina de papel, fazendo bloquinhos, só que a minha cabeça não dá, em termos de criatividade ela é forte. Eu estou aqui, mas já estou pensando em outra coisa. Ai saí da ASMARE e voltei para o Rio novamente. Muita coisa aconteceu, mas voltei para BH, consegui morar na república e me chamaram para trabalhar no bar aqui, mas senti que não era para mim e saí fora. Ai eu vim para cá e comecei a pintar, foi o lugar certo. Tenho que valorizar o que eu sei fazer. A ASMARE está dando uma força e porque não segurar essa força e fazer alguma coisa com ela. Na questão de pintar eu sou paciente demais com relação ao que faço (fala mostrando a igreja que fez) eu gostaria de fazer as cadeirinhas e um altazinho, mas as pessoas aqui estão com pressa e dizem: não Teobaldo, tem que colocar lá embaixo na lojinha ou no mostruário de arte da ASMARE...”

A ASMARE vem investindo na invenção de espaços, num ambiente propício à interação do sujeito com a realidade externa. Para isso, procurou a orientação dos artistas plásticos, que se dedicaram com afetividade à escuta das necessidades ou das carências de catadores e desabrigados. No Setor de Separação dos Resíduos Sólidos, cada um tem o seu espaço físico, onde toda a família pode trabalhar. Até o momento, a Associação tem servido como exemplo no processo de formação de outras organizações.

Cabe aqui citar, os motivos que me levaram a perceber tal dedicação. Assim, me remeto, mais uma vez, às falas dos atores em questão. Walter, diz estar bem integrado com os colegas e com o ambiente de trabalho. Na rua já não vê opção, além de drogas e perda de tempo. Também reconhece que o seu crescimento, ou a sua mudança de vida, se deu pelos seus próprios esforços. Teobaldo encontra um ambiente onde pode desenvolver a sua criatividade. Depois de muitas buscas pelo mundo conseguiu ali permanecer, já tem cinco anos. A catadora Graça, fundadora da Associação, recorda as condições precárias em que sobreviviam, antes de se

organizarem. Conta que nenhum de seus filhos seguiu o ofício de catador, e que muitos associados saem da ASMARE na procura de uma outra ocupação. Ela vê essa tentativa de mudança como algo positivo, mas percebe com estranheza o retorno de alguns aos depósitos de lixo ou ao abandono pelas ruas da cidade.

Os associados da APUV ainda procuram um espaço físico para desenvolver o seu trabalho. Identificam a manutenção e o crescimento da Associação, com o encontro desse espaço onde poderão trabalhar com os outros recicláveis, além daqueles que já trabalham - papel, papelão e plástico. Walter também percebe, nos Encontros da categoria, incentivo e possibilidades de crescimento da Organização. Ele sente que é fundamental o crescimento pessoal de cada um. Na sua opinião, a ignorância do ser humano faz adoecer a natureza, que precisa de cuidados, assim como o próprio homem. Lembra da dificuldade que as pessoas têm em separar o lixo dentro das próprias casas. No Encontro que participou na ASMARE, percebe e comenta o fato de, até lá – onde separam os resíduos para a reciclagem – as pessoas descartarem diferentes resíduos num mesmo recipiente.

José aponta, como dificuldade ao crescimento da APUV, a descrença dos catadores. Segundo ele e os outros associados, apesar do apoio que a Prefeitura vem prestando à Associação, ela tem ignorado suas solicitações para participar das reuniões mensais. Penso na fragilidade do poder de negociação da categoria, uma vez que seus constituintes possuem pouca ou nenhuma escolaridade e auto-estima baixa, associada ao próprio ofício. Fato que reafirma a necessidade de participação de agentes mediadores junto aos catadores, com o objetivo de inteirar-se dos seus desejos e tomar parte de suas decisões e ações.

Partindo deste contexto levanto, para ser analisado no próximo item, a seguinte indagação: Que fatores podem contribuir para o processo de emancipação dos catadores?

IV. 4 – DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE E EMANCIPAÇÃO SOCIAL

Os fatores essenciais para a criatividade são a liberdade, a auto-estima e o reconhecimento de um indivíduo como ser humano. Na ausência desses fatores, torna-se precário ou simplesmente inalcançável o desenvolvimento do ser, de acordo com as suas potencialidades de criação. Os catadores de lixo, pelas deficientes

condições de vida nas quais sobrevivem, ficam excluídos de participar do poder decisório da sociedade e, assim, limitam-se a acatar as normas vigentes ou a sobreviver como marginais.

Diante da ausência desses fatores essenciais, que devem ser inerentes à vida de todo ser humano, ou seja, a sua faculdade de criar e de vivenciar o imaginário social, como vivem os catadores? O que buscam, frente às impossibilidades impostas pelas suas condições sociais? Se as normas sociais não incluíram *um lugar* para eles na sociedade, o que esperam ao se organizarem como uma categoria de trabalho?

Ao serem questionados sobre o que esperam da Associação ou da organização da categoria, respondem segundo o estabelecido pelo mundo comum. Mas, a partir do momento, em que não constituíram ou não possuem condições em participar da formação desse mundo, identificam, apenas, as suas necessidades em alcançarem aquilo já estipulado ou pré-determinado socialmente – um lugar para desenvolverem o trabalho; serem ouvidos pelo poder público; serem reconhecidos como profissionais; terem um salário digno para sustentar a família e propiciem um futuro mais digno para os seus descendentes.

O ser humano não permanece aprisionado no seu mundo, mas se organiza por meio de classes, propriedades e relações. Através dessa organização, ele constitui seu mundo, que existe independente dele. Para Castoriadis, existe um extrato do ente total que *possui* uma organização conjuntista-identitária, no sentido mínimo que se pode prestar a uma tal organização. Assim, segundo os dizeres do autor (Castoriadis, 1987: 415p) – *o vivente existe parasitariamente, ou em simbiose ontológica, com um extrato do ente total que é localmente conjuntista-identitário, mas esse extrato se estende até mesmo onde o vivente não está. E é isso, evidentemente, que permite dar conta ao mesmo tempo do extraordinário sucesso da moderna ciência ocidental, e da despropositada ou injusta eficácia da matemática.*

O homem se caracteriza pela constituição de um mundo próprio, que abrange sua própria organização de um mundo para si, onde nada foi dado ou apareceu por acaso, mas sim, foi recolhido de algo externo e transformado. Já o termo *autonomia*, é utilizado por Castoriadis para denominar, no domínio humano, um estado de coisas radicalmente distinto, ou seja, o estado em que *alguém* – sujeito individual ou coletividade – é autor de sua própria lei, de modo explícito e um tanto quanto possível lúcido e não *às cegas*. Isso implica, na possibilidade do ser instaurar uma relação nova com *sua lei*, significando, entre outras coisas, que ele pode modificá-la, consciente do que faz. Nesse sentido, seguindo o raciocínio do autor, o termo *auto-organização* ou

auto-constituição, referente à determinação e à necessidade do ser humano, é mais apropriado do que *autonomia*.(Castoriadis, 1987).

A autonomia não é clausura, mas abertura, ou seja, a possibilidade de ultrapassar o enclausuramento informacional, cognitivo e organizacional, que caracteriza os seres auto-constituíntes e heterônomos. Ultrapassar essa clausura, significa mudar o sistema cognitivo e organizacional já existente. Isso significa constituir seu mundo e a si próprio de acordo com diferentes leis e, portanto, criar um novo *eidos* ontológico, *i.é.*, um si mesmo diferente, em um mundo diferente. Assim, segundo o pensamento de Castoriadis (1987), a alteração desse sistema vai depender unicamente do ser humano, que deve questionar suas próprias leis, sua própria instituição, quando se trata de sociedade.

A princípio, o domínio humano aparece como forte heteronomia – o contraste presente, entre a auto-constituição do vivente e o enclausuramento informacional, cognitivo e organizacional da sociedade arcaica ou tradicional – que pode provocar uma ruptura radical na *organização* social, no sentido mais profundo. Essa ruptura só será possível, se os sujeitos forem capazes de questionar as leis vigentes e, o aparecimento deles, por sua vez, só será possível se, simultaneamente, alguma coisa tiver mudado ao nível da instituição global da sociedade.

A transformação da sociedade, pode se dar tanto pela *ruptura* da sua organização ou da sua forma, como também pela *reinvenção* do seu antigo conteúdo. A necessidade dessa transformação é descrita minuciosamente por Santos (2002), no seu texto *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. Nesta obra, o autor faz uma análise crítica do modelo da racionalidade ocidental, razão indolente, propondo um modelo mais abrangente, a razão cosmopolita – que é fundamentada na sociologia das ausências, na sociologia das emergências e na teoria da tradução.

Enquanto a sociologia das ausências expande o domínio das experiências sociais já disponíveis, a sociologia das emergências expande o domínio das experiências sociais possíveis. As duas sociologias estão estreitamente relacionadas, uma vez que, quanto mais experiências estiverem, no presente, disponíveis no mundo, mais experiências estarão disponíveis no futuro. Quanto maior for a multiplicidade e diversidade de experiências possíveis e disponíveis, maior será a expansão do presente e a contração do futuro. Na sociologia das ausências, a multiplicação e a diversificação de experiências acontece pela via da ecologia dos saberes – dos tempos, das diferenças e

das produções. Já a sociologia das emergências, revela as pistas ou os sinais da amplificação dessas experiências (Santos, 2002).

As experiências de desenvolvimento, trabalho e produção, inserem as cooperativas e as associações de catadores de materiais recicláveis, que são organizações econômicas populares. O sucesso ou o fracasso dessas organizações, de economia não capitalista, vai depender de vários fatores, entre eles, a possibilidade de diálogos e conflitos entre os distintos modos ou formas de produção.

A transição da produção capitalista para a produção cooperativa requer atividades simultâneas de educação e integração social, que preserve o entusiasmo dos trabalhadores e criem as condições necessárias para a sua participação significativa no poder decisório da empresa. Esta participação significativa é especialmente difícil, quando os participantes são pessoas que sofreram formas de extrema exclusão social, como no caso dos catadores de materiais recicláveis. Rodríguez (2002), pesquisando as cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia, identifica como fator essencial para preservação desses espaços, em meio às diversas dificuldades, que se instaure pequenas comunidades de apoio mútuo entre os cooperados. Nessas cooperativas, as atividades lúdicas, culturais, sociais e criativas são tão importantes – do ponto de vista dos participantes – quanto o trabalho cotidiano de reciclagem e, de fato, com frequência, são também as raízes que propiciam a permanência dos recicladores na cooperativa.

O benefício propiciado pela criação de pequenas comunidades de apoio, pode ser observado no Movimento dos Sem Terra - MST. Segundo os estudos realizados por Lopes (2002), a cidade alternativa criada pelo MST integra a produção, a habitação, a recreação, o cuidado da terra e o uso do seu fruto. Essa integração torna fluidas as fronteiras convencionais entre o rural e o urbano e entre os lugares de produção, de habitação e de convivência pública. Assim, as atividades econômicas fornecem o sustento e o incentivo material, enquanto que o sentimento de vínculo afetivo, os processos de educação e, de integração social, proporcionam a energia e o entusiasmo necessários para que os participantes persistam e a iniciativa não desmorone ou se desvirtue.

Estas experiências de produção econômica alternativa, não capitalista, me levam a pensar no presente estudo, ou seja, na organização dos catadores em torno dos restos da sociedade de consumo. As associações pesquisadas têm se empenhado na educação e na integração social dos catadores. A atuação de profissionais nos setores de criatividade, de lazer e de formação ocupacional da ASMARE, demonstra tal esforço. O

incentivo dos mediadores da CAAL na APUV, ao promover a participação dos catadores nos Encontros da Categoria, também evidencia o reconhecimento da importância dessa participação para os associados. Mas, a descrença dos catadores em suas Organizações, evidencia sempre uma questão: por que muitos retornam aos depósitos de lixo ou procuram trabalhar por conta própria?

A busca pela participação significativa dos catadores no poder de decisão da empresa, seja ela uma cooperativa ou uma associação, tem se confrontado com o poder hegemônico. Esse poder está em crise, no sentido de se ver obrigado a ceder espaço para as *novas* identidades que emergem na sociedade contemporânea, ou seja, identidades reprimidas que se rebelam, colocando em questão e deslocando a identidade unificada e centrada no indivíduo moderno – macho, branco e heterossexual. Mudanças estruturais transformam radicalmente o cenário cultural, de tal forma que essa identidade, imposta pelo poder hegemônico, já não reina soberana e assente num espaço aparentemente firme e seguro.

Mas as imagens da subalternidade do passado ainda imperam, e o sujeito, muitas vezes, apesar de ter consciência dos seus direitos e deveres, mantém-se reprimido na fala e na ação. No caso dos catadores, que ainda são normalmente excluídos, o processo de afirmação da sua identidade é lento, uma vez que a imagem deles frente à sociedade é a do mendigo, pedinte, ladrão, drogado ou do marginal que deve ser inserido, por uma questão de caridade e não por questões de direito ou de fato.

A imagem construída socialmente sobre o *catador de lixo*, interage com a auto-imagem que ele vai elaborando. Assim, vítima dessa imagem social, ele se sente descartável como o próprio lixo. Na sociedade contemporânea, a quantidade de excluídos cresce assustadoramente e a sua presença nos espaços públicos já não causa compaixão, mas, sim, desejo em despejá-los para fora das cidades. O retorno do catador aos depósitos de lixo ou a sua busca pelo trabalho independente, não estaria vinculada a tal imagem?

No início do século, na Cidade do Rio de Janeiro, o autor João do Rio descreve, no seu livro *A alma encantadora das ruas*, a subjetividade visível, mas nunca dizível, das *pequenas profissões*. O cigano, o malandro e o trapeiro são retratados como aqueles que, para ganhar a vida, recorrem aos recursos do *cisco*, ou da sobra, do segmento social mais abastado.

Nestas profissões estavam incluídos os catadores de selos, de papéis e de trapos. Além deles, havia também aqueles que caçavam os gatos dos telhados e os ratos dos bueiros, muito cobiçados pelos serviços de Higiene e Saúde Pública da época.

A caça aos gatos era solicitada pelos restaurantes que, na sua necessidade de imitar os *parisienses*, faziam passar *gatos por lebres*. A procura de ratos na cidade, era encomendada pelos serviços de prevenção à saúde que, na época, pretendia eliminar o *reservatório* (rato) do *vetor* (pulga) que transmitia a *bactéria* (*Yersinia pestis*), causadora da peste bubônica.

Na sua narrativa, João do Rio (1951:37) deixa perceber que as *pequenas profissões* eram aquelas sem passagem pela academia. Mas, sem tocar em preconceitos morais, seus adeptos faziam uso da malandragem e da tapeação. A polícia não os perseguia, nem sequer os censurava, pois eles serviam na sua subjetividade e no seu número ainda controlável, aos objetivos da sociedade. Nesse contexto, o autor refere-se aos *trapeiros* como freqüentadores assíduos da *academia da miséria*, onde ainda havia duas *especializações*:

“...A dos trapos limpos e a de todos os trapos. Ainda há os cursos suplementares dos apanhadores de papéis, de cavacos e de chumbo. Alguns se envergonham de contar a existência esforçada. Outros abundam em pormenores e são um mundo de velhos desiludidos, de mulheres gastas, de garotos e de crianças filhos de família, que saem, por ordem dos pais, com um saco às costas, para cavar a vida nas horas da limpeza das ruas...”

“...Todos esses pobres seres tristes vivem do cisco, do que cai nas sarjetas, dos ratos, dos magros gatos dos telhados. São os heróis da utilidade, os que apanham o inútil para viver, os inconscientes aplicadores, à vida das cidades, daquele axioma de Lavoisier: - Nada se perde na natureza. A polícia não os prende, e, na boemia das ruas, os desgraçados são ainda explorados pelos adelos, pelos ferros-velhos, pelos proprietários das fábricas...”

Os trapeiros, no início do século XX, apesar de considerados *desgraçados* ou *coitados*, ainda despertavam compaixão à população. Viviam na boemia das ruas, recolhendo papéis e trapos ou caçando gatos e ratos. Assim, eles se ocupavam em inventar o que catar e onde achar, de acordo com a demanda social – ora ratos e gatos, ora papéis e trapos. Eram explorados pelos donos das fábricas ou pelos comerciantes de ferros-velhos, mas circulavam livremente pelas ruas, sem o controle social. Na época, os marginais à sociedade não eram muitos e, por isso, não ameaçavam a moral vigente. Nos tempos atuais, os grupos marginalizados são cada vez mais numerosos e diversificados na sua ocupação. O seu modo de ganhar a vida, na maioria das vezes na informalidade ou na marginalidade, tem causado preocupação e

pressionado as autoridades na procura de soluções para o problema. Frente à situação de regulação, os catadores já não circulam com liberdade pelas ruas e devem organizar-se em categoria profissional. Organização essa que deve levá-los a participar, de acordo com as suas subjetividades, do poder de decisão da empresa e, em médio prazo, do Estado.

Entre a complexidade de fatores que envolvem a dificuldade de organização dos catadores, um deles pode estar vinculado à sua imagem no passado, *i.é.*, alguns, ainda hoje, persistem em criar uma ocupação, segundo a memória. Assim, na busca de suas reminiscências esquecidas, optam em circular *livremente* pelas ruas da cidade, catando e negociando o preço da mercadoria. Já o retorno aos depósitos de lixo, pode estar associado a uma baixa auto-estima, que os conduz à destruição de si próprios, ou seja, vivem do resto e, assim, como sobra que são, devem ser *deletados* ou condenados a viver nos *lixões* da Cidade.

A possibilidade de a imagem do catador de lixo tornar-se positiva, não depende só da sua integração na sociedade mas, principalmente, da transformação social. O papel desempenhado pelo mediador ou tradutor é fundamental, pois o seu trabalho consiste em contribuir para a interação dinâmica entre o catador e a sociedade. Nesse sentido, ele também deve ser passível de mudança, *i.é.*, ele próprio se torna, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de transformações.

A descrença, tanto dos catadores como da população, na possibilidade de se transformar a realidade, está na extrema fragmentação do real, que por sua vez, vai dificultar os diversos processos de mudança social. A solução, apresentada por Santos (2002), está na análise crítica da razão proléptica e da razão metonímica, através do conceito de totalidade e da concepção de que a história tem um sentido e uma direção.

A razão proléptica, é a face da razão indolente que concebe o futuro a partir de uma monocultura do tempo linear. Monocultura que, simultaneamente, contraiu o presente e expandiu o futuro, restringindo a história no sentido e na direção do progresso. Assim, o progresso não tem limites, ele é infinito e caminha sempre numa direção irreversível, infinitamente abundante e igual. Um futuro, construído nessa linearidade, não necessita ser pensado e é nisto que se fundamenta a indolência da razão proléptica.

A razão metonímica é obcecada pela idéia da totalidade sobre a forma de ordem, ou seja, não há compreensão nem ação que não seja referida a um todo, sendo que o todo tem absoluta primazia sobre cada uma das partes que o compõe. Existe, assim, uma homogeneidade entre o todo e as partes, que não têm existência fora da

relação com a totalidade. Na verdade, o todo é uma das partes transformada, em termos de referência, para as demais. É por isso que todas as dicotomias apoiadas pela razão metonímica contêm uma hierarquia: conhecimento científico/conhecimento tradicional; cultura/natureza; homem/mulher; civilizado/primitivo; capital/trabalho; branco/preto; norte/sul; ocidente/oriente.

Como não existe nada fora da totalidade que mereça ser inteligível, a razão metonímica afirma-se uma razão exclusiva, exaustiva e completa, embora seja apenas dominante nos extratos alcançados pela modernidade ocidental, ou melhor, ela não é capaz de aceitar uma compreensão de mundo além da compreensão dominante no Ocidente.

Seguindo o raciocínio do autor, em busca da razão cosmopolita, devemos atuar no processo de transformação da razão cultivada no Ocidente – a razão indolente. Na razão metonímica, que subtrai outras realidades, os esforços devem ser direcionados para somar essas realidades, àquela considerada única ou hegemônica, *i.é.*, devemos tornar as ausências presentes. As demais culturas devem fazer-se presentes, eliminando a dicotomia que impera no Ocidente. Só assim poderemos sentir a presença das partes ignoradas ou a fragmentação do real, pois qualquer totalidade é composta de heterogeneidade. Suas partes têm vida própria fora dela – como seria o subalterno, sem o seu *superior* ou vice-versa?

Já a razão proléptica, que segue o tempo linear e a monocultura, conduz o homem ao progresso numa única direção, deixando de lado outras realidades em situação de emergência. Essas realidades, para que se tornem possíveis, devem ser pensadas, ou seja, para transformar as realidades ignoradas em possibilidades de existências, devemos encurtar o futuro e expandir o presente.

No processo de transformação da razão indolente em razão cosmopolita, devemos recorrer à teoria da tradução, que vai atuar sobre a ecologia dos saberes, das temporalidades, dos reconhecimentos e da produtividade, veiculando a diversidade de culturas e a *práxis*. Aqui vamos nos deter apenas na ecologia dos saberes, para, por ela, melhor compreendermos o desperdício da experiência, de que estamos sendo vitimados.

Na ecologia dos saberes, percebemos que todos os saberes são incompletos, sendo fundamental o diálogo e o confronto entre eles. Neste intercâmbio, cada saber contribui no modo orientar uma dada prática, na superação de uma dada ignorância. Assim, a ecologia dos saberes permite não só superar a monocultura do saber científico, como também a idéia de que os saberes não científicos são alternativos

aos saberes científicos. Usualmente, a idéia de alternativo pressupõe a conotação de subalternidade. Se tomarmos como exemplo a biomedicina e a medicina tradicional da África, não tem lógica considerarmos esta última como alternativa à primeira. O fundamental é identificar os contextos em que cada uma atua e o modo como concebem o processo de saúde e doença, ou seja, como superam a “ignorância” com o saber aplicado na cura de doenças não diagnosticadas.

No Brasil existe uma rica diversidade cultural. As culturas indígenas e africanas permanecem nos seus hábitos alimentares, nos seus cultos religiosos, na estética do seu vestuário e no seu aspecto decorativo. Mas não possuem o reconhecimento no que diz respeito aos seus saberes e à sua prática. A maioria das pessoas já buscou ajuda, em momentos difíceis da sua existência, nas práticas religiosas de origem africana e, no caso de doenças, na cura praticada pelos xamãs. Os catadores de lixo são, na sua maioria, descendentes de índios e negros, poucos entre eles descendem de europeus. No entanto, no seu cotidiano de luta pela sobrevivência, são levados a seguir os valores da cultura ocidental. Walter fala da preocupação com o futuro dos seus filhos, ele nem sequer pode pagar um curso de inglês para sua filha. José comenta, muito orgulhoso, que a sua sobrinha é professora de inglês. Isto os possibilita sonhar. Entretanto, não seria o caso de mudar o raciocínio e, sim, de torná-lo mais complexo.

Fato bastante compreensível, uma vez que o saber hegemônico é o conhecimento científico e não o tradicional e é a língua inglesa o instrumento universal para alcançarmos tal saber. E assim, buscando um único saber, nós, pobres ocidentais, nos limitamos ao raciocínio linear e indolente, abrindo mão da possibilidade de um presente rico em experiências, em troca de um futuro irreversivelmente direcionado para a riqueza, ou seja, um futuro que exclui outros saberes, outras temporalidades, outros reconhecimentos e outros meios de produção.

O trabalho de tradução, segundo Santos (2002) - *vai fazendo o seu caminho caminhando*. Ele assenta no pressuposto sobre o qual deve ser criado um consenso transcultural, *i.é*, a teoria geral da impossibilidade de uma teoria geral. Sem este universalismo negativo, a tradução é um trabalho colonial, por mais pós-colonial que se afirme.

Assim, a teoria da tradução cria as condições para as emancipações de grupos sociais, num presente marcado pelo desperdício da experiência. No entanto, o autor ressalta que o trabalho de tradução, assente na sociologia das ausências e na sociologia das emergências, apenas permite revelar ou denunciar a dimensão desse

desperdício. O tipo de transformação social que pode surgir, a partir desse trabalho, vai depender das constelações de sentido se transformarem em práticas transformadoras.

A emancipação de grupos, de comunidades e da sociedade, só pode ser alcançada pela criatividade dos seus sujeitos. Neste sentido, os sujeitos devem ter a capacidade de reinventar uma outra realidade, instituindo diferentes leis e criando, desta forma, um novo *eidos* ontológico, um si mesmo diferente, em um mundo diferente. Penso que o processo de emancipação de um pequeno grupo deve ser iniciado com a interação entre o singular e o coletivo, ou seja, a relação entre os seus componentes deve se dar no sentido horizontal. O poder de decisão deve ser construído através da participação interativa entre os diversos componentes de uma comunidade.

O conhecimento popular que os catadores vêm adquirindo através dos tempos, possui uma *zona de contato*⁴⁰ com o conhecimento tecnológico. Esta zona de contato se dá na transformação do lixo em matéria-prima, onde deveria ocorrer o *diálogo* e o *confronto* entre os dois diferentes saberes. No caso dos catadores, não acho adequada a utilização dos termos diálogo e confronto e também tenho dúvidas se me refiro ao encontro dos dois diferentes conhecimentos como *zona de contato*. Tal dúvida reside na apropriação indevida, por parte do poder hegemônico, do saber popular desenvolvido pelos catadores ao longo de muitos séculos. A partir da Idade Média, eles começam a chamar atenção da população, tornando-se conhecidos como os sobreviventes dos trapos - *os trapeiros*. Eles sempre foram explorados no seu conhecimento em recolher, acondicionar, reutilizar ou comercializar os restos e, atualmente, estão sendo solicitados pelo conhecimento científico para atuarem no processo da reciclagem de resíduos.

Na sociedade de consumo contemporânea, onde a tecnocultura e a tecnociência estão sempre prontas a inventar uma solução global para todos os problemas possíveis, as alternativas para a sustentabilidade do meio ambiente são apresentadas por variados meios tecnológicos, aplicáveis a diversas e diferentes situações. Um, entre outros exemplos, é o processo da reciclagem do lixo. A população vem produzindo e descartando produtos, nem sempre respeitando a preservação ambiental. Tais produtos, quando reciclados, também produzem resíduos poluentes. Os aterros sanitários ou as usinas de reciclagem, sem falar nos depósitos de lixo a céu aberto, já se encontram saturados pelo excesso de refugo, não mais proporcionando o

⁴⁰ O conceito de zona de contato foi usado por Santos, baseado no conceito desenvolvido por Mary Louise Pratt. Segundo a autora, as zonas de contato são espaços sociais onde diferentes culturas se encontram, chocam-se entre si, envolvendo-se umas com as outras, muitas vezes em relações de dominação e subordinação altamente assimétricas – tais como o colonialismo e a escravatura, produzindo seqüelas que sobrevivem até hoje pelo mundo a fora (Santos, 2002).

efeito desejado. A solução não deve ser tecnológica e sim cultural. A sociedade deve trabalhar os seus restos, não pelo processo da reciclagem do lixo proveniente do desperdício no consumo de produtos, mas sim através de uma educação ambiental que nos transforme em seres humanos criativos, em vez de meros *consumistas*.

O Estado regula a vida dos catadores, reprimindo-os no seu trabalho de recolher os restos nas ruas da cidade. Esta repressão vem sendo substituída pelo incentivo à organização em associações e cooperativas, que de uma forma ou de outra também podem vir a se tornar uma maneira de controlar, ou seja, um modo de regular a categoria, impedindo que ela alcance a sua emancipação. Em algumas situações, os catadores são confundidos e tratados pelo poder estatal como marginais, ladrões e drogados ou simplesmente como restos que devem ser descartados pela sociedade. Assim considerados, eles podem ser transformados em marginais desprovidos de valores humanos, verdadeiros e dignos. Já em outras ocasiões, a própria condição da regulação social é manifestada na organização das cooperativas, quando são planejadas e dirigidas pelo próprio Estado, anulando a existência da categoria, que tende a permanecer à sombra da sociedade, sem opção de uma vida autônoma. Cabe lembrar que o Estado, ao invés de torna-se sujeito da situação ou explorador de sua mão de obra, deveria apenas subsidiar o suporte básico de organização, sem jamais interferir no poder de decisão da categoria.

A sociedade necessita de uma transformação no que se refere à sua representação cultural. A diversidade de culturas existentes entre continentes, países, estados, regiões e, até mesmo entre segmentos de uma mesma sociedade, não está representada quanto aos direitos e deveres dos cidadãos. As condições de vida dos catadores de materiais recicláveis, demonstram que eles ainda estão desprovidos de representação nos seus direitos perante a sociedade. A ausência de igualdade de direitos e de reconhecimento da identidade dessa categoria, tem impossibilitado a sua emancipação, tornando-os vulneráveis a uma indevida regulação social.

Os catadores, além de contribuírem no processo da reciclagem de resíduos, nomeiam novo significado aos objetos descartados, ou seja, designam uma nova função para sua reutilização. Na ASMARE, no setor de marcenaria, podemos observar a criatividade dos aprendizes (filhos de catadores) na transformação de móveis usados em novas e belas peças decorativas. No Bar Reciclo, os artesãos (antes desabrigados ou população de rua) transformam diversos materiais desprezados em objetos criativos – fantasias de carnaval, roupas, oratórios e esculturas. Também pude constatar, na cidade de Porto Alegre, numa cooperativa de separação de resíduos

sólidos, que diversos objetos, tais como imagens de santos e brinquedos, foram selecionados pelos catadores com a finalidade de recuperá-los e reutilizá-los em suas vidas. Em outra localidade, próxima a um depósito de lixo, na cidade de Niterói - RJ, catadores que residem no local enfeitam suas casas com objetos encontrados no lixo. Esta situação evidencia claramente o desperdício no consumo de produtos, ao mesmo tempo em que percebemos como esse desperdício pode ser transformado pelo potencial de criatividade humano.

Figura 4.1: Centro de artes ASMARE.

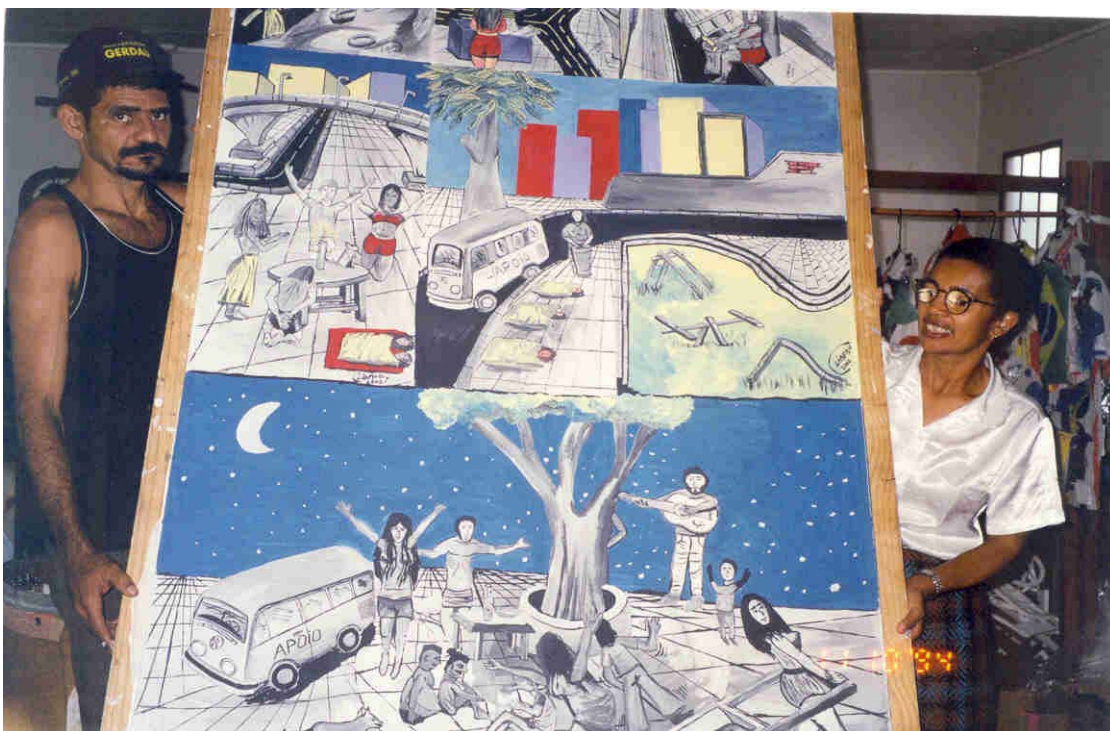


Figura 4.2: Oficina de papel reciclado da ASMARE



Figura 4.3: Pintura de Artesão da ASMARE



Figura 4.4: Objetos selecionados para uso próprio dos catadores.



Figura 4.5: Catador de papel e papelão.



Figura 4.6: Filho de catador.

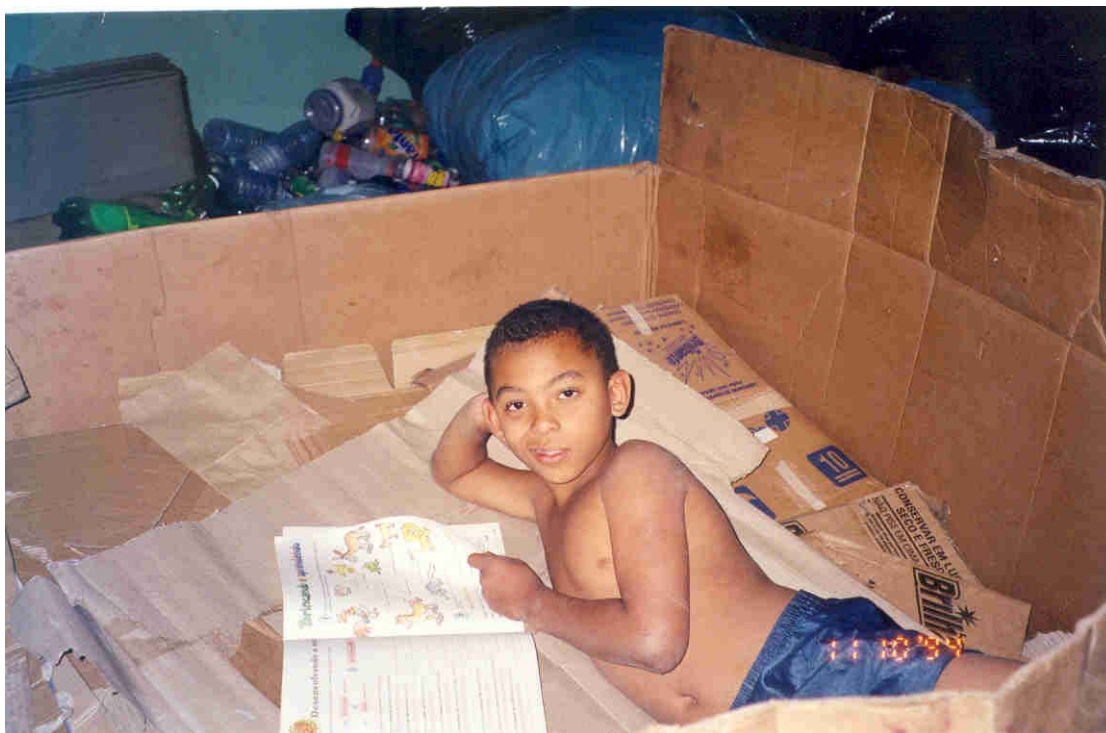
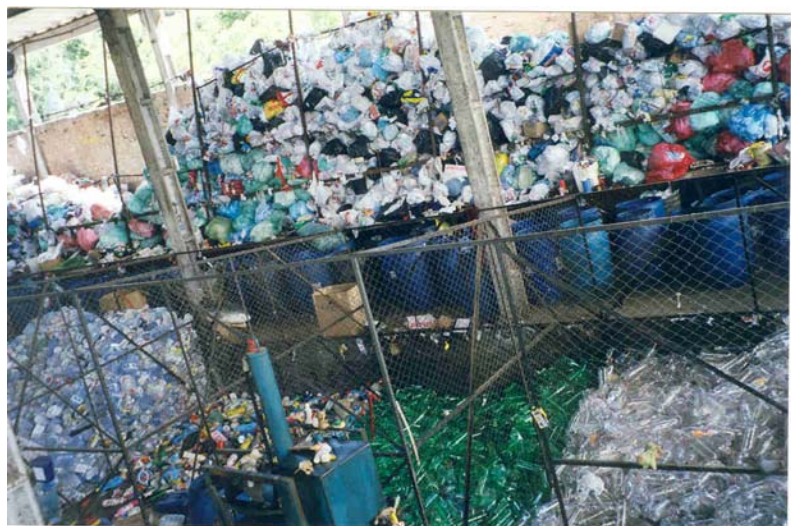


Figura 4.7: Usina de separação de materiais recicláveis.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da tese é subsidiar a invenção de espaços-ambiente apropriados ao desenvolvimento da singularidade humana. Espaços esses que devem propiciar o desenvolvimento do potencial de criatividade do sujeito e a sua conseqüente inserção no mundo comum, ou seja, as pessoas integrantes de um determinado grupo ou comunidade, interagindo com a sociedade como um todo, devem passar por transformações culturais, sociais e políticas capazes de conduzi-las ao processo de emancipação social.

Com a intenção de discutir este objetivo selecionei, no conteúdo da tese, duas questões que considere prioritárias: 1 - A integridade da saúde pública e os interesses da sociedade de consumo; 2 - A vinculação entre emancipação social e criatividade de sujeitos.

1- A INTEGRIDADE DA SAÚDE PÚBLICA E OS INTERESSES DA SOCIEDADE DE CONSUMO

Os resíduos considerados os mais perigosos, não são mais os provenientes das doenças infecto-contagiosas. Esses resíduos foram temidos quando o homem ainda não tinha domínio sobre as enfermidades, pois desconhecia seus mecanismos de transmissão ou de contágio, os quais, em determinada época, eram atribuídos ao divino e ao ar corrompido por energias negativas e partículas invisíveis pesadas e pegajosas, conhecidas como miasmas.

Nos dias de hoje, apesar dos resquícios destas recordações do passado, o resíduo mais temido é aquele produzido pelo homem, que é capaz de destruir, em escala planetária, a vida humana e a natureza. Esses resíduos são o resultado dos interesses da classe hegemônica ou de uma sociedade que vem priorizando, de maneira inconseqüente, a produção, o consumo e o descarte dos seus produtos.

A bem da verdade, o homem, ao criar determinado produto, muitas vezes desconhece seus possíveis efeitos tóxicos e letais. No entanto, esse produto faz com que a classe hegemônica de vários países se sinta “poderosa”, quando, por exemplo, possui o controle de uma arma destrutiva e ameaçadora. Cabe lembrar o caso do físico Bronowski, membro da equipe do Projeto Manhattan, que produziu a bomba atômica, tragicamente utilizada na II Guerra Mundial. Bronowski, na década de 70, confessou seu desconhecimento e descontentamento pelo fato dos seus estudos de física atômica terem sido utilizados para a fabricação de uma arma de capacidade letal ainda não superada, a ser usada contra o próprio homem.

O descuido e a ignorância relacionados ao destino final de produtos, que causam riscos à população e ao ambiente, torna-se claramente evidenciado no caso da contaminação pelo césio 137, ocorrido na cidade de Goiânia, no Brasil. Um aparelho de césio-137, que se encontrava fora do seu uso em tratamentos médicos, foi descartado num galpão. Dois sucateiros encontraram o aparelho e, não sabendo a sua função e risco, foram seduzidos pelo brilho de um pó branco. Passaram-no pelo corpo como se fosse uma purpurina, disseminando aquela coisa mortífera pela cidade. A negligência no descarte do lixo radioativo por parte das autoridades responsáveis e a ignorância da população sobre a sua periculosidade, conduziram à contaminação radioativa, causando danos de repercussão mundial. O acidente, além da terrível tragédia humana, foi também um desastre para a economia de Goiânia – ninguém queria viajar para a cidade e os seus produtos passaram a ser evitados. Este acidente mostra que, além da irresponsabilidade no descarte de resíduos radioativos, também existe o despreparo em lidar com as tecnologias dos países de economia central – compramos tecnologia do primeiro mundo, mas não seguimos as normas de contenção que deveriam ser aplicadas a essa tecnologia, ou seja, assumimos uma tecnologia sem garantir o controle dos seus riscos. A irresponsabilidade envolve a cumplicidade, baseada em interesses econômicos, entre autoridades dos países de economia central e as de economia periférica.

A negligência do poder hegemônico com os sentimentos e as emoções do ser humano, vem ocasionando drásticas conseqüências para o planeta, como evidenciou o atentado terrorista e suicida ocorrido nos Estados Unidos em 11/09/2001. Neste atentado, os terroristas usaram o próprio corpo como bomba, sacrificando a vida em função de fortes sentimentos de revanche e contrariedade, relacionadas ao desrespeito entre diferentes culturas. No final, o país que sempre teve sua economia fundamentada na produção e no consumo de produtos, transformou um depósito de lixo em cemitério, ou seja, os restos resultantes do atentado terrorista foram levados ao

antigo aterro sanitário, que havia sido desativado a pedido dos moradores locais. Assim, restos de corpos humanos, sobras de concreto, pedaços de aeronaves e diversos materiais de consumo foram transportados como lixo e descartados no mesmo depósito.

Neste sentido, a produção de produtos letais à humanidade, o descaso no destino final dos resíduos radioativos e a violência gerada pela ganância do “poder” econômico, geram angústia e ansiedade no homem e o conduzem a um abismo ainda maior entre ele e a sua práxis.

Contudo, se o homem conseguir vencer a angústia, ele poderá ordenar seu pensamento e, através de associações de idéias e de fatos vividos, criar processos de produção não poluentes e produtos de consumo não descartáveis, bem como criar medidas de contenção no descarte de resíduos perigosos à saúde e ao ambiente.

2- A VINCULAÇÃO ENTRE EMANCIPAÇÃO SOCIAL E CRIATIVIDADE DE SUJEITOS

A inserção do artista no mundo comum se dá pela sua obra. O fazer do artista incorpora a unificação entre consciente e inconsciente e entre objetivo e subjetivo. Dessa forma, ele é capaz de aproveitar suas idéias, mesmo quando elas são desprezadas pela sociedade. Assim, o artista percebe, organiza, dá forma e expressa no seu fazer, o que sente como a verdade dos fatos.

A emancipação social vai depender da criatividade de sujeitos. Como os catadores de materiais recicláveis, que ainda sofrem formas extremas de exclusão social, poderão ser inseridos no mundo comum?

Os catadores, quando organizados em associações ou cooperativas, podem tornar-se um pequeno grupo e, através dele, dar vazão ao seu processo de criatividade. Mas, para isso, necessitam de liberdade, auto-estima e pertença social.

A imagem negativa da sociedade sobre os catadores, interage com a auto-imagem que ele formou de si próprio. Quando não organizados, são vistos como marginais à sociedade. No entanto, ao se organizarem, também sofrem discriminações. Apesar de mediadores reconhecerem os direitos e deveres dos catadores, o poder público, ao garantir o suporte básico para a organização daqueles profissionais, costuma não respeitar o direito de decisão da categoria. Tal fato desencadeia a descrença e a desunião entre os membros formadores do pequeno grupo, impedindo o processo de emancipação social e, conseqüentemente, o desenvolvimento da criatividade dos sujeitos.

O homem, quando lhe é possibilitado desenvolver o seu potencial de criatividade, não precisa copiar soluções estabelecidas por outras realidades divergentes da sua. Assim, imbuído da sua capacidade inata de criação, ele, vencendo a angústia, pode ordenar e formatar suas idéias e criar o seu universo, suas leis e seu lugar no mundo, de acordo com seu desejo. No entanto, para alcançar a emancipação e a criatividade, torna-se necessário que tanto os catadores, como a sociedade, sofram transformações simultâneas no seu aspecto econômico, político e cultural.

A criação de soluções para resolver os problemas do lixo, desde a produção até o seu destino final, deve partir de cada pessoa do grupo, ou seja, o singular deve interagir com o coletivo, formando um todo e, desta forma, desenvolver medidas a favor da saúde pública. Entretanto, cabe lembrar que esse todo não é constituído pelo simples somatório das suas partes, uma vez que cada parte continua mantendo a sua singularidade.

BIBLIOGRAFIAS

1 - CITADAS

ACHUTTI, L.E.R., 1997. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca.

ANDRADE, F., 2002 *Farnese de Andrade*. Texto de Rodrigo Naves. São Paulo: Cosac & Naify, 456p. , 342 ilustrações.

ARTAUD, A., 1999. *O Teatro e seu Duplo*. Tradução de Teixeira Coelho. 2 edição. São Paulo: Martins fontes.

BARRETO, P. (João do Rio), 1951. *A Alma Encantadora das Ruas*. Rio de Janeiro: Edição das Organizações Simões.

BARTHOLO, R. & BURSZTYN, M., 2001. Prudência e Utopismo: Ciência e Educação para a Sustentabilidade, in *Ciência, Ética e Sustentabilidade: desafios ao novo século*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.

BECKER, H.S., 1994. *Métodos em Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec.

BERGSON, H., 1999. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes.

BEYNON, H., 1999. Protesto Ambiental e Mudança Social no Reino Unido. *MANA; Estudos de Antropologia Social*, vol.1:7-28.

BRAGA, M.I.R.M.D., 2001. *Assistência, Saúde pública e Prática Médica em Portugal: séculos XV-XIX*. Lisboa: Universitária Editora.

BRAUNE, F., 2000. *O Surrealismo e a Estética Fotográfica*. Rio de Janeiro: 7 letras.

CASTORIADIS, C., 1987. *As Encruzilhadas do Labirinto II: os domínios do homem*. Tradução José Oscar de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____, 1999. *Feito e a Ser Feito: as encruzilhadas do labirinto V*. Tradução Lílian do Valle. Rio de Janeiro: DP&A.

CUNHA e SILVA, L. F., 2000. *Labirinto: ovo o reverso da linha*. Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública / Fiocruz. 257 p.

CZERESNIA, D. 1997. *Do contágio à transmissão: ciência e Cultura na gênese do conhecimento epidemiológico*. Rio de Janeiro: fiocruz.

DAWN, A., 1995. *Siron Franco - Figuras e Semelhanças – Pinturas 1968/1995*. Rio de Janeiro: Index.

DE PESTE Commentarijs por Bernardus Dessennius, MDLXVIII. Catálogo de obras raras da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Portugal.

DEBRAY, R., 1994. *Vida e Morte da Imagem: uma história do olhar no ocidente*. Petrópolis: Vozes.

DINIZ, A.S. 1999. Epidemia: história epistemológica e cultural. *Revista Política & Trabalho, n.15: 179-192p*.

EIGENHEER, E.M. 1999. *Lixo e Vanitas: considerações de um observador de resíduos*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense. 266p.

EISENSTEIN, S., 2002. *A Forma do Filme*. Tradução de Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ELEGIA DE PESTE por Giovanni Ursino em 1541, seção de obras raras da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Portugal.

ELIAS, N & DUNNING, E., 1992. A Busca da Excitação no Lazer in: *A Busca da Excitação* Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: DIFEL.

FERREIRA, J.A., 1999. Lixo Domiciliar e Hospitalar: semelhanças e diferenças. In: *Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*. Rio de Janeiro – anais: ABES, 1903-10p.

FISCHER, N.B., 1996. Educação Popular em Tempos de Mulheres Papeleiras In: *A Fala dos Excluídos. Cadernos Cedes, n 38: 100-112*.

FRAZÃO, J., 1998. *Siron franco – Pinturas em Série*. Dissertação de Mestrado em História da Arte, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FREIRE, P., 1996. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 27 edição. São Paulo: Paz e Terra.

FREUD, S, V. XII (1911/1913), 1969. *Formulações dos Dois Princípios do Funcionamento Mental*. Edições Stander das obras psicológicas completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago.

_____. V. IX (1907/1908) *Escritores Criativos e Devaneios*, 1969. Edições Stander das Obras psicológicas completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago.

_____. V. XVII (1917/1919) *O Estranho*, 1969. Edições Stander das obras psicológicas completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago.

GINZBURG, C., 1988. Raízes de um Paradigma Indiciário In: *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. Tradução Frederico Carotti. São Paulo: Cia das Letras.

GUATTARI, F., 1990. *As Três Ecologias*. Tradução Maria Cristina Bittencourt. 10 edição. Campinas/SP: Papirus.

KRAJCBERG, F., 2000. *Frans Krajcberg Revolta*. Texto de Frederico Morais. Rio de Janeiro: GB Arte, 192p.

LACAN, J., 1997. A Ética da Psicanálise in: *O Seminário Livro 7*. Tradução de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LAYRARGUES, P.P., 2002. O Cinismo da reciclagem: o significado ideológico da Reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para educação ambiental. In: *Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania*. LAYRARGUES, P.P. ; CASTRO, R.S. (orgs). São Paulo: Cortez.

LOPES, J.M.A., 2002. O Dorso da Cidade: os sem terra e a concepção de uma outra cidade. In: *Produzir para Viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MARTINS, J.S., 2002. *A Sociedade Vista do Abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.

MIZIARA, R., 2001. *Nos Rastros dos Restos: as trajetórias do lixo na cidade de São Paulo*. São Paulo: EDUC, 235p.

MOMBERGER, C.D., 2000. *Les Histoires de Vie: de l'invention de soi au projet de formation*. Paris: Anthropos.

MOURA, L., 1996. *Os Homens Lixo*. Lisboa: Fenda edições.

OLIVEIRA, M.V., 2001. *Entre Ruas, Lembranças e Palavras: a trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

OSTROWER, F., 1987. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes.

PILOUX, M., 1997. O Velho Operário e a Nova Fábrica. In *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes.

PORTILHO, M.F.F., 1997. *Profissionais do Lixo: um estudo sobre as representações sociais de engenheiros, garis e catadores*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro: IP/EICOS.

RANK, O., 1976. *Volonté et Psychothérapie*. Paris: Payot.

RODRIGUES, J C., 1999. *O Corpo na História*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

RODRIGUES, M.H., 1999. A Medicina no Tempo das Descobertas e os Serviços de Saúde Pública nos Territórios Ultramarinhos. *Africana n.20, Março*.

_____, 1999. A Evolução dos Serviços de Saúde Pública nas Províncias Ultramarinhas do Século XVIII ao Final do Século XIX. *Africana n.21, Setembro*.

RODRÍGUEZ, C., 2002. À Procura de Alternativas Econômicas em Tempos de Globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia In: *Produzir para Viver: os caminhos da produção não capitalista*. Boaventura de Sousa Santos/organizador. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SANTOS, B.S. & ARRISCADO, N.J., 2003. Para Ampliar o Cânone do Reconhecimento da diferença e da Igualdade in *Reconhecer para Libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Boaventura Sousa Santos/organizador. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SANTOS, B.S. & RODRÍGUEZ, C., 2002. Para Ampliar o Cânone da Produção in: *Produzir para Viver: os caminhos da produção não capitalista*. Boaventura de Sousa Santos/organizador. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SANTOS, B.S., 1997. Por uma Concepção Multicultural de Direitos Humanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais, n48, Junho*.

SANTOS, B.S., 1999. A Reinvenção Solidária e Participativa do Estado. *Oficina do CES, N 134*, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

SANTOS, B.S., 2001. Subjetividade, Cidadania e Emancipação in *Pela Mão de Alice*. São Paulo: Cortez.

SANTOS, B.S., 2002. Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências In: *Revista Crítica de Ciências Sociais, vol.63, Outubro: 237-280*.

SANTOS, M., 1996. Metrópole: a Força dos Fracos é o seu Tempo Lento in: *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informal*. São Paulo: Hucitec.

_____, 2000. *Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record.

SERVENKO, N., 2001. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. Coordenação Laura de Melo e Souza, Lilia Moritz. São Paulo: Companhia das Letras.

SOKOLOVSKY, B., 2001. A Arte como Resposta a Brutalização do Homem e da Natureza pelo Homem in: SOUSA, Edson Luiz André; TESSLER, Élide & SLAVUTZKY, Abrão (orgs). *A Invenção da Vida: arte e psicanálise*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

SOUSA, E L A., 2000. Trabalhos Invisíveis in: Associação Psicanalítica de Porto Alegre (org). *O Valor Simbólico do Trabalho e o Sujeito Contemporâneo*. Tradução Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

TASSINARI, A., 2001. *O Espaço Moderno*. São Paulo: Cosac & Naify Edições.

VALADARES, J.C., 1994. *Espaço, Ambiente e Situação do sujeito*. Tese de Doutorado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz, Rio de Janeiro. 158p.

VALADARES, J.C., 2000. Ambiente e Comportamento: os restos da atividade humana e o mal estar na cultura In: *Resíduos Sólidos, Ambiente e Saúde: uma visão multidisciplinar*. Organizado por Cristina Sisino e Rosália Maria de Oliveira. Rio de Janeiro: Fiocruz.

VELLOSO, M.P., 1995. *Processo de Trabalho da Coleta do Lixo Domiciliar na Cidade do Rio de Janeiro: percepção e vivência dos trabalhadores*. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz, Rio de Janeiro. 125p.

WINNICOTT, D.W., 1970. *Processus de maturation Chez l' enfant*, Paris: Payot.

WINNICOTT, D.W., 1975. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

ZANON, U., 1990. Riscos Infeciosos Imputados ao Lixo Hospitalar: realidade epidemiológica ou ficção sanitária? *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, v.23, n.3, p.163-70, jul-set.

A Corte Portuguesa no Brasil. [http:// www.historianet.com.br](http://www.historianet.com.br)

Alguém que fingiu ser gari. 04/2003 [http:// www.resol.com.br](http://www.resol.com.br).

Aterro lixo pode tornar-se um cemitério/ fonte/ This is London em 8 de Outubro de 2002 [http:// www.resol.com.br](http://www.resol.com.br)

Caçando ratos [http:// www..historianet.com.br](http://www..historianet.com.br)

Considerações sobre os resíduos sólidos de serviços de saúde [http:// www.fen.ufg.br/revista](http://www.fen.ufg.br/revista).

Cidadania/personalidade/Oswaldo Cruz [http:// www.miniweb.com.br](http://www.miniweb.com.br).

Vigilância epidemiológica de doenças e agravos específicos [http:// www.funasa.gov.br](http://www.funasa.gov.br) .

2 - CONSULTADAS

AMADO, J. & FERREIRA, M.M., 2001. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro - 4 ed. : FGV. 304 p.

BRASSAI, G., 2000. *Conversas com Picasso*. São Paulo: Cosac & Naify. 375 p.

CARTAS inéditas d'El-Rei D.Pedro V – Rei de Portugal. prefaciadas e anotadas por Mendes dos Remédios e seguidas de um estudo psycologico por Ernesto Loureiro. Coimbra: Ed. F. França Amado, 1903. Catálogo de obras raras da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Portugal.

CLARK, L. & OITICICA, H., 1998. *Cartas 1964-74*. Organização Luciano Figueiredo. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2ª edição. 259 p.

DE MASI, D., 1999. *A Emoção e a Regra: os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950*. Tradução Elia Ferreira Edel. – 3 ed. – Rio de Janeiro: José Olympio. 419 p.

DREIFUSS, R. A., 1996. *A Época das Perplexidades: mundialização, globalização e planetarização: novos desafios*. Petrópolis, RJ: Vozes. 350 p.

ECO, U., 1977. *Como se faz uma tese*. São Paulo: editora Perspectiva. 170 p.

EIGENHEER, E. M., 1993. *Raízes do Desperdício*. Organização Emílio Maciel. Rio de Janeiro: ISER. 102 p.

EISENSTEIN, S., 2002. *O sentido do filme*. Tradução Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 159 p.

FERREIRA, J. A., 1997. *Lixo Hospitalar e Domiciliar: semelhança e diferenças: estudo de caso no município do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz.

FISCHER, E., 1987. *A necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: editora Guanabara S/A, 9ª ed.. 254 p.

FREI BETO, 2000. *Crise da Modernidade e Espiritualidade in: O Desafio Ético*. Rio de Janeiro: Garamond.

FREUD, S., (1920-1922), 1969. *Além do Princípio de Prazer*. Volume XVIII. Edição Standard das Obras completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago.

GARDNER, J., 1996. *Cultura ou Lixo?*. Tradução Fausto Wolff. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 256 p.

GUIMARÃES, M., 2000. *Educação Ambiental: No consenso um embate?* Campinas, SP: Papirus. 94 p.

HARTUMUT, U., 1999. *Lixo na Alemanha*. Organização Emílio Maciel. Rio de Janeiro: Sette Letras. 30 p.

- HEIDEGGER, M., 1998. *Carta sobre o Humanismo*. Lisboa: Guimarães. 102 p.
- HESS, R. & LUZE, H., 2000. *Le Moment de La Création*. Paris: Anthropos. 358 p.
- HIDALGO, L., 1996. *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 204 p.
- JUNCÁ, D. & GONÇALVES, V. P., 2000. *A mão que obra no lixo*. Niterói: Editora UFF. 121 p.
- LAPLANCHES, J. & PONTALIS, J. B., 1983. *Vocabulário da Psicanálise*. 7ª edição, São Paulo: Martins Fontes. 707 p.
- MEDICINA Española por Juan Sorapan de Rieros*, 1616. Catálogo de obras raras da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Portugal.
- MORUS, T., 2000. *A Utopia*. Lisboa: Guimarães. 172 p.
- MOSQUERA, G., 1999. *Cildo Meireles*. São Paulo: Cosac & Naify. 160 p.
- PASSERON, R., 1989. *Pour une philosophie de la creation*. Paris: Klincksieck.
- RIBEIRO, A .S., 2002. *As Humanidades como Utopia*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, outubro, 199-207p.
- SANTOS, B. S., 2001. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. Organização Boaventura de Souza Santos. – 3. ed. – São Paulo: Cortez. 451p.
- SILVA, T. T., 2003. *O Currículo como Fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica. 120 p.
- SNOW, C. P., 1995. *As duas culturas*. Lisboa: editora Presença. 150 p.
- SOUSA, B. S., 1987. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento. 59 p.
- _____, 2002. *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez. 272 p.
- TRATADO nvevamente impresso de todas las enfermedades por Diaz Francisco*. S.D. Catálogo de Obras Raras da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Portugal.